GUILHERME HENRIQUE DE MELO SILVA

A REFERENCIAÇÃO MULTIMODAL NO GÊNERO CHARGE **ANIMADA**: EXPRESSÃO CRIATIVA E (RE)CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

LAVRAS-MG
2025

GUILHERME HENRIQUE DE MELO SILVA

A REFERENCIAÇÃO MULTIMODAL NO GÊNERO CHARGE ANIMADA:

EXPRESSÃO CRIATIVA E (RE)CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Letras, área de concentração em Linguagem, Cultura e Sociedade, para a obtenção do título de Mestre.

Profa. Dra. Helena Maria Ferreira
Orientadora

LAVRAS-MG
2025

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Silva, Guilherme Henrique de Melo.
A referenciação multimodal no gênero charge animada: expressão criativa e (re)construção de sentidos / Guilherme Henrique de Melo Silva. - 2025.
115 p. : il.

Orientador(a): Helena Maria Ferreira.
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Lavras, 2025.
Bibliografia.

1. Charge animada. 2. Linguagem multimodal. 3. Referenciação. I. Ferreira, Helena Maria. II. Título.

GUILHERME HENRIQUE DE MELO SILVA

A REFERENCIAÇÃO MULTIMODAL NO GÊNERO CHARGE ANIMADA:
EXPRESSÃO CRIATIVA E (RE)CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

MULTIMODAL REFERENCE IN THE ANIMATED CHARGE GENRE: CREATIVE EXPRESSION AND (RE)CONSTRUCTION OF MEANINGS

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Letras, área de concentração em Linguagem, Cultura e Sociedade, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 28 de fevereiro de 2025.
Dra. Isabel Muniz Lima (UFAL).
Dra. Jaciluz Dias Fonseca (UFLA).

gov.br
Documento assinado digitalmente
HELENA MARIA FERREIRA
Data: 17/04/2025 23:06:21-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Helena Maria Ferreira
Orientadora

LAVRAS-MG
2025

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sebastião José da Silva e Sonia de Fátima de Melo Silva, por me ensinarem desde os meus primeiros momentos de vida o que é o amor em sua forma mais pura. Agradeço por acreditarem tanto em mim, muitas vezes mais do que eu mesmo consegui. Sinto orgulho em ser reflexo de tanta garra, cuidado e dedicação; sem vocês eu não seria um décimo do que sou hoje. Carrego, em mim, um pedaço de cada um, onde quer que eu esteja.

À minha irmã, Kathellen Mara Melo Silva, por ser minha confidente e cúmplice. Você sempre esteve ao meu lado, mesmo nos momentos em que as palavras não foram ditas, oferecendo sua presença de forma tão natural que se tornou um dos maiores confortos que alguém poderia ter. Caminhar lado a lado contigo é um privilégio que palavras não são capazes de descrever. É um sentimento que transborda e se traduz em gestos, olhares e memórias que guardo com carinho no coração.

A meus amigos, pelos episódios marcantes, pelos incontáveis ensinamentos, pelas risadas partilhadas — e que foram capazes de curar muitos momentos doloridos —, enfim, por tudo e tanto que fortalece, a cada dia mais, a nossa amizade. Com vocês, aprendi o valor dos gestos mais simples e o poder de estar cercado por pessoas que verdadeiramente importam. Vocês são pilares que sustentam muitas das minhas melhores memórias, as quais jamais esquecerei. Obrigado por trazerem mais cor e brilho aos meus dias.

À minha orientadora, Drª. Helena Maria Ferreira, minha eterna mentora não só academicamente, mas também em outros e tantos aspectos da vida. Sua presença em minha trajetória vai muito além das orientações que tornaram a concretização desta dissertação possível. Desde o início da minha graduação em Letras, em 2018, você me mostrou que a vida pode ser bonita, e não tão assustadora quanto parece, basta ter as pessoas certas ao lado. Entre tantos artigos, capítulos e incontáveis conversas, você foi indispensável na construção do pesquisador que sou hoje.

À Drª. Jaciluz Fonseca Dias, uma das minhas inspirações como profissional e, sobretudo, como pessoa. Você não apenas despertou em mim o amor pela escrita acadêmica, mas transformou algo que poderia facilmente gerar ansiedade e medo em uma das minhas maiores paixões: pesquisar. E tudo isso foi realizado de uma maneira tão leve e natural que, positivamente, ainda me espanta. Espero, um dia, alcançar o nível de excelência que você representa para muitos.

À Dr.ª Isabel Muniz Lima, por ter aceitado compor, como membra externa, a banca avaliadora da minha dissertação. Desde a leitura de sua tese até os preciosos apontamentos

feitos durante a qualificação, pude expandir meus horizontes. Você foi uma das responsáveis, ainda que indiretamente, por me mostrar o encanto do campo da Linguística Textual, e a partir disso, o fenômeno da referenciação, que embora seja um fenômeno desafiador, é também um universo fascinante de se explorar. Sua generosidade e precisão nas palavras ficarão para sempre marcadas.

Por fim, a todos aqueles que, de alguma forma, atravessaram o meu caminho durante esses vinte e cinco anos e contribuíram para que eu me tornasse quem sou. Levo cada contribuição comigo, como um mosaico que compõe a minha história. Obrigado.

"A todos esses que em mim atingiram zonas assustadoramente inesperadas, todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em: eu".

(Clarice Lispector)

RESUMO

A referenciação é um dos temas mais amplamente explorados na Linguística Textual (LT). Apesar dos avanços das pesquisas sobre essa temática, várias questões relativas a ela têm sido ressignificadas, seja pela necessidade de revisão e aprofundamento de conceitos teóricos, seja pela necessidade de uma abordagem de fenômenos decorrentes de usos sociais da linguagem em função de novos modos de interação, principalmente, o digital. Esta dissertação tem como objetivo geral analisar como a referenciação ocorre em textos multimodais, concentrando-se no gênero charge animada. A escolha por esse gênero se justifica pela sua abordagem de questões cotidianas, ampla circulação social e configuração multimodal, permitindo propostas que envolvem a vivacidade da língua e a crítica político-social. Isso posto, as discussões sobre o gênero charge são fundamentadas nos trabalhos de Romualdo (2000), Souza e Machado (2005) e Teixeira e Angelo (2010), enquanto as pesquisas de Rojo e Barbosa (2015), Ribeiro (2018) e Rojo e Moura (2019) oferecem suporte para a compreensão da linguagem multimodal, característica dos textos que circulam socialmente. No que tange ao contexto da cibercultura, são resgatados os conceitos de Lévy (1999) e Santaella (2003). Além disso, a discussão sobre o fenômeno da referenciação apoia-se nos estudos de Cavalcante (2011; 2022), Mondada e Dubois (2003), Koch, Morato e Bentes (2012), Silva (2012), Lima e Feltes (2013), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Fontinele e Carvalho (2022; 2023) e Koch (2002; 2010; 2012; 2023), que fornecem embasamento teórico essencial para a análise. Para exemplificar as ocorrências de referências e os efeitos de sentidos suscitados pelas escolhas feitas na produção textual multimodal, é selecionada a charge animada intitulada *Questão Pedagógica* (2017), criada por Maurício Ricardo. Como resultado, a presente dissertação reitera as pesquisas já realizadas, constatando a complexidade desse processo. Em linhas gerais, destacam-se 3 (três) pontos: (i) a natureza enunciativa da referenciação, uma vez que pode ocorrer uma relação entre textos, a qual traz uma situação de dependência, de modo que a introdução referencial seja em um texto e a retomada apareça em outro; (ii) a presença de processos de referenciação desencadeados pelas interações em contextos digitais, em que outros textos dialogam entre si, retomando e recategorizando um referente, em uma cadeia enunciativa; e (iii) as especificidades da construção dos referentes em textos dessa natureza, que é realizada a partir das escolhas das diferentes semioses, que, combinadas, contribuem para a introdução de um referente e/ou para a sua retomada/recategorização. Essas especificidades contribuem para que o processo de referenciação em textos multimodais seja analisado para além da materialidade (co)textual. No caso das charges animadas, as escolhas

linguísticas vão além da simples construção dos referentes, pois também direcionam sua representação, evidenciando posicionamentos e intencionalidades implícitas. Por isso, comprova-se que os diversos recursos semióticos utilizados se interconectam na elaboração de um projeto de dizer, impactando significativamente a forma como os sentidos são produzidos e interpretados pelo público.

Palavras-chave: charge animada; linguística textual; multimodalidade; referenciação.

ABSTRACT

Referencing is one of the most widely explored topics in Textual Linguistics (TL). Despite advances in research on this subject, several issues related to it have been redefined, whether due to the need for a review and deepening of theoretical concepts or the necessity of addressing phenomena arising from the social uses of language in response to new modes of interaction, particularly digital ones. This dissertation aims to analyze how referencing occurs in multimodal texts, focusing on the animated charge genre. The choice of this genre is justified by its approach to everyday issues, broad social circulation, and multimodal configuration, allowing proposals that involve the liveliness of language and socio-political critique. With that in mind, discussions on the charge genre are based on the works of Romualdo (2000), Souza and Machado (2005), and Teixeira and Angelo (2010), while the research of Rojo and Barbosa (2015), Ribeiro (2018), and Rojo and Moura (2019) supports the understanding of multimodal language, a characteristic of texts that circulate socially. Regarding the context of cyberculture, the concepts of Lévy (1999) and Santaella (2003) are revisited. Furthermore, the discussion on the phenomenon of referencing is based on the studies of Cavalcante (2011; 2022), Mondada and Dubois (2003), Koch, Morato, and Bentes (2012), Silva (2012), Lima and Feltes (2013), Cavalcante, Custódio Filho, and Brito (2014), Fontinele and Carvalho (2022; 2023), and Koch (2002; 2010; 2012; 2023), which provide essential theoretical foundations for the analysis. To exemplify occurrences of references and the meaning effects generated by the choices made in multimodal textual production, the animated charge titled Questão Pedagógica (2017), created by Maurício Ricardo, was selected. As a result, this dissertation reinforces previous research, confirming the complexity of this process. Broadly speaking, three main points stand out: (i) the enunciative nature of referencing, as there may be a relationship between texts that creates a situation of dependency, wherein referential introduction occurs in one text and its resumption appears in another; (ii) the presence of referencing processes triggered by interactions in digital contexts, where different texts interact with each other, resuming and reclassifying a referent within an enunciative chain; and (iii) the specificities of referent construction in texts of this nature, which is carried out through choices among different semiotic resources that, when combined, contribute to the introduction, resumption, and/or reclassification of a referent. These specificities contribute to an analysis of the referencing process in multimodal texts that goes beyond (co)textual materiality. In the case of animated charges, linguistic choices go beyond the mere construction of referents; they also guide their representation, highlighting implicit

stances and intentions. Therefore, this research confirms that various semiotic resources interconnect in the construction of a communicative project, significantly impacting how meanings are produced and interpreted by the audience.

Keywords: animated cartoon; text linguistics; multimodality; referentiation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Processo de filtragem dos trabalhos publicados..... 22
Figura 2 — Os referentes da cena inicial..... 84
Figura 3 — O referente professora..... 87
Figura 4 — Anáfora indireta do referente diretora..... 91
Figura 5 — Anáfora direta do referente alunos..... 92
Figura 6 — Anáfora direta recategorizadora do referente professora..... 93
Figura 7 — Anáfora indireta do referente alunos..... 94
Figura 8 — Anáforas direta e indireta do referente escola..... 96
Figura 9 — Transição de cenas..... 98
Figura 10 — Percussão característica do funk carioca..... 99
Figura 11 — Reprodução de *riff*..... 100
Figura 12 — Comentários dos internautas..... 102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Informações sobre os textos selecionados..... 41

INDICADORES DE IMPACTO

Esta dissertação, ao analisar os processos referenciais no gênero charge animada, representa uma contribuição significativa para o campo da Linguística Textual (LT), posto que amplia a teoria existente, que tradicionalmente se concentra em textos verbais escritos. Nesse sentido, ao investigar a dinâmica da referenciação em textos multimodais, a pesquisa insere-se no contexto atual, no qual a multiplicidade de linguagens, impulsionada pelos avanços tecnológicos digitais, se torna cada vez mais presente. Por esses aspectos, esse trabalho não apenas reflete a complexidade dos fenômenos referenciais em gêneros híbridos, como a charge animada, mas também propõe uma reflexão mais ampla sobre as interações entre os diferentes recursos semióticos no processo de construção de sentidos. Logo, ao contemplar as transformações trazidas pela cibercultura e pelos novos modos de interação digital, a dissertação oferece uma reinterpretação e alargamento da teoria da referenciação, tornando-a mais abrangente para englobar as produções discursivas contemporâneas, as quais desafiam as categorias tradicionais de análise textual. Dessa forma, contribui para o avanço da área, ao integrar perspectivas que consideram a convergência das linguagens na produção de sentidos.

IMPACT INDICATORS

This dissertation, by analyzing the referential processes in the animated charge genre, represents a significant contribution to the field of Text Linguistics (TL), as it expands the existing theory, which traditionally focuses on written verbal texts. In this sense, by investigating the dynamics of referentiation in multimodal texts, the research engages with the current context, in which the multiplicity of languages, driven by digital technological advances, is increasingly present. For these reasons, this work not only reflects the complexity of referential phenomena in hybrid genres, such as the animated charge, but also proposes a broader reflection on the interactions between different semiotic resources in the process of meaning construction. Thus, by considering the transformations brought about by cyberculture and new modes of digital interaction, the dissertation offers a reinterpretation and expansion of the theory of referentiation, making it more comprehensive to encompass contemporary discursive productions, which challenge traditional categories of textual analysis. In this way, it contributes to the advancement of the field by integrating perspectives that consider the convergence of languages in meaning production.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 16
2 METODOLOGIA..... 21
2.1 Metodologia da seção teórica..... 21
2.2 Metodologia da análise do corpus..... 24
3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA REFERENCIAÇÃO..... 26
3.1 Novos olhares linguísticos: da referência à referenciação..... 26
3.2 Os princípios da referenciação..... 33
3.3 Processos referenciais: a introdução referencial..... 35
3.4 Processos referenciais: as anáforas..... 37
4 UMA VISÃO GERAL DAS PESQUISAS SOBRE REFERENCIAÇÃO EM TEXTOS MULTIMODAIS: O ESTUDO DA ARTE..... 41
5 CONTEXTOS DE PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DAS CHARGES ANIMADAS..... 71
5.1 Cibercultura e multimodalidade..... 71
5.2 As particularidades do gênero charge animada..... 77
6 ANÁLISE DO CORPUS..... 83
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 105
REFERÊNCIAS..... 109

1 INTRODUÇÃO

Com a disseminação das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) nas três últimas décadas, os modos de organização e de funcionamento dos textos que circulam socialmente têm sido redimensionados. Em meio a isso, Cavalcante e Custódio Filho (2010), entre outros pesquisadores, destacam uma nova visão ao conceito de texto, concebendo-o como uma produção que transcende elementos de modalidade verbal — oral e escrita. Considerando o contexto digital, que tem desencadeado o surgimento e a transmutação de gêneros textuais, os autores enfatizam a importância dos diferentes modos semióticos (oral, escrito, sonoro, visual/imagético etc.), que desempenham um papel crucial no processo de produção de sentidos.

Isso posto, essa ampliação do conceito de texto, ao ressignificar as discussões teóricas sobre linguagem, sugere novos caminhos para pesquisas em áreas como a Linguística Textual (LT), que se ocupa dos processos de textualização das produções textuais que circulam socialmente e das relações entre sujeitos nas diferentes situações de usos sociais da linguagem. Nesse enfoque, como bem explicam Cavalcante *et al* (2019), o texto deve ser visto como um evento tangível e dialogal, com múltiplas vozes e (possíveis) sentidos, os quais são compartilhados através da interação entre os participantes. Também, ele é moldado por sinais cotextuais integrados ao contexto, pelo gênero, pelas conexões intertextuais e pela argumentação que direciona tanto a produção quanto a interpretação dos textos, além de sua composição multimodal.

A partir disso, Muniz-Lima (2022) reitera as influências dos fatores interacionais para a percepção da complexidade da construção referencial, de modo especial, nos contextos digitais. Nesse cenário, nota-se que os processos referenciais não ocorrem de maneira isolada, mas em redes discursivas que conectam diferentes enunciados, possibilitando a construção de significados de forma colaborativa e multifacetada. A fluidez da comunicação digital, aliada à possibilidade de múltiplos pontos de vista e à reconfiguração constante de significados, transforma a construção referencial em um processo aberto, no qual a cada nova interação o significado pode ser renegociado, reinterpretado ou até mesmo subvertido

Assim sendo, passa-se a considerar que para que os textos produzam sentidos, isto é, atinjam o que comumente se denomina coerência, há construções dinâmicas e complexas de informações, envolvendo processos mais amplos, tais como a referenciação, o que implica uma visão sociocognitivo-discursiva no tocante à questão. Em outras palavras, é essencial o

esclarecimento de que a comunicação somente ocorre por meio de textos[1], os quais compõem-se de diferentes linguagens: verbal escrita, verbal oral, visual, sonora, gestual, espacial, tátil, olfativa, gustativa etc. Do mesmo modo, pode-se constatar que "usar a língua é uma forma de agir socialmente, de interagir com os outros, e o de que essas coisas somente acontecem em textos" (Antunes, 2009, p. 49).

Mais especificamente, essa perspectiva, caracterizada pelo viés sociocognitivo-discursivo, ressalta a natureza do texto como produção de um sujeito, resultante de sua ação no mundo; sujeito este que é marcado sócio-histórico-temporalmente e sempre se encontra inserido em um contexto específico. Aliado a esse aspecto, envolve considerar que o leitor/ouvinte, o qual assume o papel de coenunciador no processo de produção de sentidos, não deixa de ser atravessado por isso. Logo, evidencia-se o dinamismo no processo de produção e de interpretação textual.

Nessa linha de raciocínio, a dimensão cognitiva refere-se ao processamento das informações, por parte do coenunciador, dadas pelo texto, o que envolve a ativação de conhecimentos prévios, um trabalho mental que tem como guia determinadas pistas textuais. Não menos importante, a dimensão discursiva marca o texto como discurso, isto é, um objeto que se (re)constrói para além da materialidade linguística, inserido em um aspecto social mais amplo, posto que parte de um sujeito, direciona-se a um público e possui objetivos comunicacionais, sendo, por esses e por outros fatores, ideológico.

Dito isso, quando se fala em texto, fala-se, em linhas gerais, de uma unidade de sentido e de uma intenção comunicativa, não bastando que ele traga em si uma informação lógica. Isso se dá, pois, construir sentidos envolve considerar a existência de um cenário social, assim como os objetivos que guiam a produção textual e a dimensão linguística em si. De mesmo modo, sempre há, nos textos, referentes, ou seja, objetos sobre o que se fala, e para a sua construção são empregados diferentes recursos em cadeia, garantindo a continuidade textual.

---

[1] Neste trabalho, entende-se que texto e discurso são inseparáveis e têm uma relação dinâmica e recíproca, sendo trabalhados conjuntamente, todavia, torna-se essencial pontuar que esses possuem natureza diferente, como bem defende Fiorin (2012). Conforme o autor, o texto deve ser entendido como a materialização/manifestação do discurso, havendo, devido a isso, a possibilidade de um mesmo discurso, isto é, um todo organizado de sentidos, se manifestar por meio de textos distintos. Nesse sentido, o texto não é apenas a manifestação física dos discursos, nem o discurso é simplesmente o texto em uso. Em vez disso, os textos reformulam e moldam (novos) discursos, influenciando a compreensão e a interação dos interlocutores. Simultaneamente, os textos são criados e estruturados dentro dos próprios discursos. Assim, parte-se do princípio de que os textos contribuem para a construção e evolução dos discursos sociais e culturais, enquanto os discursos existentes moldam a escrita e a interpretação dos textos.

Entretanto, cabe pontuar que, nesse processo, há distinção entre referência e referenciação, termos que não representam o mesmo aspecto linguístico, ainda que possam aparentar devido à escrita e sonoridade similares. De acordo com Mondada (2001, p. 9, tradução minha[2]), a referenciação "não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo, [que] são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores". Logo, voltar o foco para a referência não é suficiente, hoje, para lidar com a informação textual, haja vista tamanha dinamicidade dela, por isso propõe-se falar em referenciação.

Tendo esse panorama em vista, surge o seguinte problema de pesquisa: como o fenômeno da referenciação ocorre no processo de textualização e na construção de sentidos em um gênero digital, o qual é composto por diferentes recursos linguísticos, entre eles, predominantemente, os visuais e os sonoros? Conjuntamente a isso, o objetivo norteador desta pesquisa é compreender como o fenômeno da referenciação ocorre em textos multimodais, especificamente, no gênero charge animada, sendo analisados os processos de introdução referencial e de anáforas (retomadas). A escolha por esse gênero se justifica pela sua abordagem de questões cotidianas, ampla circulação social e configuração multimodal, permitindo propostas que envolvem a vivacidade da língua.

Ainda, ao aprofundar-se nos estudos a respeito das charges animadas, percebe-se que, devido à sua natureza jornalística, tratam-se de textos que exploram questões ideológicas a partir de episódios do cotidiano social e utilizam diferentes recursos linguísticos, semióticos e discursivos para a constituição do projeto de dizer e para a organização do processo de indiciamentos de sentido. Por meio do humor e da sátira, frequentemente consegue-se provocar reflexões e debates sobre muitos temas da vida, desde questões problemáticas, como o mau funcionamento da política no país, até o comportamento cotidiano de um grupo social.

Somado a isso, percebe-se que cada vez mais esse gênero tem se consolidado como uma produção que possui significativo engajamento nas redes sociais, pois sua capacidade de rápida disseminação e impacto visual (e, possivelmente, sonoro) contribui para atingir audiências notáveis. Essa expansão virtual, então, amplia seu alcance e intensifica sua influência sociocultural, frequentemente levando-o a figurar nos assuntos mais vistos e replicados de redes sociais, por exemplo, no *X*, no *Instagram* e no *Facebook*. Por sua vez,

[2] No original: "[...] elle ne privilégie pas la relation entre les mots et les choses, mais la relation intersubjective et sociale au sein de laquelle des versions du monde sont publiquement élaborées, évaluées en termes d'adéquation aux finalités pratiques et aux actions en cours des énonciateurs".

essa visibilidade reforça seu papel como uma ferramenta de engajamento público e análise crítica, essencial para a dinâmica contemporânea da informação e do discurso midiático.

Assim sendo, esta dissertação se justifica pela relevância dos estudos sobre referenciação em textos multimodais, o que permite considerar a diversidade de recursos semióticos que podem contribuir para o processo de (re)caracterização dos objetos de discurso. Isso, pois, de acordo com Bentes, Ramos e Alves Filho (2010, p. 398),

> a inserção da multimodalidade no escopo de assuntos pertinentes à Linguística Textual implica: - um necessário alargamento do conceito de texto, de modo a incorporar nele elementos não verbais (imagem, cor etc); - o emprego de dispositivos analíticos oriundos do campo de estudos do texto, que permita trabalhar com tais signos.

A partir disso, a proposta contribui, também, para a expansão dos multiletramentos e das práticas multiletradas, essenciais na sociedade contemporânea, o que exige mais do que apenas ler e escrever. Sobre esse aspecto, pontua-se ser necessário desenvolver a capacidade de interpretar e produzir textos através de múltiplos modos de comunicação, como textos escritos, imagens, sons e gestos. Isso, pois, em um mundo em que a informação é disseminada rapidamente e em diversas plataformas, a habilidade de analisar criticamente essas informações, contextualizá-las e utilizá-las de maneira eficaz em outros âmbitos torna-se primordial.

A fim de atingir o objetivo proposto, essa dissertação é dividida em 7 (sete) partes: a primeira traz as considerações iniciais, apresentando, brevemente, o contexto em que se insere a pesquisa, assim como a sua relevância e o que se pretende atingir, com vistas a preparar o leitor para o desenvolvimento de aspectos mais específicos nas seções subsequentes. A segunda apresenta a metodologia selecionada e posta em prática, tanto da seção teórica quanto para a análise do *corpus*. A partir dessa ordenação, acredita-se poder situar melhor o leitor quanto ao caminho trilhado ao longo do texto. A terceira aborda os fundamentos da referenciação, com o intuito de estabelecer uma base e esclarecer a importância dessa teoria, ressaltando dois processos centrais: a introdução referencial e as anáforas (diretas, indiretas e encapsuladoras). A quarta consiste em um levantamento webliográfico a respeito da referenciação, o que pode servir como mapeamento/investigação do estado da arte a respeito do que já se tem publicado em materiais acadêmicos sobre esse fenômeno, traçando, a partir disso, novas possibilidades de investigação. Na quinta parte, discutem-se os contextos de produção, circulação e recepção das charges animadas considerando a ampliação da cibercultura, que trouxe consigo uma linguagem ainda mais multimodal aos textos. Ainda, nela, o gênero charge animada é investigado, ressaltando suas características

linguístico-semiótico-discursivas, ao passo que, com os avanços tecnológicos digitais, houve mudanças significativas em seus modos de organização e de funcionamento. Na sexta parte, é analisada a charge animada *Questão Pedagógica* (2017)[3], de Maurício Ricardo, objetivando unir toda a teoria anteriormente sinalizada à prática, explorando como se dá a homologação e retomada dos referentes, em especial, 4 (quatro) desses: *escola*, *diretora*, *professora* e *alunos*. Por fim, na sétima parte, são apresentadas as considerações finais, com os resultados e as contribuições das discussões propostas.

Vale destacar, também, que *Questão Pedagógica* (2017) faz parte de um conjunto de charges animadas produzidas ao longo dos anos por Maurício Ricardo, sendo que esta, em particular, foi disponibilizada publicamente em seu canal *Charges.com.br* no *YouTube*. Nela, a trama gira em torno de uma mulher chamada Nair, profissional da educação que vive muitos problemas em seu ambiente de trabalho, seja pelo descaso e comportamento violento dos alunos, seja pela má estrutura da escola e da sala de aula, seja, ainda, pela visão reducionista da diretora, que dirige à docente belas palavras de encorajamento para que melhore o desempenho dos estudantes em Matemática, mas que encobrem ameaças e reclamações de terceiros, parecendo, por isso, ignorar parte do cenário catastrófico no qual também está inserida.

Espera-se, com esse trabalho, promover avanços nas pesquisas de textos na LT que combinam diferentes modos de expressão, haja vista que, como bem pontuam Ferreira e Lima-Neto (2013, p. 236), ainda "faltam critérios de análise mais consistentes para investigar a construção do sentido em textos multimodais". Também, almeja-se contribuir para a ampliação das discussões sobre o fenômeno da referenciação, considerando que essa teoria foi, em seu surgimento, pensada para a análise de textos verbais escritos, mas não deve mais se limitar a isso. Nesse sentido, aplicá-lo em um texto de natureza digital, como a charge animada, que faz uso de variadas modalidades para a construção de um projeto de dizer (Koch, 2023), surge como uma possibilidade de aprofundamento teórico-metodológico.

[3] Para aprofundar a compreensão da obra, recomenda-se que o leitor assista à charge animada por meio do seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=tGuRIEUHiAk. Essa experiência pode contribuir para uma análise mais detalhada dos aspectos abordados no texto.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa, de natureza interpretativa e caráter descritivo, enquadra-se no paradigma qualitativo. Opta-se, assim, pela abordagem qualitativa devido à interpretação do fenômeno estudado, isto é, os processos referenciais. Especificamente, ao examinar como se constrói a referenciação em uma charge animada, o foco recai na compreensão dos (possíveis) sentidos e nuances nas escolhas linguísticas e semióticas e do enredo da narrativa. Isso posto, busca-se entender os aspectos subjetivos e simbólicos envolvidos na interpretação dos elementos, principalmente os visuais, e na articulação dos referentes ao longo da narrativa, em vez de quantificar dados ou estabelecer relações causais (Paiva, 2019). Nessa perspectiva, pelo fato de a metodologia qualitativa permitir uma análise detalhada e contextualizada, essa abordagem é adotada, explorando as complexidades que se desenvolvem na interação entre o produtor, o texto e o espectador.

2.1 Metodologia da seção teórica

A seção teórica encontra-se organizada em 4 (quatro) partes. A primeira delas incide sobre a referenciação, com vistas a encaminhar o leitor à compreensão dos princípios basilares desse fenômeno. Para tanto, além de realizar uma trajetória histórica de evolução dos estudos quanto a essa teoria, a seção ainda apresenta uma discussão sobre os processos de introdução referencial e os processos anafóricos, excluindo a dêixis. Essa escolha justifica-se pela delimitação do foco na introdução referencial e nas anáforas (direta e indireta), que são processos centrais para a construção e manutenção dos referentes no discurso multimodal.

Entende-se que enquanto a dêixis está diretamente ligada ao contexto situacional e depende de elementos extralinguísticos para sua interpretação, a introdução referencial e as anáforas operam na progressão textual, estabelecendo coesão e continuidade discursiva. Dessa forma, concentrar-se nesses mecanismos permite uma análise mais aprofundada das estratégias de referenciação em gêneros multimodais, sem a necessidade de abordar fenômenos que envolvem forte dependência do contexto enunciativo imediato.

Na seção seguinte, utilizando o Google Acadêmico (*Google Scholar*) com vistas a mapear as produções brasileiras relacionadas à temática e estabelecer uma espécie de estado da arte, é apresentado um levantamento webliográfico sobre a referenciação em textos multimodais. Vale destacar que a pesquisa (we)bibliográfica não se limita à simples compilação de informações sobre um tema, diferenciando-se da revisão de literatura, que organiza e apresenta os achados. Além de reunir dados, esse tipo de pesquisa exige análise

crítica e relações coesas entre os conceitos estudados, permitindo ao pesquisador inserir reflexões sempre que necessário (Paiva, 2019). Assim sendo, este trabalho se enquadra nessa modalidade, pois fundamenta-se na aplicação e avaliação de conceitos já difundidos na literatura para a análise textual.

Aliado a isso, sobre o uso do Google Acadêmico, segundo Caregnato (2011, p. 83), essa ferramenta pode ser útil ao pesquisador, especialmente em áreas relacionadas às ciências sociais, por "ser capaz de recuperar um número grande de documentos não presentes nos índices de citação tradicionais, tais como livros, capítulos de livros e trabalhos acadêmicos escritos em português". Também, na área de humanidades, o Google Acadêmico fornece textos atuais, de diferentes autores e regiões, oferecendo ao pesquisador uma pluralidade de materiais, o que justifica a sua utilização.

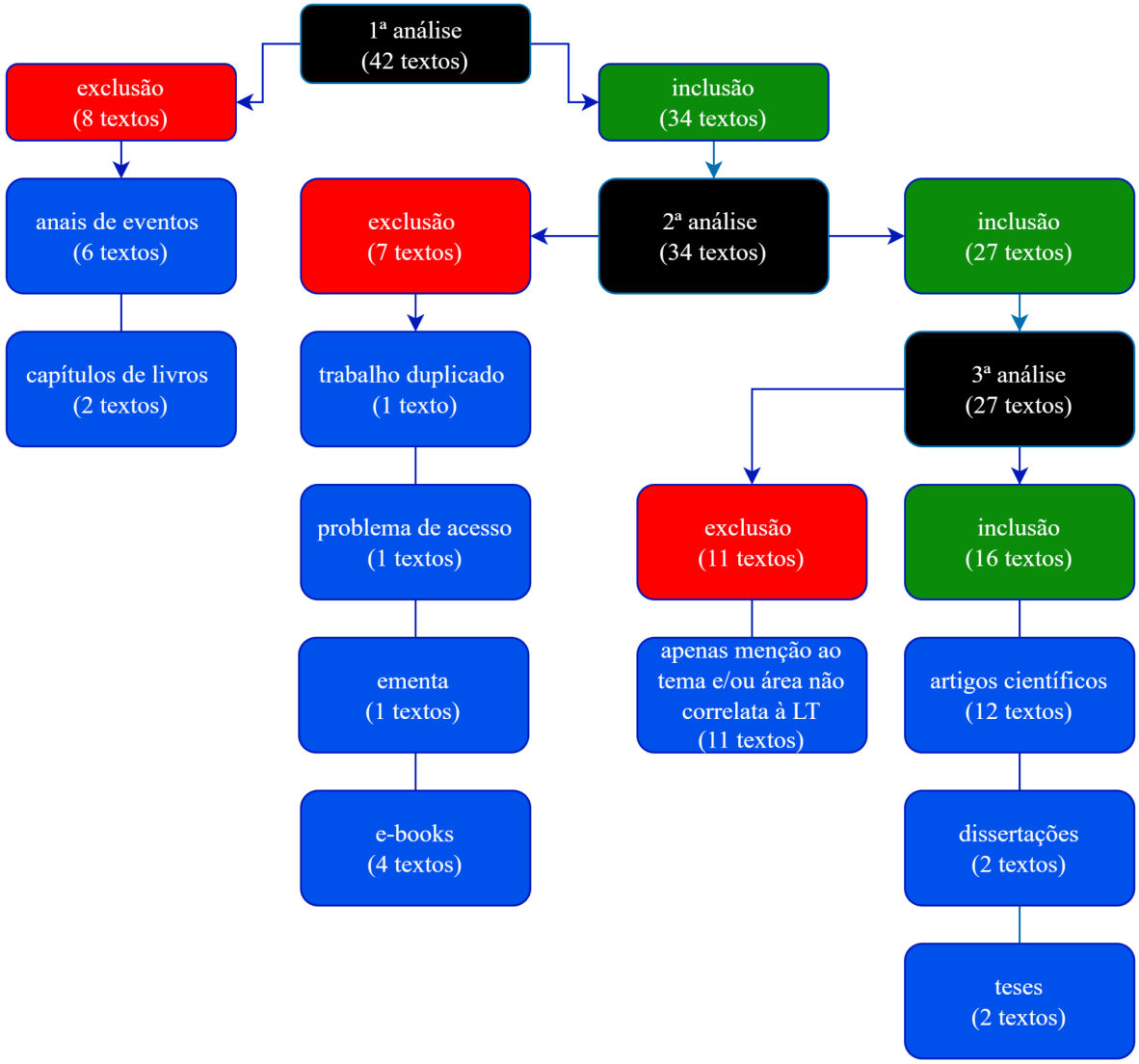
Tendo estabelecido esse contexto, torna-se importante ressaltar que todo o procedimento sinalizado revelou-se essencial para a construção da fundamentação teórica dessa pesquisa, permitindo uma análise aprofundada das obras existentes vinculadas à temática em questão. Nesse sentido, além de fornecer uma visão abrangente do estado atual do conhecimento, ele possibilitou a identificação de possibilidades de novas investigações suscitadas pelas pesquisas analisadas, destacando aspectos que requerem mais atenção e aprofundamento, contribuindo para a formulação de hipóteses e a definição de objetivos mais alinhados com o contexto acadêmico atual. Por isso, comprovou-se que a realização de um levantamento webliográfico minucioso solidifica a base teórica da pesquisa e promove a construção de um conhecimento robusto e contextualizado.

Quanto aos procedimentos específicos para esse levantamento, inicialmente utilizou-se como descritor de busca o termo "referenciação em textos multimodais" para textos escritos em português e publicados nos últimos 10 (dez) anos (2014-2024), excluindo as citações, o que resultou em 42 (quarenta e dois) trabalhos. Em seguida, como critério de exclusão, foram removidos 6 (seis) anais de eventos e 2 (dois) capítulos de livros, priorizando trabalhos de mestrado, doutorado e artigos científicos mais atuais. Esse critério reduziu a amostra para 34 (trinta e quatro) textos. Desses, descartaram-se 1 (um) trabalho duplicado, 1 (um) site com problema de acesso, 1 (uma) ementa de disciplina de programas de pós-graduação e 4 (quatro) *e-books* com compilados de textos (devido à extensão da dissertação, não seria possível englobá-los), culminando em 27 (vinte e sete) trabalhos. A partir disso, foram lidos os resumos, as introduções e as considerações finais, com o objetivo de eliminar pesquisas que apenas citavam o tema e/ou estavam inseridas em áreas não correlatas à Linguística Textual

(LT). Como resultado, 10 (dez) textos foram excluídos, restando 16 (dezesseis) textos para leitura completa e utilização.

A Figura 1, inserida abaixo, apresenta o processo de escolha das produções para o levantamento. Em resumo, os textos utilizados dividem-se em 12 (doze) artigos científicos, 2 (duas) dissertações e 2 (duas) teses.

Figura 1 – Processo de filtragem dos trabalhos publicados



Fonte: Elaborada pelo autor

Logo após, foi feita uma síntese acrescida de aspectos considerados mais relevantes dos textos selecionados, de modo a oferecer um panorama das produções sobre a temática em pauta. Esse processo envolveu a identificação dos principais enfoques, abordagens teóricas, metodológicas e conclusões apresentadas nos trabalhos, permitindo uma visão mais ampla sobre o estado atual da pesquisa no campo da referenciação em textos multimodais. Além disso, a síntese procurou destacar as lacunas existentes na literatura, as tendências emergentes

e as possíveis direções futuras para estudos, proporcionando um panorama crítico e atual da discussão acadêmica sobre o tema.

Por fim, na seção seguinte, aprofunda-se a análise quanto à cibercultura, abordando aspectos fundamentais como a interação cibernética entre os sujeitos e o surgimento de uma nova cultura. Em suma, parte-se do princípio que essa transformação traz à tona novas dinâmicas comunicativas, nas quais a troca de informações e a construção de significados se dão de maneira mais ágil e interconectada, com impactos significativos na produção e no consumo de conteúdo. Paralelamente, essa discussão se expande para incluir a multimodalidade dos textos que circulam em diferentes esferas sociais, considerando a combinação de diversos recursos semióticos — como a linguagem verbal, visual e sonora — que são essenciais para a construção de sentidos dentro e fora dos meios digitais. A seção também aborda as particularidades do gênero charge animada, focando em como ele, enquanto objeto de pesquisa, se insere nesse contexto multimodal e cibernético.

Dito isso, passa-se à metodologia de análise do *corpus*.

2.2 Metodologia da análise do *corpus*

O *corpus* é constituído por uma charge animada, intitulada *Questão Pedagógica* (2017), produzida por Maurício Ricardo. A escolha pelo gênero charge animada se justifica pela sua abordagem de questões cotidianas, ampla circulação social e configuração multimodal, permitindo propostas que envolvem a vivacidade da língua e a crítica político-social. Não menos importante, a charge animada, com sua capacidade crítica e criativa, pode ser tomada como um reflexo das transformações rápidas e intensas que marcam a era digital, abrindo caminhos para discussões.

Além disso, Maurício Ricardo, um dos chargistas mais conhecidos do Brasil, criou personagens icônicas como a professora Nair e a diretora, que se destacam não apenas nessa animação, mas também em outras de sua autoria. Essas figuras tornam-se emblemáticas pela forma como representam estereótipos e situações cotidianas que ressoam com o público. Por isso, ao longo do tempo, elas se consolidaram como símbolos recorrentes em suas obras, gerando um vínculo com os internautas que acompanham suas produções. Sendo assim, o apelo popular dessas figuras, aliada à maneira como são desenvolvidas em diferentes contextos, faz com que o *corpus* seja digno de uma análise mais profunda, pois oferece reflexões sobre como o humor, a crítica social e as representações culturais moldam-se na era digital.

Vale destacar, ainda, que essas personagens são desenvolvidas a partir de múltiplos recursos audiovisuais e progridem discursivamente, sem depender de forma exclusiva da linguagem verbal escrita. Isso acontece, por exemplo, por meio das falas, de suas expressões corporais e faciais, assim como da interação dos próprios personagens com o cenário e com os objetos que ali encontram-se presentes. Por isso, é válido afirmar que a combinação de elementos semióticos possibilita a realização de uma análise mais aprofundada a respeito das estratégias de referenciação coconstruídas. Logo, para além de o *corpus* exemplificar a multimodalidade inerente ao gênero supracitado, ele oferece uma base enriquecedora para explorar a expressão criativa e a (re)construção de sentidos.

Dessa forma, a análise dos fenômenos referenciais, como a introdução referencial e as anáforas, juntamente com a construção de sentidos desse gênero, possibilita que se explorem formas de expressão que vão, também, além da linguagem puramente verbal. Tendo isso em mente, este enfoque multidimensional, que tem ganhado cada vez mais reconhecimento e prestígio entre os pesquisadores no campo da Linguística e de outras áreas similares, à medida que se reconhece a riqueza e complexidade dos recursos verbo-visuais na comunicação, é trazido a este trabalho.

Após definir a metodologia utilizada, passa-se à apresentação do referencial teórico.

3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA REFERENCIAÇÃO

O presente capítulo explora a referenciação, um fenômeno muito importante para a organização e o funcionamento dos textos, pois estabelece conexões entre elementos textuais e contextuais, além de refletir intenções comunicativas tanto de quem os produz quanto de quem os recebem. Nessa perspectiva, por combinar dimensões linguísticas, semióticas e discursivas, a referenciação desempenha um papel crucial na produção de sentidos e na (re)construção do projeto de dizer (Koch, 2023) do(s) enunciador(es) ao integrar aspectos visuais, verbais, sonoros, entre outros, enriquecendo a interpretação e permitindo uma compreensão mais profunda do texto produzido. Tendo isso em vista, o estudo sobre a referenciação revela, também, como os textos interagem com o contexto sociocultural, destacando a importância dos sujeitos, os quais são histórico-sociais, no processo de construção de múltiplos sentidos.

Aliado a isso, o capítulo aborda e problematiza duas perspectivas no que tange à referenciação: uma mais tradicional, que a entende como representação dos objetos do mundo, e outra mais atual, que parte do princípio de que quando se fala em referenciação, fala-se em "sujeitos históricos e sociais em interação, sujeitos que constroem *mundos textuais* [...] interativamente e discursivamente construídos em meio às práticas sociais" (Koch; Morato; Bentes, 2012, p. 8, grifo das autoras).

3.1 Novos olhares linguísticos: da referência à referenciação

Na visão tradicional, o termo "referência" era usado para mencionar a correlação suposta entre formas linguísticas e objetos do mundo, não dando muito espaço para os sujeitos, ao passo que se acreditava que a eles cabia apenas a função de tomar esse conhecimento para si. Todavia, apesar de sua longa adoção por vários pesquisadores, essa concepção objetivista foi questionada, com o passar dos anos, por estudiosos da linguagem, como Mondada e Dubois (2003), que a consideravam inadequada para abranger a complexidade da interação discursiva, além da instabilidade na suposta relação entre palavras e coisas do mundo. Segundo as autoras:

> A ideia segundo a qual a língua é um sistema de etiquetas que se ajustam mais ou menos bem às coisas têm atravessado a história do pensamento ocidental. Opomos uma outra concepção segundo a qual os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo (Mondada; Dubois, 2003, p. 17).

Assim, ao propor uma perspectiva mais social e contextual da língua(gem), passou-se a compreender, entre outros aspectos, os sujeitos como atores imprescindíveis no processo

referencial. “E isso se constata não apenas na atividade comunicativa em si mesma, considerada em seus aspectos linguísticos, pragmáticos e cognitivos, mas também em atividades prévias, social e culturalmente compartilhadas, que envolvem múltiplas condições” (Menezes, 2021, p. 22). Ademais, essa transformação impulsionou uma visão do ato de referenciar como algo dinâmico, interativo e culturalmente integrado, o que foi crucial para moldar a forma como, ainda hoje, percebe-se o mundo e as interações que nele e com ele ocorrem.

Em decorrência disso, foi proposta a ideia de “referenciação” para substituir “referência”, destacando-a não mais como um produto ou representação do mundo, mas sim como um processo de negociação de sentidos entre os interlocutores; como uma atividade discursiva. Nessa direção, pôde-se compreender que “a partir do abandono da visão objetivista de referência é que se podem incluir os falantes no processo de linguagem e, então, observar o uso da língua e os processos cognitivos ativados nesse uso” (Menezes, 2021, p. 40). Essa mudança de perspectiva reforçou, então, a ideia de que a construção dos referentes não é fixa nem preexistente, mas ocorre em meio às interações discursivas, sendo continuamente ajustada conforme os contextos e os propósitos comunicativos.

Assim, ficou claro que “os referentes linguísticos são fabricados na práxis social com a linguagem e os sujeitos elaboram e reelaboram seus discursos organizados em textos que resultam dessas interações” (Fontinele; Carvalho, 2023, p. 130), logo, privilegiar a referência, como se fazia na concepção clássica, não seria suficiente para lidar com a informação textual devido ao seu dinamismo, justificando o foco atual dos estudos linguísticos na referenciação. Para Lima e Feltes (2013), essa distinção entre a concepção clássica de referência *versus* referenciação é um “divisor de águas”. De acordo com elas:

> Apesar de ser essa uma questão já bastante discutida por estudiosos filiados à LT, compreendemos ser necessário sair de um nível mais genérico de abordagem, que se pauta pelo postulado de que os referentes são entidades (não necessariamente objetos do mundo real) materializadas *(no) e pelo discurso*, para adentrar no próprio nível da (re)construção desses referentes no texto/discurso. [...] O fio condutor dessa discussão é, portanto, a hipótese [...] da existência de referentes não homologados na superfície do texto, estando a sua (re)construção sujeita à recorrência a mecanismos inferenciais mais complexos, ancorados no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, mas sempre guiados pelo sinal linguístico (p. 31, grifos das autoras).

À consideração disso, entende-se que na interação entre os sujeitos, realizada em vários contextos, a progressão discursiva é essencial para alcançar a compreensão e a socialização de informações. Isso ocorre, em linhas gerais, por meio da inserção e da

retomada de referentes[4], prática necessária devido à diversidade de entidades no mundo, o que, por vezes, requer o uso de expressões referenciais[5] e/ou informações visuais para mencioná-las, haja vista que "os objetos de discurso não são dados a priori, senão construídos na interação, no caráter processual que a delineia" (Carvalho; Silva; Zavam, 2014, p. 174). Por isso, pode-se afirmar que todo falante, independentemente da língua, referencia e reconhece, de maneira recorrente, processos referenciais, ainda que não se dê conta em alguns casos, o que pode ocorrer tanto ao ler quanto ao produzir textos.

Nessa perspectiva, conforme explicam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), quando se fala em referenciação, fala-se, sobretudo, em texto e coerência. Então, partir desse ponto parece primordial para melhor compreensão dessa teoria, posto que ambos os conceitos ainda são turvos para muitos sujeitos, sendo constantemente reduzidos. Não é incomum ouvir, por exemplo, que texto é toda expressão que envolva palavras, frases ou orações, assim como a coerência é tida popularmente como a capacidade de um texto fazer sentido, ainda que não se saiba, exatamente, o que se quer dizer com isso e como esse sentido é alcançado. Problemáticas como essas revelam lacunas que urgem serem preenchidas.

Sendo assim, torna-se necessário esclarecer que a ideia de texto envolve muito mais do que o aspecto verbal: trata-se de uma unidade de sentido com alguma intenção comunicativa (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014), por isso tão íntima à noção de coerência. A respeito disso, de acordo com Koch e Elias (2006), "as formas de referenciação são escolhas do sujeito em interação com outros sujeitos, em função de um querer-dizer" (p. 124). Em outras palavras, possuir uma unidade de sentido equivale ao dizer que todo texto carrega em si, sendo significativo, a partir de um contexto, para um sujeito, o qual assume uma posição ativa ao resgatar seus conhecimentos de mundo para significar a produção, podendo colocar em prática diversas estratégias textuais-discursivas para que esse processo ocorra.

---

[4] O referente, também chamado de objeto de discurso, trata-se da entidade sobre a qual se fala, sendo, portanto, a representação mental desta por parte dos interlocutores, caracterizados por serem altamente dinâmicos e poderem ser modificados/recategorizados no curso da progressão textual. Como lembra Koch: "é na dimensão da percepção/cognição que se fabricam os referentes, os quais, embora destituídos de estatuto linguístico, vão condicionar o evento semântico" (2002, p. 77).

[5] As expressões referenciais referem-se às estruturas linguísticas postas em uso para que um referente seja manifestado no cotexto. Em grande parte, em textos verbais, tratam-se de substantivos ou pronomes com função substantiva, haja vista que são os principais responsáveis com função designatória de entidades. A seu respeito, cabe pontuar, ainda, que embora sejam formas de estabelecimento dos referentes, as expressões referenciais não são os referentes em si, o que é comprovado pela sua flexibilidade e variabilidade. Logo, essa relação é mediada pela interpretação, o que engloba o contexto discursivo e o conhecimento de mundo.

Dessa maneira, não basta que um texto traga em si uma informação lógica para que tenha sentido, pois construí-lo envolve considerar a existência das condições de produção, de circulação e de recepção. Além disso, é válido ressaltar que a/o intenção/intencionalidade/projeto de dizer refere-se aos objetivos que guiam a produção textual por parte do autor, os quais também devem ser considerados, por meio de pistas textuais, por parte do interlocutor, no processo de interpretação, indo além da dimensão linguística. Devido a isso, pode-se dizer que as pistas textuais colaboram para que se entenda o projeto de dizer inerente aos textos que circulam socialmente, bem como os próprios referentes, sendo ambos indispensáveis nesse âmbito.

Ter esses aspectos em mente é indispensável ao tomar o texto como objeto de análise, pois, considerando que o processo de referenciação é dinâmico, não se deve reduzi-lo, nem mesmo os fatores que o envolve. Tendo isso em mente, pode-se afirmar que "o texto, então, é tomado como um evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção de sentidos dos textos" (Nascimento, 2014, p. 23).

Ainda, quanto a isso, conforme esclarece Cavalcante (2022):

> O processo de referenciação pode ser entendido como o conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivas motivadas, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de elaborar as experiências vividas e percebidas, a partir da construção compartilhada dos objetos de discurso que garantirão a construção dos sentidos (p. 113).

Com base nessa explicação, afirmar que a referenciação se estabelece de modo sociocognitivo-discursivo implica reconhecer que ela está intrinsecamente ligada ao contexto sociocultural e interativo em que ocorre a comunicação, refletindo as complexidades das relações humanas. Tal premissa assemelha-se, então, ao que defende Marcuschi (2011, p. 91): "a língua é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes: ela se manifesta no seu funcionamento e é sensível ao contexto". Desse modo, ela é vista como uma atividade interativa de comunicação entre os sujeitos, os quais fazem uso de práticas enunciativas a partir de seus projetos de dizer para entenderem e serem entendidos no mundo.

Assim, "tal posição implica, necessariamente, uma noção de língua que não se esgote no código" (Koch, 2023, p. 65), porque as escolhas referenciais não são apenas individuais, mas moldadas por normas, valores e práticas sociais compartilhadas dentro de uma comunidade linguística específica. Afinal, "o elemento sócio-cognitivo trazido pelos sujeitos impacta na maneira como as pessoas têm contato com os conteúdos a que têm acesso, em seus

diferentes gêneros e locais de circulação" (Ramos; Alfonso Junior, 2019, p. 99), comprovando que a linguagem não se limita ao código, ao passo que é um meio de construção e (re)construção de sentidos.

Nesse viés, a referenciação, como uma atividade sociocognitivo-discursiva, "[...] implica uma visão não referencial da língua e da linguagem" (Koch, 2023, p. 61). Isso significa dizer que, por ser social, a linguagem é muito mais que um meio de apontar para objetos no mundo real, sobretudo por ser autônoma, estruturada e significativa em si mesma. Sendo assim, ainda que esse fenômeno envolva o processo linguístico de fazer referência a algo ou a alguém no discurso, tal referência traz consigo a expressão de emoções, opiniões, interpretações e elementos subjetivos que não podem ser totalmente capturados pela simples referência a entidades externas, da mesma forma como não pode limitar-se ao uso da linguagem verbal.

Ainda, para que esse processo mais amplo ocorra, cognitivamente, os sujeitos desempenham um papel ativo no processo de referenciação, necessitando ser capazes de operar com/sobre a língua para (re)construir referentes em vários âmbitos, o que envolve a ativação de conhecimentos prévios, um trabalho mental bastante complexo. Essa dimensão cognitiva ressalta a importância do conhecimento linguístico e das habilidades cognitivas dos interlocutores na escolha e interpretação de expressões referenciais, sendo "interessante observar como os sujeitos operam na produção de sentidos, com a ativação de referentes e com a possibilidade de modificação dos mesmos referentes já introduzidos no discurso" (Menezes, 2021, p. 32).

Em muitos casos, inclusive, essas retomadas são realizadas de maneira gradativa, encaminhando aquele que tem contato com o texto para a perspectiva que se deseja, como se pretende evidenciar neste trabalho. Nesse panorama, é importante falar "[...] em favor do social, porque a interação entre os falantes é constante; e do cognitivo, porque se demanda uma espécie de negociação mental em relação aos conhecimentos implícitos a serem compartilhados entre os interlocutores no ato discursivo" (Silva; Ranieri, 2020, p. 4). Dado o exposto, a referenciação afeta, de modo substancial, a dimensão discursiva de um texto, pois é um dos principais mecanismos que garantem a coesão e a coerência textual. Ela envolve o uso de estratégias para estabelecer conexões entre os elementos do discurso, permitindo que o texto tenha fluidez, lógica e continuidade na comunicação entre os participantes da interação.

Embora, à primeira vista, possa parecer, devido a uma concepção superficial frequentemente construída pela sociedade em decorrência de um ensino, por vezes, descontextualizado, que tais estratégias se restringem a questões gramaticais, elas

desempenham, na verdade, um papel fundamental na garantia da coesão e da coerência textual. Isso porque ao estabelecer conexões entre partes diferentes do texto, a referenciação contribui para a compreensão global do discurso, facilitando os possíveis efeitos de sentido. Essa dimensão marca o texto como um objeto que se (re)constrói para além da materialidade do texto, uma vez que abarca um contexto social mais amplo. Por isso, a forma como os elementos são referenciados em um texto ajuda a (re)construir significados complexos e a fazer com que o interlocutor acompanhe a linha argumentativa do discurso ou o fluxo informacional.

Além das dimensões abordadas, é relevante considerar que a referenciação pode ocorrer por meio de diferentes linguagens: verbal, visual, sonora e mista. Sobre isso, Cavalcante e Custódio Filho (2010) e Ramos (2012) destacam que a referenciação transcende o âmbito exclusivamente verbal, demonstrando que textos com predominância de outra linguagem também apresentam estratégias de retomadas e de progressão textual. Essas estratégias, como a introdução, a retomada e a recategorização de referentes, são ativadas por processos que envolvem a interação de elementos linguísticos e semióticos, bem como de questões cognitivas e culturais, como já dito.

Nesse contexto, os modos semióticos visuais e sonoros, isto é, de natureza não verbal, desempenham um papel essencial na construção dos referentes e na dinâmica enunciativa, muito além de atuar na complementação do verbal. Assim, esses elementos são fundamentais para a produção de sentidos e para a continuidade textual, reforçando a tese de que a multimodalidade é intrínseca a qualquer tipo de interação. Por essa razão, a teoria ressalta a natureza do texto como produto de um sujeito, mais especificamente, resultante de sua ação no mundo. Também, entende que o leitor/ouvinte, o qual assume o papel de coenunciador no processo de produção de sentidos, não deixa de ser atravessado por essas questões.

Baseado no caminho trilhado até aqui, para além de compreender de que modo a coerência é construída textualmente, percebe-se que

> a existência de um texto está atrelada à possibilidade de se atribuir coerência a uma dada ocorrência comunicativa (não exclusivamente linguística). A coerência surge da percepção de uma unidade negociada de sentido que depende da intenção argumentativa do locutor, da co-participação do interlocutor, das indicações marcadas na superfície do contexto e de um vasto conjunto de conhecimentos compartilhados (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014, p. 21).

À luz do que dizem os pesquisadores, não há como desvincular referenciação e negociação de sentidos entre os interlocutores, sobretudo porque os referentes (objetos de discurso; sobre o que se fala) podem e tendem a passar por recategorizações ao progredir o

texto. Devido a isso, é válido considerar que eles não têm estrutura fixa, ou seja, “os objetos de discurso são, pois, entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes: é no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados objetos de discurso que não preexistem a ele” (Koch, 2012, p. 34).

Isso se evidencia, por exemplo, quando novas informações são acrescentadas ao desenrolar do texto, algumas delas retomando referentes já expostos, mas caracterizando-os com outros termos. Assim sendo, ao assumir outras projeções, o estado do referente se modifica e, conforme Cavalcante (2022) explica:

> Essas mudanças estão relacionadas ao direcionamento argumentativo que o produtor pretende dar a seu texto, mas também a outras intenções expressivas, poéticas etc.: as funções discursivas da transformação ou recategorização de um referente são muito diversificadas e seria impossível fechá-las numa única classificação (p. 106).

Desse modo, a recategorização pode acontecer não apenas explicitamente, mas também de forma implícita, isto é, a partir de pistas textuais, tanto para ressaltar aspectos positivos quanto negativos. Nesse sentido, Koch (2010, p. 29) lembra que o emprego da linguagem é, em sua essência, persuasivo, visto que “pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa”. Logo, mesmo que a intenção seja conferir neutralidade ao texto, isso não será possível, uma vez que as escolhas discursivas carregam consigo sentidos inerentes, capazes de revelar disputas de poder. Afinal, como bem ressaltam Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 63), “não há produção linguística que se pretenda sem sentido”. Consequentemente, toda linguagem reflete intencionalidades e contextos que influenciam sua interpretação, mostrando que a neutralidade é uma ilusão, já que qualquer forma de expressão comunica.

Nesse ínterim, todo esse processo ocorre porque as entidades presentes em um texto ganham representação no universo discursivo construído — o que permite dizer que há, sempre, referente(s) no discurso. Todavia, como foi evidenciado até aqui, não se trata de algo simples: para a sua construção, são empregados diferentes recursos em cadeia, sendo a referenciação muito útil por possibilitar a compreensão a respeito de que modo os referentes e suas retomadas revelam tais posicionamentos argumentativos, ou seja, como são colocados nas situações de comunicação entre os interlocutores.

Tendo isso em vista, de acordo com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), o fato de a referenciação possuir três princípios não pode ser ignorado, sendo eles: “instabilidade do real, negociação dos interlocutores e natureza sociocognitiva da referência” (p. 27). Vale

sublinhar que esses princípios, em um viés didático, podem ser estudados separadamente, porém, ocorrem na interação discursiva de maneira conjunta, como é tratado a seguir.

3.2 Os princípios da referenciação

O princípio inicial que regula a referenciação baseia-se no entendimento de que a realidade exterior ao sujeito não é estável. Isso se comprova pela possibilidade de existir diferentes representações, no discurso, para o mesmo objeto — e como já se sabe, podendo essas ser positivas ou negativas, pois, como exemplificam Ramos e Alfonso Junior (2019), "o amor a quem está apaixonado e é correspondido não é o mesmo amor daqueles que padecem de uma frustração romântica" (p. 100). Dito de outra maneira, a realidade "não está disponível para ser expressa de forma lógica e objetiva pela linguagem" (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014, p. 31), uma vez que, guiados pelo contexto, os objetos do mundo passam por um processo de interpretação e de transformação.

Como consequência, tem-se que a construção da referência é um processo constante, e é "[...] justamente devido a esse caráter instável das categorias, as quais se modelam de acordo com as transformações sociais, que podemos, durante as trocas discursivas, construir um objeto de discurso por meio de diversas possibilidades categóricas" (Silva; Ranieri, 2020, p. 7). A respeito disso, Koch (2023, p. 64) explica que "nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real", tratando-se, então, de uma percepção moldada por aspectos sociohistóricos, cognitivos e discursivos; uma reelaboração compartilhada de dados sensoriais, por parte do cérebro, para que se possa apreender e compreender a realidade circundante.

Nessa perspectiva, "é possível que um mesmo referente esteja atrelado a representações discursivas distintas em um texto único ou em textos diferentes" (Carvalho; Silva; Zavam, 2014, p. 177), o que se revela com a representação verbal de um referente, por exemplo, de forma irônica, ainda que visualmente esse mesmo referente carregue uma carga simbólica diferente. Tendo isso em mente, pode-se dizer que não só, mas principalmente as expressões referenciais, em grande parte, contribuem para a representação do objeto de discurso, visto que têm função argumentativa.

O segundo princípio da referenciação baseia-se na dinamicidade desta, tratando-se da negociação de sentidos que ocorre entre os interlocutores ao interagirem uns com os outros, pois o processo de elaboração do real não se dá de forma totalmente subjetiva. Logo, "[...] os objetos de discurso não podem ser compreendidos como expressões referenciais que mantêm uma relação especular com os objetos do mundo, já que somente têm razão de ser no

discurso" (Lima, 2017, p. 575). Por essa razão, pressupõe-se a existência de interlocutores engajados nessa construção, o que leva Cavalcante (2022, p. 110) a caracterizar tal processo como "negociado, cooperativo, intersubjetivo".

Alinhado a isso, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) defendem que uma vez que os sentidos construídos são negociados, "a construção referencial nada mais é que o resultado dessa negociação" (p. 35). Em outras palavras, ao concordar, discordar, projetar ideias ou promover qualquer (re)ação frente a algo dito, o que ocorre são modificações nos/dos referentes, que, então, tornam-se passíveis de recategorizações, indo de um estado a outro (Cortez; Koch, 2013). Partindo desse ponto, pode-se considerar que esse princípio se baseia no que Saussure (1975, p. 23) já defendia em seus estudos: "bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto".

A partir disso, evidencia-se que a participação entre os envolvidos na situação discursiva é de extrema importância para a progressão do texto, caso contrário, o que pode acontecer são falhas, tais como a extrapolação, a redução ou a contradição. Para tanto, é preciso que esses estejam alinhados, de alguma maneira, a respeito do que se fala, objetivando "[...] submeter a versão à aceitação de outros participantes da interlocução" (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014, p. 38). Também, é imprescindível considerar que existem manifestações na superfície do texto que conduzem a certos aspectos de leitura coincidentes entre os sujeitos, fazendo com que não ocorra, por exemplo, aleatoriedade nessa conjunção.

Nessa perspectiva, o locutor realiza arranjos no texto, com o propósito de que ele seja aceito pelos interlocutores. Assim, ao construir o processo de referenciação, esse locutor realiza escolhas que são indicadores de sentidos e que ajudam a orientar o percurso interpretativo. Todavia, o sujeito-leitor também é de suma importância nesse processo, posto que é encarregado de interpretar coerentemente o texto lido ou ouvido, sendo preciso selecionar conhecimentos socioculturais e posicionar-se em relação aos enunciados produzidos. Dado o exposto, pode-se afirmar que ao ler textos, o que ocorre são negociações em vias de mão dupla.

O terceiro princípio da referenciação trata-se de sua natureza sociocognitiva. Essa visão entende que os mecanismos de construção dos referentes depende de conhecimentos prévios, logo, faz sentido falar em cognição. Segundo Cavalcante (2022, p. 112), "a interação linguística só ocorre porque os sujeitos são capazes de processar os textos que produzem e compreendem", então, entendendo que toda bagagem cultural é adquirida pelos sujeitos ao longo de sua trajetória nos mais diversificados âmbitos da vida a partir de experiências no mundo, também faz sentido falar em um aspecto sociocultural envolvido nos processos

referenciais. Dito de outra maneira, essa relação que se estabelece entre o aspecto social e o cognitivo evidencia que a produção e a interpretação de referentes são influenciadas pelo contexto sociocultural em que os sujeitos encontram-se. Por conseguinte, a referenciação deve ser entendida para além de uma atividade mental, considerando que esta reflete o entrelaçamento de valores partilhados no contato uns com os outros e com o mundo.

Por fim, tendo em vista os pressupostos gerais da referenciação, observa-se que três processos referenciais ganham destaque nos estudos linguísticos: a introdução referencial, a anáfora e a dêixis. Nesse estudo, devido ao que se apresenta mais alinhado à proposta de análise do gênero charge animada, além de questões de delimitação relacionadas à extensão da dissertação, o foco recai sobre os dois primeiros processos, descartando, por isso, a análise dos mecanismos dêiticos.

3.3 Processos referenciais: a introdução referencial

A introdução referencial pode ser entendida como a estreia de um referente no texto, de maneira mais evidente, por meio de uma expressão referencial, ou menos evidente, por meio de informações visuais — como ocorre em textos verbo-visuais ou predominantemente visuais. É a partir disso, então, que Cavalcante (2011), visando estabelecer uma explicação para esse fenômeno, denomina a introdução referencial como uma expressão nominal que estabelece "um objeto no discurso sem que nenhum outro elemento do contexto discursivo ou da situação imediata de comunicação o tenha evocado" (p. 106).

No caso específico dos textos verbo-visuais, entende-se que não há uma ordem de leitura que é padrão a todos os que lhe têm contato. Isso acontece porque diferentes linguagens se agrupam para a produção de sentidos no cotexto, logo, não seria correto dizer que um referente é introduzido inicialmente pela imagem e, apenas assim, retomado por uma expressão referencial verbal (ou vice-versa). Dias e Ferreira (2023), quanto a isso, salientam que "[...] devemos levar em conta que o coenunciador pode se valer de vários indícios para construir os sentidos e representar uma entidade no texto/discurso" (p. 376). Essa visão se sustenta ao considerar que há múltiplos referentes que aparecem ao mesmo tempo, dependendo, então, do sujeito acessar um deles, em primeiro momento, para que o processo de significação possa ocorrer como se pretende. Dado o exposto, devido à sua complexidade, não há uma ordem pré-definida.

Ainda no tocante à questão, cabe ressaltar que nas análises e conceitos sobre introduções referenciais, os textos verbo-visuais eram pouco considerados até algum tempo. Isso é um problema porque os significados construídos em qualquer texto dependem de todos

os elementos do discurso, não apenas das palavras. Esses elementos, por sua vez, podem ser expressões referenciais presentes no cotexto ou referentes inferidos por meio de imagens, cores e sons, por exemplo. Em outras palavras, para entender um texto, é necessário levar em conta tanto o que é dito verbalmente quanto o que é mostrado e/ou ouvido, além do que pode ser inferido.

Dito isso, além de o objeto de discurso ser evocado pela introdução referencial, o que por si só ressalta a sua importância, outras funções também podem ser atribuídas a ela. O que pode acontecer é uma introdução já recategorizada de um referente, ou seja, ele é, em alguma instância, alterado, o que exigirá um conhecimento enciclopédico de mundo compartilhado entre os interlocutores, na medida em que "a ação de introduzir um referente no discurso pode não se restringir a simplesmente colocar em evidência um objeto que passará por transformações; a transformação já se percebe na própria inauguração do referente" (Silva, 2012, p. 6).

Também, a introdução referencial pode servir como um veículo de orientação argumentativa, ao passo que oferece diretrizes e perspectivas sobre o que se fala. Nessa perspectiva, Silva (2012) pontua:

> [...] diferente das expressões anafóricas, as quais remetem sempre a uma âncora do cotexto, o introdutor de referente apresenta-o pela primeira vez, fazendo uma antecipação que será essencial para que o leitor, "sozinho", formule sua opinião e muitas vezes concorde com a do enunciador (p. 66).

Assim sendo, atentar-se à introdução referencial pode ajudar os sujeitos no processo de compreensão e interpretação na interação discursiva, uma vez que direciona a perspectiva do interlocutor para pontos específicos e intencionalmente selecionados, a respeito do referente, pelo produtor do texto. É por isso que, "daí em diante, tudo o mais que guardar relação com tais referentes estará inevitavelmente associado a ele, o que pode gerar diferentes processos de retomada anafórica" (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014, p. 55), fazendo-se preciso, então, entender como são esses processos e como afetam a tessitura.

Por fim, cabe ressaltar que no processo de introdução de referentes destaca-se, sempre, algum dos objetos de discurso no texto, o qual ocupa o que Koch e Elias (2006) denominam posição focal. Nesse contexto, as pesquisadoras ressaltam ser comum que, de maneira simultânea, ocorra a desfocalização, ou seja, que um objeto que antes estava em evidência ceda lugar a outro, deixando de ocupar a posição central. Esse trata-se de um mecanismo fundamental para garantir que ocorra a progressão textual e a construção do sentido que se pretende discursivamente.

Tendo estabelecido esse cenário, passa-se, agora, à discussão sobre as anáforas.

3.4 Processos referenciais: as anáforas

Tratando-se de um processo de retomadas, as anáforas possibilitam que ocorra nos textos a continuidade tópica e a progressão temática/manutenção de referentes, seja de modo direto, seja de modo indireto. Para tanto, expressões referenciais são comumente utilizadas nesse processo, todavia, não são a única opção, pois, verbalmente, pronomes, advérbios e até mesmo certas construções gramaticais também podem ser úteis. No que tange à linguagem verbo-visual, muitas informações visuais e sonoras podem, ainda, assumir esse papel.

De uma maneira ou de outra, esses elementos garantem que o texto mantenha uma estrutura coesa e que as ideias apresentadas estejam interligadas de forma lógica e fluida, categorizando o(s) referente(s). Ao recorrer a anáforas, por exemplo, o autor consegue evitar repetições desnecessárias[6], tornando a leitura mais dinâmica e menos redundante, o que também contribui para a eficiência comunicativa, visto que permite que o leitor e/ou ouvinte siga o fio condutor do discurso sem se perder.

Tendo isso em mente, não se pode esquecer que as anáforas dividem-se em espécies, sendo a primeira delas as *anáforas diretas* ou *correferenciais*, que retomam o mesmo referente anteriormente introduzido no texto. Na modalidade escrita da língua, elementos como pronomes substantivos, sintagmas nominais e sintagmas adverbiais são frequentemente utilizados para essa retomada. Na modalidade visual, uma imagem, a qual é composta por outros recursos semióticos, pode ter esse fim. Assim, as anáforas diretas não apenas retomam referentes, mas também permitem a construção e a expansão contínua do conhecimento no âmbito do discurso, garantindo a coesão textual e, possivelmente, facilitando a compreensão por parte do leitor.

Além disso, mesmo que se trate, aparentemente, da mesma entidade sendo retomada, há uma espécie de evolução na forma como essa entidade é referida, porque informações adicionais são incorporadas, seja pelo locutor, seja pelo interlocutor. Esse processo de recategorização enriquece a narrativa e/ou a argumentação, adicionando camadas de significado e contexto que contribuem para um entendimento mais profundo e detalhado do texto. Por isso, pode-se afirmar que os objetos de discurso não são fixos/estáveis, uma vez que avaliações que aparecem ao longo do texto evidenciam o posicionamento do locutor no tocante a eles.

---

[6] Todavia, a repetição também pode ser um recurso importante para que se construa o sentido pretendido (por exemplo, reforçar uma ideia), não devendo, portanto, ser tomada sempre de forma negativa.

Do mesmo modo, é correto dizer que “a recategorização ajuda a constituir os próprios fenômenos anafóricos na mente dos participantes da comunicação” (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014, p. 64), isto é, sociocognitivamente. Então, pode-se afirmar que as anáforas influenciam a compreensão do interlocutor sobre os objetos de discurso. Nas palavras de Lima (2017), “ocorre que nem sempre esse processo acontece de forma totalmente explícita, tendo a sua homologação confirmada na superfície textual por meio de expressões referenciais”.

Sendo assim, esse mecanismo exige uma habilidade inferencial quanto à expansão semântica, isto é, “operações cognitivas que o leitor realiza para construir proposições novas a partir de informações que ele encontrou no texto” (Coscarelli, 2002, p. 2). Dessa forma, torna-se possível estabelecer a conexão entre o referente original e a sua nova categorização, reinterpretando-o conforme se espera pelo projeto de dizer, haja vista que o efeito discursivo gerado pode ir da valorização à crítica — ambos em vários níveis.

As *anáforas indiretas* ou *não correferenciais* tratam-se da segunda espécie de anáforas. Essas, por não retomarem exatamente o mesmo referente, dão a sensação de que um novo foi introduzido no texto, porém, remetem a elementos do cotexto ou a pistas cotextuais. Em outras palavras, quando há o aparecimento de referentes muito associados a outros já instaurados na superfície textual e, por isso, já são esperados, por exemplo, devido ao tema, a probabilidade de haver uma relação desse tipo é alta.

Para que ocorra a interpretação das anáforas indiretas, faz-se preciso conteúdos dados pelo contexto. Percebe-se que assim como se pode construir mentalmente uma introdução referencial, é possível retomar, via anáfora, sem uma expressão referencial explicitada no texto. No que tange a isso, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) esclarecem:

> Informações que apoiam as anáforas indiretas são chamadas de âncoras; elas engatilham a referência indireta a menções de outras expressões referenciais, ou a qualquer outra construção linguística do cotexto, e a inúmeras outras informações que povoam a bagagem de conhecimentos de quem participa dessa enunciação (p. 72).

Considerando o apontamento dos pesquisadores, pode-se afirmar que as âncoras funcionam como pontos de apoio que conectam diferentes partes do discurso, permitindo ao leitor ou ouvinte estabelecer ligações coerentes entre elas. Sendo assim, essas âncoras são essenciais para a coesão textual, pois ajudam a manter a continuidade do sentido ao longo de um texto. Nessa mesma perspectiva, quando uma anáfora indireta é utilizada, ela se apoia nas âncoras presentes para ser compreendida, recorrendo tanto ao contexto imediato quanto ao conhecimento prévio e cultural dos participantes da comunicação. Assim, as âncoras facilitam

a interpretação das anáforas indiretas e enriquecem a experiência comunicativa ao tornar o discurso mais inteligível.

Por fim, as *anáforas encapsuladoras* são a terceira espécie. Como o próprio nome indica, ao atuarem como uma cápsula, possuem a função geral de sintetizar informações do próprio texto, envolvendo tanto parte do cotexto quanto do contexto mais amplo. Essas conseguem resumir e integrar algo prévia ou posteriormente apresentado, garantindo mais coesão e clareza ao discurso. No que diz respeito às porções resumidas, as possibilidades são variadas, abrangendo desde pequenas sentenças até segmentos mais amplos. Em alguns casos, elas podem resumir tudo aquilo que antecede a expressão anafórica encapsuladora utilizada ou, até mesmo, o texto todo. Na linguagem verbal, os pronomes demonstrativos mais frequentemente utilizados para estabelecer esse tipo de processo anafórico são "isso" e "isto", justamente por retomarem informações ou introduzirem outras à frente.

Esse tipo de anáfora é particularmente útil para recapitular e reforçar ideias, assegurando que o leitor ou ouvinte mantenha uma visão clara e coerente do conteúdo abordado. Além disso, as anáforas encapsuladoras desempenham um papel crucial na estruturação do texto, facilitando a compreensão das informações apresentadas e contribuindo para a sua fluidez. Nesse sentido, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) explicam que esse tipo de anáfora exerce "funções argumentativas decisivas para o projeto de dizer de cada enunciador, no momento em que busca o melhor modo de designar, de sintetizar parafraseando um ponto de vista" (p. 80), sendo comum ocorrer, por isso, uma rotulação do que foi retomado, explicitamente ou não.

Não menos importante, pode-se identificar em anáforas encapsuladoras a presença da função metadiscursiva, pois o enunciador trata do seu próprio dizer, o que possibilita, entre outros aspectos, a adesão por parte do leitor ao que se diz e como se diz. Esse uso metadiscursivo reforça a clareza e a intenção comunicativa do enunciador, permitindo que o outro compreenda não apenas o conteúdo, mas também a maneira como o autor quer que esse conteúdo seja interpretado. Dito de outra maneira, por meio de seu uso corrobora-se para alguma orientação argumentativa, porque o leitor é levado a assumir conclusões. Por isso, selecionar adequadamente o recurso linguístico a ser utilizado para realizar o "resumo referencial" é de extrema importância, com vistas a garantir, ao mesmo tempo, a retomada e a progressão das ideias, além de uma linha interpretativa.

Dado o exposto, a escolha pela expressão mais pertinente facilita a coesão textual e promove a continuidade lógica e argumentativa do texto, assegurando que as informações sejam socializadas de forma eficiente e que o leitor consiga acompanhar o desenvolvimento

do raciocínio. Porém, nos dizeres de Fontinele e Carvalho (2023, p. 136), “esse processo não se resume às marcas linguísticas, mas também pode ser construído por meio de elementos imagéticos ou visuais que, conjugados ao texto verbal, atuam como operadores argumentativos ou pistas para o leitor acionar informações a partir do texto”.

Portanto, uma boa escolha na utilização das anáforas encapsuladoras e de todas as outras contribui para a persuasão e o engajamento do leitor. A respeito disso, como explicam Brito e Bezerra (2021, p. 263), “ao operar uma retomada ou uma remissão a um antecedente textual, a expressão anafórica cumpre o papel de categorizar e/ou de recategorizar esse referente”, dando ao texto melhor estrutura e coesão, consequentemente, tornando-o mais convincente.

Considerando esse contexto debatido, na próxima seção, apresenta-se um levantamento webliográfico realizado com o objetivo de oferecer uma visão geral das pesquisas publicadas no âmbito acadêmico sobre referenciação em textos multimodais, como uma espécie de estado da arte. Esse levantamento busca mapear e analisar as principais contribuições e tendências no campo, destacando estudos relevantes que aprofundam a compreensão desse tema que, apesar de complexo, permite várias abordagens, inclusive interdisciplinares.

4 UMA VISÃO GERAL DAS PESQUISAS SOBRE REFERENCIAÇÃO EM TEXTOS MULTIMODAIS: O ESTUDO DA ARTE

Para embasar a discussão sobre os processos referenciais em textos multimodais, foi realizado um levantamento webliográfico, conforme previamente mencionado. Esse procedimento teve como objetivo incorporar estudos relevantes ao tema desta dissertação ao mapear produções, permitindo uma compreensão mais ampla e atualizada do estado da arte. Ao considerar pesquisas desenvolvidas em diferentes contextos e abordagens teóricas, buscou-se identificar tendências, lacunas e possíveis interlocuções entre os trabalhos já existentes, enriquecendo, assim, a fundamentação teórica desta investigação. Além disso, essa estratégia contribuiu para a disseminação e valorização de estudos científicos sobre referenciação, reforçando a importância de abordagens que contemplem a complexidade dos textos multimodais e os desafios analíticos que eles impõem no campo da Linguística Textual (LT).

Torna-se importante dizer, porém, que embora outros autores tenham realizado contribuições significativas sobre o assunto, eles não foram incluídos devido a fatores como o período de publicação de suas obras, que não se alinhou aos recortes temporais estabelecidos, e as limitações dos descritores de busca empregados, que, apesar de criteriosos, não abrangem a totalidade da produção acadêmica sobre o tema. Também, as escolhas metodológicas foram pautadas na pertinência dos estudos em relação ao escopo da pesquisa, o que demandou recortes estratégicos para garantir a viabilidade e a coerência da análise. Enfim, como detalhado na seção de Metodologia, os critérios adotados para a seleção dos trabalhos foram rigorosamente definidos, assegurando um levantamento alinhado aos objetivos da investigação.

No levantamento realizado, foram selecionados 16 (dezesseis) textos, entre artigos, dissertações e teses. O Quadro 1, apresentado a seguir, sintetiza as principais informações das pesquisas analisadas, destacando que o ano de 2014 registrou o maior número de publicações. Esse dado pode indicar uma intensificação do interesse acadêmico naquele período, porém, evidenciando a necessidade de novas produções que atualizem e ampliem o debate na área. A respeito de autoria, os seguintes pesquisadores publicaram mais de um texto sobre referenciação: Fontinele e Carvalho (2022; 2023); Lima (2018), e como coautor, em 2016; e Ranieri (2016), e como coautora, em 2020. Vale dizer que os trabalhos mencionados foram

organizados, neste estudo, conforme o ano de publicação, com o objetivo de orientar o leitor na compreensão da evolução dos estudos ao longo do tempo[7].

Quadro 1 — Informações sobre os textos selecionados

(Continua)

Identifi-cação	Título	Autoria	Tipo de publicação	Ano de publicação	Link para acesso
A	Miss simpatia: a edificação do objeto discursivo Marina Silva em textos multimodais	Menegaldo	Artigo publicado em periódico	2014	https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/528
B	Processos referenciais na construção do humor: um estudo do Diário da Dilma	Carvalho, Silva e Zavam	Artigo publicado em periódico	2014	https://www.redalyc.org/pdf/5124/5124516690 14.pdf
C	A referenciação em textos verbo-imagéticos	Silva	Tese de Pós-Graduação em Linguística	2014	https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15312
D	A construção multimodal dos referentes em textos verbo-audiovisuais	Nascimento	Tese de Doutorado em Linguística	2014	https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/9504
E	Referenciando semioses não verbais: breves reflexões	Ranieri	Artigo publicado em periódico	2016	https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1055
F	Esquetes do coletivo criativo “Porta dos Fundos”: uma proposta de análise do fenômeno referencial	Souza Jr. e Lima	Artigo publicado em periódico	2016	https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/14800/10817

[7] Para esse levantamento, foi utilizado o recurso de Inteligência Artificial (IA) para seleção das ideias principais de cada texto, e, assim, posterior elaboração do resumo seguido das análises. Porém, vale destacar que o uso desse recurso não dispensou o acesso a cada trabalho de pesquisa, uma vez que as análises apresentadas demandaram estudos a respeito de cada abordagem empregada.

Quadro 1 — Informações sobre os textos selecionados

(Continuação)

Identificação	Título	Autoria	Tipo de publicação	Ano de publicação	Link para acesso
G	O meme digital: construção de objetos de discurso em textos multimodais	Castro	Dissertação de Pós-Graduação em Letras	2017	https://ri.ufs.br/handle/riufs/8197
H	Referenciação e humor em tiras da personagem Marly	Pinto	Dissertação de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos	2017	https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_11025_impress%E3o%20disserta%E7%E3o%20priscila.pdf
I	Referenciação, argumentação e humor em esquetes	Lima	Artigo publicado em periódico	2018	https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/81585
J	Mesma imagem, leituras plurais: recategorizações multimodais de “Castanha do Pará”	Ramos e Alfonso Junior	Artigo publicado em periódico	2019	https://www.researchgate.net/publication/343754755_Mesma_imagem_leituras_plurais_recategorizacoes_multimodais_de_Castanha_do_Para
K	Um olhar para os processos referenciais em conversas no WhatsApp	Silva e Ranieri	Artigo publicado em periódico	2020	https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/48663

Quadro 1 — Informações sobre os textos selecionados

(Conclusão)

Identificação	Título	Autoria	Tipo de publicação	Ano de publicação	Link para acesso
L	Uma abordagem sobre a recategorização referencial: trabalhando a construção de sentidos em texto multimodal	Brito e Bezerra	Artigo publicado em periódico	2021	https://revistas.pucsp.br/verbum/article/view/55735
M	Referenciação no texto verbo-imagético: um estudo discursivo sobre o processo de recategorização	Fontinele e Carvalho	Artigo publicado em periódico	2022	https://periodicos.ufms.br/index.php/rascunhosculturais/article/view/17522
N	Processos de referenciação no gênero multimodal meme: proposta de aplicação ao ensino de leitura	Costa, Santos e Souza	Artigo publicado em periódico	2023	https://confluencia.emnuvens.com.br/rc/article/view/1326
O	O gênero GIF comic: um estudo à luz da referenciação	Dias e Ferreira	Artigo publicado em periódico	2023	https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3654/2301
P	Referenciação no texto multimodal: um olhar sobre o encapsulamento verbo-imagético e sua colaboração na orientação argumentativa	Fontinele e Carvalho	Artigo publicado em periódico	2023	https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/40269

Fonte: Elaborado pelo autor

A) *Miss simpatia: a edificação do objeto discursivo Marina Silva em textos multimodais* (2014)

No artigo, Menegaldo (2014) analisa capas e matérias da revista Veja que fazem menção direta ou indireta a Marina Silva, candidata à presidência da República no período de 2010. De modo específico, para conduzir suas ideias, demarca que o objeto discursivo em questão constitui-se por meio de uma criação conjunta da linguagem verbal e visual. No que tange à organização, a pesquisa estrutura-se em 5 (cinco) seções: (i) *Delimitando o estudo*; em que são expostas as considerações iniciais; (ii) *A referenciação e o texto multimodal*, em que são discutidos os pontos de intersecção entre esses aspectos teóricos; (iii) *A edificação de Marina Silva*, em que são realizadas análises do objeto de discurso Marina Silva a partir de recortes da Veja; (iv) *Considerações finais*; e (v) *Referências*.

A fim de atingir seu objetivo, as contribuições de Koch (2004; 2009), Mondada e Dubois (2003), Marcuschi (2008), Bentes, Ramos e Alves Filho (2010), entre outros pesquisadores, são resgatadas para explorar o processo de referenciação. Também, o trabalho tem como suporte teórico autores do campo da Linguística Textual, como Cavalcante e Custódio Filho (2010), partindo da ideia de que todo texto trata-se de um objeto multifacetado, o qual abarca em si várias semioses, não podendo ser diferente quando se trata de conteúdos veiculados em revistas. Embora não abordado por não fazer parte da proposta, o ambiente digital poderia, ainda, expandir esse ponto, haja vista que revistas digitais e *websites* informativos ligados à esfera jornalística utilizam cada vez mais recorrentemente recursos que possam chamar a atenção de internautas, como infográficos em vários *designs*, sons e efeitos, *timeline* interativa e emojis[8], tudo isso com vistas a obter o maior número de visualizações possível e ter seus conteúdos replicados.

Tratando-se do processo de referenciação, a autora parte da ideia de que a construção dos objetos é realizada nos textos como uma recriação, não sendo, pois, uma simples construção do real. Como se sabe, isso pode ser entendido como uma categorização, pois o sujeito, ao realizar uma produção discursiva, possui seus propósitos, selecionando determinados elementos para que estes sejam cumpridos. Dessa maneira, ao analisar a construção do objeto discursivo Marina Silva, tem-se que, por meio de fotografias, desenhos e

[8] Emojis são representações gráficas utilizadas no meio digital, normalmente em contextos mais informais — embora, hoje, haja uma linha tênue entre formalidade e informalidade, sendo preciso considerar, entre outros aspectos, os sujeitos envolvidos no processo e a situação comunicativa em que encontram-se inseridos —, para simbolizar um objeto, uma ideia, uma emoção ou um sentimento, podendo esses serem negativos, positivos ou não terem juízo pessoal de valor por estarem mais ligados à simples representação em si. Alguns exemplos são: 🥰🔥⚔️😈.

outros recursos verbais e visuais, categorizações ocorrem, as quais promovem a (res)significação do objeto em si através da progressão referencial.

É interessante observar, a partir disso, como a construção de outros objetos de discurso emerge, ou, como ela mesma denomina, é "edificada" em um mesmo contexto, inclusive simultaneamente, a partir de pistas que se apresentam no texto e em múltiplas linguagens. Até mesmo um sorriso, por exemplo, pode auxiliar nesse processo. De fato, elementos se mesclam, dando forma e significado ao conceito de texto multimodal.

Diante disso, cabe considerar que a teoria da referenciação, tradicionalmente aplicada a textos escritos e focada na inserção de componentes lexicais para categorizações, precisa ser ampliada no contexto atual. Isso se deve, entre outros componentes, aos visuais, que frequentemente introduzem o objeto de discurso, em muitos casos, de maneira predominante, constituindo uma primeira categorização essencial que não deve ser ignorada. Assim, percebe-se que a inclusão de elementos para além do verbal é crucial para a compreensão plena dos objetos de discurso.

Além disso, no artigo, entende-se que as retomadas desempenham um papel fundamental, construindo o que se denomina progressão ou cadeia referencial, o que confere coerência e coesão ao texto à medida que novas informações são adicionadas. A teoria da referenciação, ao ser expandida para incluir não só, mas, também, elementos visuais, reconhece a importância das múltiplas formas de expressão na construção de sentidos. Essa abordagem integrada é especialmente relevante em textos multimodais, em que imagens, gráficos e outros recursos visuais são empregados como partes integrantes e indispensáveis da mensagem, e não como ornamentos: em suma, tudo ajuda a significar.

Entre as análises realizadas pela pesquisadora, destaca-se a primeira, que se refere a matérias jornalísticas, em que a diagramação é observada minuciosamente, atentando-se a elementos como título, fotografia, extensão e posição dos elementos. Ela explica que realizar uma análise dessa natureza é fundamental para compreender que nenhuma escolha é aleatória; cada elemento é estrategicamente colocado para atrair o olhar do leitor para pontos específicos do texto, além de promover a introdução do objeto de discurso. Essa análise revela como a disposição visual contribui para a construção do significado e a eficácia comunicativa do texto, aos moldes de teorias como a Gramática do *Design* Visual (GDV) e a Semiótica Social (SS), mesmo que não tenham sido citadas, o que abre alas para intertextualidades e entrecruzamentos de áreas.

Entre as considerações finais, ressalta-se que não há um critério hierárquico preestabelecido na leitura dos elementos visuais e verbais, o que implica que cada leitura pode

construir uma introdução única de um mesmo texto verbo-visual e, a partir disso, gerar retomadas próprias. Esse aspecto ressalta a importância da subjetividade na interpretação dos textos multimodais, uma vez que os leitores podem perceber e interpretar os elementos de maneiras diferentes, sendo exatamente o que enriquece a experiência comunicativa.

B) *Processos referenciais na construção do humor: um estudo do Diário da Dilma* (2014)

Em sua pesquisa, Carvalho, Silva e Zavam (2014) investigam as estratégias de referenciação em excertos do "Diário da Dilma", um pseudodiário publicado em uma revista. Para tanto, os autores focam nas estratégias de retomada e introdução de referentes utilizadas, entendendo que o projeto de dizer do enunciador é essencial para que se consiga provocar o riso do outro, haja vista que "as formas através das quais o sujeito produtor de um texto tece relações entre os elementos linguísticos presentes na materialidade textual estão ancoradas nos objetivos pretendidos, isto é, num querer-dizer" (p. 174).

Ainda, considerando que a análise se debruça sobre textos que circulam socialmente, é fundamental reconhecer que o contexto atual é caracterizado pela heterogeneidade das semioses, o que demanda uma ampliação da análise linguística para além da linguagem verbal escrita. Nesse cenário, é necessário também atentar-se aos juízos de valor do produtor textual, os quais se manifestam por meio de estratégias como a descrição nominal, utilizada para (re)categorizar referentes. Esses juízos devem ser analisados com rigor, pois, muitas vezes, o leitor pode reagir superficialmente ao texto, como por meio de uma risada, sem compreender os pontos subjacentes que carregam significados mais profundos e complexos.

No que diz respeito à base teórica, os principais nomes que sustentam as discussões realizadas são Koch (2005) e Koch e Elias (2013), pois tratam o texto como uma atividade discursiva. Mondada e Dubois (1995), Cavalcante (2013) e Marcuschi (2005) também são invocados, principalmente para abordar a referenciação, entendida pelos autores do artigo como uma importante ferramenta para ativação do humor em gêneros humorísticos. Outrossim, são resgatadas contribuições de Pontes (2008), que analisa a produção de efeito de humor nos gêneros piadas e causo, partindo da ideia de referenciação; Ramos (2012), que trabalha na mesma vertente, porém, com tiras cômicas; e Alves Filho e Alexandre (2012), que tratam da construção de referentes em perfis falsos na rede social *X*, antigo *Twitter*. Tendo estabelecido esse panorama, o texto se divide em 5 (cinco) partes, sendo elas: (i) *Introdução*; (ii) *Considerações teóricas em torno da referenciação*; (iii) *Análise dos dados* (dos processos anafóricos e das descrições nominais como retomadas); (iv) *Considerações finais*; e (v) *Referências*.

Entre os aspectos que mais se destacam no trabalho em questão, tem-se que o conhecimento de mundo e do contexto sociocognitivo na compreensão dos textos humorísticos são de muita importância. Expandindo essa ideia, pode-se dizer que isso não se restringe aos textos humorísticos, mas se aplica a qualquer tipo de produção textual, pois é por meio do repertório sociocultural, aliado a outros aspectos, que o sujeito consegue significar pistas textuais presentes e (re)construir sentidos, indo além do cotexto e, não menos importante, considerando o contexto discursivo. Sendo assim, a relação entre o conhecimento sociocultural e a interpretação de textos evidencia a natureza dinâmica da produção de sentidos, que para além da decodificação linguística, envolve também a ativação de esquemas mentais previamente construídos.

Além disso, na pesquisa, destaca-se seu objeto de estudo: o modo de construção da ex-presidenta Dilma Rousseff, uma figura pública de respeito, que por anos representou a nação brasileira e, historicamente, sempre estará atrelada a ela. Muito além de investigar como o humor é construído, esse tipo de estudo permite abrir novos caminhos para análises voltadas a campos de grande relevância social, como a política, que, devido ao seu caráter de seriedade, frequentemente ficam restritos a públicos e meios específicos. Partindo desse ponto, entende-se que ao compreender como se dão as disputas de poder por meio da (re)construção de objetos de discurso em contextos como esse, torna-se possível enfrentar problemas ainda recorrentes. Entre eles, pode-se citar a disseminação de *fake news*[9], que muitas vezes divulga aos indivíduos imagens pré-moldadas, frequentemente revestidas de humor e, por isso mesmo, são aceitas.

Por fim, é interessante observar, a partir do que dizem os autores, que a recategorização muitas vezes ocorre de forma inesperada, quebrando a expectativa do leitor e, consequentemente, levando-o ao riso. Essa relação está intrinsecamente ligada ao que é ou não previsível nos fenômenos linguísticos empregados na constituição de um texto, elementos fundamentais para a produção do efeito cômico. Nesse sentido, a recategorização se estende até mesmo ao gênero textual, já que, tratando-se de uma paródia de diário, é minimamente estranho imaginar uma chefe de Estado agindo como retratado nos excertos.

C) *A referenciação em textos verbo-imagéticos* (2014)

[9] Em tradução literal do inglês para o português, as *notícias falsas* tratam-se de informações inverídicas sobre qualquer assunto e que podem circular em qualquer contexto, recorrentemente fazendo uso de estratégias linguísticas que alavancam a sua disseminação, principalmente nas redes sociais da internet, como formatação e linguagem que imitam fontes confiáveis. Entre as suas principais características, destacam-se seu objetivo de manipular opiniões e gerar desinformação, causando impacto político, social e econômico.

Na tese de Silva (2014), tem-se por objetivo analisar, a partir dos postulados de Mondada e Dubois (2003) e Cavalcante (2011), como se constrói a referenciação em textos verbo-imagéticos considerando, também, a teoria de modelos de contexto, de Van Dijk (2012). Para tanto, são investigadas 22 (vinte e duas) produções, entre tiras e anúncios publicitários. No que se refere à organização da pesquisa, esta se divide em 5 (cinco) capítulos, além das considerações finais e referências: (i) *Da noção de referência à noção de objetos de discurso: a instituição da relação linguagem mundo*, em que se estabelece, por meio de uma evolutiva do tempo, a relação linguagem-mundo; (ii) *A Linguística Textual e suas implicações à pesquisa*, em que é explicada a consolidação da área, assim como se discute as noções de gênero, tira, anúncio publicitário e texto; (iii) A *referenciação e a (re)construção de objetos de discurso: princípios e orientações*, em que se discutem estudos sobre referenciação na LT; (iv) *Metodologia*, para situar o leitor quanto aos procedimentos adotados; e (v) *A referenciação no texto verbo-imagético*, em que as análises são desenvolvidas.

Entre os resultados obtidos, constata-se a possibilidade de estender aos textos que se constituem por diferentes linguagens, como palavra escrita e imagem, ideias que, inicialmente, voltavam-se aos textos verbais escritos. Nessa perspectiva, os processos de introdução referencial e anáfora direta são explorados mais a fundo, confirmando a recategorização como um fenômeno que perpassa todos os processos referenciais e, por isso, consegue-se afirmar que "[...] um mesmo objeto de discurso pode ser observado em mais de uma categoria referencial" (Silva, 2014, p. 13).

A afirmação se sustenta à medida que, para além do que é abordado na tese, em gêneros diversos, como ocorre com as charges animadas, os referentes podem, ao passo que são introduzidos, ser também, ainda que implicitamente, retomados. Esse processo, por sua vez, requer do leitor a ativação de seus conhecimentos prévios para que, assim, se estabeleça uma conexão/rede referencial, revelando a complexidade envolvida. Também, pode ocorrer que, em uma introdução referencial recategorizada, o que parece ser a inserção de um novo referente seja, na verdade, a retomada de elementos já homologados no texto, mas com características novas, demandando, novamente, a ativação de aspectos cognitivos e sociais por parte do leitor.

Além disso, outro ponto a ser ressaltado, a partir da pesquisa, é o argumento de que ainda que textos multimodais sempre existiram, o estudo das multissemioses é algo novo e que vem ganhando espaço nos estudos linguísticos à medida que se reconfigura a noção de texto como um conjunto de fios, os quais representam diferentes modos semióticos. Para

tanto, a autora salienta que os modos que figuram nos textos não podem ser sobrepostos, isto é, não se deve dar mais importância a um que a outro, e sim tomá-los conjuntamente. Pensar nisso implica, por sua vez, pensar na ativação dos multiletramentos dos sujeitos, principalmente no espaço escolar, porque o texto não deve ser trabalhado de forma isolada; as práticas discursivas devem sempre estar imbricadas nesse processo. Esse é um posicionamento valioso e que permite compreender que todo texto é dialogal, pois, por trás dele, há um contexto: quem fala, o que fala, como fala, para quem fala, com quais propósito fala, com qual linguagem fala, entre outros aspectos.

Em meio a isso, como professora de Língua Portuguesa, a cientista teve como um de seus propósitos ressignificar a literatura existente na área a partir de um recurso que considera chamar a atenção de discentes do nível fundamental: textos que combinam palavra e imagem. Quanto a isso, percebe-se que estes, por estarem cada vez mais presentes no cotidiano dos alunos, realmente podem — e devem, segundo documentos obrigatórios para o ensino, como a Base Nacional Comum Curricular — ser introduzidos no âmbito escolar, com vistas a apresentá-los outra perspectiva de estudo que fuja de um modelo descontextualizado e voltado prioritariamente a decorar classes gramaticais, como se fazia em tempos idos. Dessa maneira, pode-se ter êxito em dar sentido ao que é aprendido na escola e ajudar os alunos a assimilar a aplicabilidade disso, pois não é raro o sentimento de que os conteúdos estudados estão distantes da realidade em que se inserem. Pode-se, enfim, redimensionar práticas pedagógicas. Para tanto, infere-se que deve haver um alargamento da teoria da referenciação, haja vista que a composição de linguagens constitutivas aos textos que circulam socialmente, na hodiernidade, é notável.

D) *A construção multimodal dos referentes em textos verbo-audiovisuais* (2014)

Nesta tese, Nascimento (2014) tem como propósito analisar como os referentes são construídos e mantidos em textos que combinam elementos verbo-audiovisuais, assim, a videoanimação *Vida Maria* (2006) é utilizada como objeto de pesquisa. Para atingir esse objetivo, busca-se compreender os processos de referenciação nesse texto digital por excelência, considerando a interação entre diferentes modalidades semióticas. A partir disso, percebe-se que esse trabalho é particularmente relevante para a área de Linguística Textual (LT), pois amplia a compreensão dos mecanismos de referenciação em textos multimodais, sendo capaz de evidenciar como a combinação de diferentes modos semióticos contribui para a construção de sentidos, promovendo a coesão textual.

Quanto ao aspecto organizacional, 7 (sete) seções sustentam a tese: (i) *Introdução*; (ii) *Universo textual: revisitando o iceberg*, em que a construção multimodal dos textos é discutida a partir de três ideias advindas da Gramática do Design Visual (GDV): o significado representacional, o interacional e o composicional; (iii) *O universo da compreensão leitora*, em que múltiplas questões que se voltam à leitura são discutidas, perpassando por pontos como os conhecimentos socioculturais e as habilidades; (iv) *O universo da referenciação: ressignificando o que os enunciados revelam*, em que os mecanismos da referenciação são explicados para o leitor, porém, contemplando a multimodalidade que se faz presente em textos de qualquer natureza; (v) *A construção dos referentes em um texto verbo-audiovisual: os percursos do olhar*, em que são expostos a metodologia adotada e os critérios de análise, assim como é feita a análise propriamente dita; (vi) *Considerações finais*; e (vii) *Referências*.

Inicialmente, vale ressaltar que um aspecto que se diferencia na tese de Nascimento (2014) é a análise aprofundada da construção de referentes, especialmente ao integrar o estudo da referenciação com o formato multimodal, que abrange não apenas o verbal e o visual, mas também o auditivo. Percebe-se que a abordagem é inovadora ao explorar como esses diferentes modos semióticos interagem e se complementam para manter a coesão e a continuidade narrativa. Como se vê através de uma rápida pesquisa na internet, enquanto muitos estudos ainda focam separadamente nos aspectos verbais ou visuais, essa pesquisa mostra como a articulação de som, imagem e texto cria uma rede referencial única, em que cada modalidade contribui de maneira distinta para a construção de sentido(s).

Por isso, ao propor uma visão mais abrangente, analisando como diferentes modos semióticos — como o verbal, o visual e o auditivo — interagem na construção de referentes, o trabalho amplia o entendimento dos processos de referenciação. Isso porque mostra como a integração dessas modalidades é essencial para a coesão e a continuidade dos sentidos em textos multimodais. Outrossim, a perspectiva adotada amplia o entendimento da própria teoria da referenciação, que é especialmente relevante para a análise de outras produções contemporâneas para além da selecionada, sobretudo aquelas advindas de mídias digitais, que costumam fortemente depender da integração multimodal para engajar o público e construir suas narrativas.

Frisa-se, a partir disso, que a interação digital tem um papel crucial na configuração de novos padrões de comunicação, em que a simultaneidade de diferentes modalidades semióticas — como texto, imagem, vídeo e som — cria uma experiência mais imersiva e dinâmica. Esse tipo de interação transforma a maneira como os referentes são construídos e mantidos, exigindo uma leitura mais ativa do público, que precisa interpretar as múltiplas

camadas de significado que surgem da combinação desses elementos. Aspectos como esse são contemplados na pesquisa, logo, devem ser dignos de atenção por parte do público leitor.

E) *Referenciando semioses não verbais: breves reflexões* (2016)

Nesta pesquisa científica, Ranieri (2016) parte do princípio de que a referenciação ocorre para além do plano textual verbal, haja vista que nas interações pode-se, também, fazer referência a qualquer elemento. Nesse sentido, ela une estudos em multimodalidade com estudos em progressão referencial para comprovar a sua hipótese. Em suma, compreende que "*a referenciação é uma atividade multimodal e discursiva de cunho sociocognitivo, baseada numa relação intersubjetiva, coletiva e colaborativa de uso da linguagem*" (p. 1281, grifos da autora).

Quanto à organização do artigo, ele é composto por 6 (seis) seções: (i) *Apresentação*; (ii) *Texto: para além do linguístico*, em que é expandida a noção de texto com vistas a envolver aspectos sócio-cognitivo-culturais e discursivos; (iii) *A referenciação como uma atividade multimodal*, em que é realizado um breve apanhado, semelhante a um estado da arte — porém, sem aprofundamento quanto aos critérios adotados —, a respeito do que se tem publicado sobre referenciação até aquele momento; (iv) *Sobre as semioses não verbais e os processos de referenciação*, em que são realizadas análises, com foco na referenciação, de comentários em um videoclipe do *YouTube* e do recurso olfativo empregado em revistas para a venda de perfumes; (v) *Considerações finais*; e (vi) *Referências*.

Entre as ideias desenvolvidas, uma que chama bastante atenção é o tratamento dado à multimodalidade, pois, como afirma a autora, "todas as nossas ações cotidianas são marcadas pela associação entre o verbal e o não verbal" (p. 1276). A partir dessa perspectiva, a visão de que todas as semioses atuam como objetos de discurso, e não apenas o verbal, contribui para expandir o fenômeno da referenciação, assim como o entendimento a respeito do modo de funcionamento da comunicação entre os sujeitos, repensando a própria unidade textual.

Nesse contexto, vale ressaltar que Ramos (2012) já destacava a necessidade de verificar se as teorias aplicadas aos enunciados verbais escritos poderiam se estender àqueles em outros formatos. Traçar novas abordagens como o estudioso sugere é fundamental, pois não se trata apenas de replicar teorias já consolidadas, mas de ampliar o conhecimento que se tem; ponto que se torna ainda mais relevante diante do surgimento massivo de gêneros digitais, cujas dinâmicas e linguagens, embora possam parecer similares às tradicionais, exigem outras análises e perspectivas.

Para o referencial teórico, são trazidos autores como Cavalcante e Custódio Filho (2010), para revisitar o conceito de texto; Ramos (2012), para evidenciar que a referenciação envolve a condição multimodal, posto que elementos sociocognitivos, culturais e linguísticos garantem a progressão textual, extrapolando o cotexto em si; e Morato (2001), Mondada (2005) e Bentes e Rios (2006), para ampliar os horizontes sobre o fenômeno da referenciação, comprovando-o como "[...] uma prática multimodal não só em contextos de interação face a face, mas em outros tipos de interações" (Ranieri, 2016, p. 1280).

Por meio do trabalho, é possível entender que a referenciação é uma atividade socialmente compartilhada, pois, na comunicação, os sentidos não são criados de modo isolado por um sujeito; eles são construídos em conjunto com outras pessoas. Para comprovar a ideia da pesquisadora, basta pensar que ao fazer referência a algo em um texto ou em uma conversa, pistas linguísticas são ativadas, as quais são contextuais e culturais, porque só fazem sentido justamente por serem parte de um conhecimento compartilhado entre interlocutores. Além disso, os sentidos das palavras e expressões não são fixos, por isso dependem do contexto e das interações sociais. Isso significa que um termo pode ter significados diferentes dependendo do grupo social, da cultura ou da situação em que é usado. Logo, o postulado se sustenta.

Como conclusão, tem-se que a multimodalidade é uma característica essencial da linguagem e da interação humana, não limitada aos avanços tecnológicos contemporâneos. Portanto, é crucial continuar a reavaliar o conceito de texto, percebendo-o como uma unidade multissemioticamente integrada em que diferentes semioses colaboram para criar sentido(s), enfatizando a importância de pesquisas sobre referenciação como uma ação discursiva.

F) *Esquetes do coletivo criativo "Porta dos Fundos": uma proposta de análise do fenômeno referencial* (2016)

Neste artigo acadêmico, Souza Jr. e Lima (2016) propõem uma análise dos processos referenciais no gênero esquete, com o objetivo de compreender como os referentes contribuem para a produção de efeitos humorísticos. Para isso, são observados três processos: as introduções referenciais, as anáforas e as dêixis. Em termos organizacionais, o trabalho é estruturado em 8 (oito) seções: (i) *Considerações iniciais*; (ii) *O processo de referenciação*, em que é realizado um apanhado a respeito de como essa teoria surgiu e como foi implementada no Brasil; (iii) *Expressões referenciais*, em que a classificação das expressões referenciais é apresentada ao leitor; (iv) *Referenciação e multimodalidade,* em que se discute a necessidade de alargar o conceito de texto embarcando a multimodalidade, pois vários

signos se mobilizam nele; (v) *Breves considerações sobre o gênero textual esquete*, em que são tecidas suas principais características; (vi) *Referenciação e humor no esquete "Traveco da firma"*, em que é realizada a análise referencial humorística previamente sinalizada; (vii) *Considerações finais*; e (viii) *Referências*.

Inserida no campo teórico-metodológico da Linguística Textual (LT), essa pesquisa adota o viés sociocognitivo-discursivo da referenciação, fundamentando-se em Marcuschi (2007), que concebe a linguagem como uma atividade sociocognitiva e interacional; Koch (2004), que considera o texto uma entidade multifacetada; e Schnotz (2009), que reconhece a veiculação de sentidos nos textos. Ademais, as contribuições de Cavalcante (2011), Custódio Filho (2011) e Ramos (2007; 2011; 2012) são recuperadas para explorar os fenômenos da referenciação, bem como as ideias de Cavalcante (2012) e Ramos (2011) no que tange à multimodalidade textual. No *corpus* analisado, o esquete *Traveco da firma* (2012), produzido pelo canal Porta dos Fundos, exemplifica um texto multimodal, o qual integra múltiplas semioses para a produção de sentidos.

Um dos pontos de destaque do trabalho é o tratamento dado ao humor, presente em esquetes e em outros gêneros, como as charges animadas, os memes e as paródias, cuja construção depende, entre outros aspectos, da (re)categorização dos referentes. Esses gêneros, ao explorarem a comicidade, utilizam estratégias multimodais que integram elementos verbais, visuais, sonoros e gestuais, permitindo a interação entre diferentes semioses na produção do efeito humorístico. A respeito disso, o autor destaca que os processos referenciais atuam como gatilhos para desencadear a comicidade, funcionando como ferramentas cruciais para a (re)construção dos sentidos ao longo do discurso.

Essa abordagem permite ampliar os limites da teoria da referenciação, originalmente pensada para textos escritos, ao inseri-la em contextos nos quais a produção de sentido se dá de maneira mais ampla, incluindo aspectos sociais, culturais e cognitivos. Além disso, tais processos refletem a capacidade do humor de provocar reflexões críticas, ao mesmo tempo em que desafiam o público a interpretar pistas textuais e contextuais para captar nuances e subentendidos. Dessa forma, a relação entre a (re)categorização dos referentes e a comicidade reforça o caráter dinâmico e criativo da referenciação, destacando seu papel essencial nos gêneros contemporâneos.

Nesse cenário, nota-se que o riso, seja irônico, seja debochado, seja ainda de outra natureza, é frequentemente provocado por uma combinação de fatores que vão além da linguagem verbal escrita, e isso se comprova por meio da análise material presente no próprio artigo. Não se trata apenas do emprego de elementos isolados, como uma vestimenta ou um

jeito de falar, pois cada sujeito pode ser afetado por diferentes aspectos linguísticos e, a partir disso, rir. Nesse caso, sabe-se que o gênero é um esquete, cuja intenção comunicativa é criticar algo ou alguém. No entanto, não é incomum que, através dele, o riso seja alcançado sem que a crítica, implícita ou não, seja compreendida por muitos que têm contato com o texto e riem, o que reforça a natureza sociocognitiva e discursiva da referenciação.

Ademais, considerando que os referentes se reconstroem ao longo da progressão discursiva, confirma-se que o que provoca o riso realmente não é algo fixo, e sim dinâmico e dependente do contexto. Como conclusão, tem-se que a linguagem verbal e outras mais, como a imagética, se entrelaçam, sendo cruciais para a introdução, a retomada, a situacionalidade e a recategorização de referentes. Isso, por sua vez, reflete a capacidade dos criadores em explorar nuances que enriqueçam a experiência do espectador.

G) *O meme digital: construção de objetos de discurso em textos multimodais* (2017)

Nesta pesquisa acadêmica, Castro (2017) tem como propósito analisar como os memes digitais, enquanto gêneros textuais emergentes no ambiente digital, constroem e organizam objetos de discurso por meio da combinação de elementos verbo-visuais. Para tanto, a pesquisadora busca compreender os processos de produção e interpretação desses textos multimodais, analisando as estratégias discursivas e os mecanismos semióticos que contribuem para a construção de sentidos nos memes. Além disso, ela explora as práticas sociodiscursivas associadas a esse gênero, refletindo sobre sua relevância na cultura contemporânea e seu papel na comunicação digital.

Para cumprir esse objetivo, a dissertação encontra-se dividida em 6 (seis) seções: (i) *Introdução*; (ii) *Gêneros discursivos*, em que são discutidos os conceitos de texto multimodal, hipertexto e textualidade, porém, com foco no gênero meme sob uma perspectiva bakhtiniana da linguagem, auxiliando a compreender melhor a produção de sentidos que pode ocorrer a partir dele; (iii) *Processo de referenciação*, em que as noções de texto e objetos de discurso são trabalhadas conjuntamente, com vistas a explicar essa teoria para o leitor; (iv) *Uma análise referencial de textos multimodais*, que contempla a metodologia empregada e a análise propriamente dita; (v) *Considerações finais*; e (vi) *Referências*.

Tendo estabelecido esse cenário geral, um aspecto interessante trabalhado é a análise dos processos de interação entre texto e imagem. Como se vê, nos memes digitais, recursos verbais e visuais se inter-relacionam de forma a criar sentidos específicos e, muitas vezes, humorísticos e/ou irônicos. A respeito disso, deve-se ter em mente que o processo de construção de sentidos é sempre dinâmico, pois depende tanto da leitura das palavras, quando

houver, quanto da interpretação da(s) imagem(ns), com cada elemento influenciando a compreensão do outro. Por isso, a partir do que é desenvolvido ao longo da pesquisa, pode-se afirmar que nenhuma escolha linguística em um texto, independentemente de qual seja, é aleatória. De modo especial, isso se comprova quando se busca provocar o riso, pois cada elemento presente no texto tende a ser cuidadosamente selecionado para gerar uma reação específica e, assim, ativar o humor através de relações inesperadas e interpretações possivelmente ambíguas

Não menos importante, outro ponto que merece atenção diz respeito à afirmação de que os memes utilizam interações multimodais para gerar efeitos discursivos poderosos, como a crítica social, revelando a complexidade e a flexibilidade desse gênero na comunicação digital contemporânea. Partindo dessa premissa, verifica-se que esse estudo é relevante para entender como a multimodalidade é empregada na cultura digital e como o sentido que se constrói com os memes podem ser construídos de forma coletiva, a partir de uma série de contextos e interpretações compartilhadas. Afinal, o meme é um produto sociocultural profundamente enraizado nas dinâmicas contemporâneas, capaz de refletir e moldar as interações e valores compartilhados em diferentes contextos.

Finalmente, considerando que na contemporaneidade os memes digitais se configuram como um dos principais veículos de comunicação na interação digital, essa dissertação se realça ao promover a visão de que a multimodalidade gera formas complexas de referenciação, oferecendo ao receptor um jogo interpretativo contínuo. Isso, pois, ao recorrer a figuras culturais compartilhadas e a símbolos de fácil reconhecimento, os memes constroem sentidos que são (re)significados de acordo com os próprios contextos em que são inseridos. A referenciação, então, se torna um mecanismo chave, pois permite que o discurso presente nesse gênero se conecte a uma rede de outros sentidos e discursos pré-existentes, ao mesmo tempo em que novas camadas de interpretação são desenvolvidas.

H) *Referenciação e humor em tiras da personagem Marly* (2017)

Nesta dissertação, Pinto (2017) apresenta uma análise detalhada dos processos de (re)construção de referentes nas tiras cômicas da personagem Marly, criada pelo cartunista Milson Henriques. De modo específico, a pesquisa destaca como os referentes são introduzidos, mantidos e modificados por meio da combinação de elementos verbais e imagéticos, enfatizando a importância dessa interação para a construção do humor. Paralelamente, a autora observa que a recategorização dos referentes desempenha um papel fundamental na deflagração do humor nas tiras analisadas, o que se destaca como um aspecto

valioso se esse é comparado a outros trabalhos da área de Linguística Textual (LT), visto que abarca tecnologia digital, gêneros textuais e referenciação, de maneira coesa e coerente.

Quanto à organização, percebe-se que 7 (sete) seções compõem o trabalho: (i) *Gênero textual*, em que a concepção de gênero é explorada com vistas a entender a composição e o funcionamento da tira cômica; (ii) *Texto, multimodalidade e referenciação*, em que esses três conceitos são tomados conjuntamente ao passo que se estabelece uma conexão entre eles; (iii) *Sentido(s) do humor*, em que são debatidas as principais teorias sobre o humor, destacando aspectos que se relacionam com a construção humorística nas tiras cômicas; (iv) *Metodologia*; (v) *Análises*; (vi) *Considerações finais*; e (vii) *Referências*.

Em linhas gerais, a pesquisa evidencia que a interação entre elementos verbais e visuais potencializa estratégias de referenciação, como a recategorização e a anáfora, conduzindo à ressignificação de sentidos e à surpresa interpretativa, aspectos fundamentais para a deflagração do humor. Esse é um dos pontos altos do trabalho, posto que é capaz de ampliar o que se entende por referenciação, muitas vezes ainda voltada para análise de textos verbais escritos, e preencher lacunas existentes na teoria quando aplicada em textos de outra natureza, como a verbo-visual. Além disso, ao analisar a personagem Marly, o estudo exemplifica como o humor emergente depende da capacidade do leitor de ativar conhecimentos prévios e inferir relações não explícitas entre os signos multimodais.

Sobre esse aspecto, a partir do estudo em questão, cabe uma observação. As tiras, apesar de possuírem esse caráter humorístico, nem sempre serão capazes de atingi-los, o que se dá, muitas vezes, pela maneira como os referentes são introduzidos e transformados ao longo da interação entre os diferentes modos semióticos. Dito de outra maneira, quando elementos visuais e verbais, por exemplo, são combinados, a referência pode ganhar novos contornos, desafiando interpretações lineares e exigindo do leitor um esforço social, cognitivo e discursivo para estabelecer conexões que frequentemente estão implícitas. Assim, esse jogo entre o que é dito e o que é sugerido permite que significados inesperados surjam, criando efeitos de surpresa e contradição que potencializam a expressividade do texto.

Tendo isso em vista, entende-se que os mecanismos linguísticos e cognitivos envolvidos na produção do humor a partir da referenciação operam em múltiplos níveis, combinando expectativas pragmáticas e processos inferenciais do leitor. Essa é uma visão que merece destaque, haja vista que a introdução e a retomada de referentes em textos humorísticos frequentemente ocorrem de maneira inesperada ou ambígua, provocando a reinterpretação do enunciado e gerando o efeito cômico. E isso não se prende a tiras cômicas, apesar de ser o foco do trabalho. Nota-se que a mesma situação também ocorre em memes,

charges, cartuns e afins: um referente previamente estabelecido é ressignificado em um novo contexto, desafiando o modelo mental do leitor e exigindo que ele reavalie suas inferências anteriores.

Por fim, torna-se válido afirmar que a dissertação amplia a compreensão dos mecanismos linguísticos e cognitivos envolvidos na referenciação em textos não apenas humorísticos, mas, de forma geral, híbridos, pois fornece subsídios teóricos e analíticos para futuras investigações na área em questão e sobre os estudos do humor. Isso mostra que a referenciação, mesmo sendo um conceito teórico desenvolvido dentro da LT, pode ser expandida para outros caminhos, até mesmo a partir do intercruzamento de áreas. Ao dialogar com a Linguística Aplicada (LA), por exemplo, a referenciação pode ser explorada no ensino de línguas, auxiliando na compreensão de como os aprendizes constroem e retomam sentidos em diferentes gêneros textuais. Também, sua relação com a Análise do Discurso (AD) permite investigar como os referentes são estrategicamente moldados para persuadir, ocultar ou enfatizar determinados aspectos em contextos diversos, como políticos e midiáticos. Esses são apenas alguns exemplos, mas frisa-se que não se encerram aqui.

I) *Referenciação, argumentação e humor em esquetes* (2018)

Neste texto científico, Lima (2018) analisa o esquete *Reis Magia* (2016), do canal Porta dos Fundos, disponibilizado no *YouTube*, partindo da hipótese de que os referentes se (re)constroem por semioses além do material linguístico. É possível perceber, porém, que em meio ao trabalho são selecionadas e analisadas muito superficialmente cenas de outro esquete, *Traveco da Firma* (2012), o que pode causar estranhamento ao leitor, haja vista que esses trechos fazem parte de outro trabalho acadêmico do mesmo autor e, por isso, ficam deslocados. Apesar disso, a pesquisa em si não perde o seu valor, principalmente ao considerar que as (multi)semioses são essenciais para promover a argumentação pretendida, levando o público ao riso.

A organização do trabalho é dividida em 6 (seis) seções: (i) *Introdução*; (ii) *Aspectos multimodais e (re)construção de referentes*, em que é sinalizada a importância de ampliar o conceito de texto, englobando a multimodalidade, porém, não se diz tanto sobre referenciação; (iii) *Humor e argumentação*, em que se reflete sobre o humor possuir, em esquetes, vertentes críticas; (iv) *Uma proposta de análise,* em que o vídeo é analisado; (v) *Considerações finais*; e (vi) *Referências*.

Em relação aos autores teóricos, são apresentadas as contribuições de Cavalcante (2012), Cavalcante e Custódio Filho (2010) e Ramos (2011; 2012), expandindo a

compreensão do texto como um fenômeno multifacetado. No que tange à argumentatividade, as noções propostas por Carmelino (2014) e Elias (2016) são exploradas, e, para o tratamento do humor, são utilizadas as abordagens de Raskin (1985) e Tafarello (2014). Essas referências teóricas visam proporcionar uma análise abrangente, interligando diferentes dimensões do texto e da comunicação multimodal.

Como ponto de partida, o autor entende que os referentes evoluem no discurso de forma não linear, o que implica que essa construção não pode se fixar em uma única semiose ou expressão lexical. Essa ideia se confirma quando a teoria da referenciação é pensada conjuntamente à teoria da multimodalidade, pois, em qualquer texto, de natureza digital ou não, várias escolhas linguísticas são postas em prática para concretizar o discurso e atingir um propósito comunicativo. Logo, como ele bem diz: "a comunicação pode se estabelecer pela utilização das mais variadas semioses e não apenas pelo uso da linguagem verbal" (Lima, 2018, p. 3). A seleção de uma cor, por exemplo, pode contribuir nesse processo, pois, no contexto em que for empregada, provavelmente auxiliará a construir sentido(s).

Além disso, o acadêmico entende que as recategorizações atendem a variados propósitos argumentativos, o que se comprova pela análise previamente comentada. Para além disso, com efeito, essa ideia é validada quando se toma um texto e se percebe que, ao retomar referentes, esse processo envolve escolhas que revelam nuances, pois escolhas são feitas ao estabelecer conexões no discurso, por exemplo, de que modo isso será feito e como esses referentes serão homologados.

Aliado a isso, a análise desenvolvida pelo pesquisador permite concluir que, embora muitos recursos deflagrem humor no gênero esquete, alguns são mais recorrentes. Essa observação pode ser um dos pontos altos do trabalho, posto que outros gêneros humorísticos, como a charge, a paródia, o cartum e o meme, parecem possuir funcionamento semelhante. Tal perspectiva abre margem, então, para o desenvolvimento de possíveis novos trabalhos acadêmicos a respeito da construção do humor voltado ao aspecto referencial, buscando entender se existe mesmo um padrão quanto ao uso desses recursos, principalmente ao explorar a multimodalidade, ampliando seus efeitos.

J) *Mesma imagem, leituras plurais: recategorizações multimodais de "Castanha do Pará"* (2019)

Em sua pesquisa, Ramos e Alfonso Junior (2019) demonstram que textos imagéticos possibilitam múltiplas interpretações, mesmo quando duas ou mais pessoas se referem ao mesmo objeto, o que evidencia a importância dos conceitos de contexto e referenciação. Para

investigar isso, os autores analisam a obra *Castanha do Pará* (2018), cuja recepção gerou controvérsia ao ser submetida a um processo de censura em uma exposição aberta ao público na cidade de Belém, no Pará.

No que tange à organização da pesquisa, o estudo estrutura-se em 7 (sete) seções: (i) *Considerações iniciais*; (ii) *Contextualizando a obra*, na qual se apresenta ao leitor o ponto de partida do objeto de análise; (iii) *Contextualizando a controvérsia*, que discute a origem e a ampliação do debate em torno da censura; (iv) *Referenciação e multimodalidade*, seção em que o embasamento teórico é expandido, fundamentando a abordagem sócio-cognitiva adotada no artigo; e (v) *Explicações textuais para o caso*, que resgata trabalhos anteriores de um dos autores, considerados referenciais para a construção do estudo em foco, além de apresentar análises que buscam compreender os fatores que propiciaram interpretações divergentes sobre o episódio anteriormente citado; (vi) *Considerações finais*; e (vii) *Referências*.

Quanto ao embasamento teórico, os autores mobilizam diferentes referências para sustentar suas análises. Inicialmente, pode-se citar Koch (2002), que é retomada para discutir a relação entre os conhecimentos socioculturais e os processos de interpretação textual, enfatizando a construção do sentido como uma atividade interativa e situada. Em seguida, nota-se a presença de Mondada e Dubois (2003) quanto à perspectiva dada à referenciação, abordagem que permite compreender os mecanismos pelos quais os referentes são (re)construídos discursivamente. Também, a fim de evidenciar a ocorrência da referenciação multimodal, recorre-se a Ramos (2007, 2011, 2012), cujos estudos demonstram como diferentes semioses interagem na construção referencial. Por fim, Skidmore (1988) é empregado para analisar o funcionamento da censura exercida por instâncias de poder político, permitindo contextualizar historicamente as restrições impostas à circulação de determinados discursos e seu impacto na recepção de obras artísticas.

Diversos aspectos da produção merecem destaque, especialmente a defesa de que o sentido não é inerente ao texto, mas construído a partir de pistas linguísticas e não linguísticas, envolvendo fatores contextuais, textuais e a ativação de conhecimentos prévios por parte do leitor. Essa abordagem amplia os limites tradicionalmente atribuídos ao texto, muitas vezes restrito à linguagem verbal, ao reconhecer que a comunicação ocorre por meio de múltiplas semioses. Se as imagens são capazes de significar e provocar interpretações nos sujeitos, realmente torna-se legítimo analisá-las como parte dos processos de construção de sentido.

Logo, o artigo lança uma contribuição valiosa aos estudos em Linguística Textual (LT) ao explicar que a imagem, assim como o texto escrito, participa ativamente dos processos referenciais, ressignificando objetos e eventos no discurso. Nesse contexto, a teoria da referenciação assume um papel central ao permitir a observação da (re)construção de referentes, mesmo em situações em que esse processo ocorre sem o suporte da linguagem verbal escrita, demonstrando a complexidade e a dinamicidade dos fenômenos referenciais.

Sob esse prisma, comprova-se que a teoria da referenciação vai além da simples introdução e retomada de referentes no texto, constituindo-se como uma ferramenta essencial para a compreensão das disputas de sentido. Em particular, esse estudo possibilita a problematização da censura como um mecanismo de controle discursivo. Historicamente, em períodos de regimes ditatoriais, é sabido que diversas produções foram destruídas ou tiveram sua circulação restringida, impedindo o acesso da população a determinadas narrativas e perspectivas. No entanto, essa prática não se restringe ao passado, tornando fundamental um olhar crítico sobre os sentidos que (ainda) estão sendo construídos e as possíveis legitimações distorcidas que podem emergir desse processo. Reforça-se essa ideia, pois esse exercício crítico pode ajudar a ampliar as habilidades de leitura e interpretação, assim como a fortalecer o papel do sujeito enquanto cidadão ativo e consciente do que ocorre ao seu redor.

K) *Um olhar para os processos referenciais em conversas no WhatsApp* (2020)

Neste artigo científico, Silva e Ranieri (2020) partem de concepções contemporâneas de texto, as quais enfatizam sua natureza multimodal e dinâmica, para explorar como ocorre a construção da referenciação. Os autores destacam que o estabelecimento da progressão referencial exige uma integração eficaz entre os diferentes modos semióticos, ressaltando o papel dessa interação na construção da textualidade de forma coesa e significativa. Especificamente, o estudo aborda fenômenos como o encapsulamento, que sintetiza informações previamente apresentadas; a categorização, que organiza os referentes dentro de um contexto; a recategorização, que redefine ou ajusta esses referentes; e a rotulação, que atribui novos significados ou identidades. Esses processos são analisados de forma a evidenciar sua importância na manutenção da coesão e no enriquecimento interpretativo dos textos.

Para trabalhar esses pontos, o artigo divide-se em 9 (nove) seções: (i) *Apresentação*; (ii) *O texto para além do verbal*, em que se defende um redimensionamento do objeto texto; (iii) *Situando a Multimodalidade*, em que se explora a gama de semioses presentes nos textos cotidianos, comprovando que toda comunicação é multimodal; (iv) *Os processos de*

referenciação e suas estratégias textuais, em que se discute como a construção referencial ocorre; (v) *O lócus da pesquisa: WhatsApp*, em que se apresenta brevemente ao leitor questões ligadas ao funcionamento dessa rede social; (vi) *Metodologia e critérios para a escolha do corpora*, em que se explicam os procedimentos adotados; (vii) *Análise do corpus*; (viii) *Considerações finai*s; e (ix) *Referências*.

Quanto aos autores recuperados na pesquisa, Mondada e Dubois (2003) e Koch (2004) são citados para sustentar as discussões sobre a referenciação em contextos multissemióticos, apresentando a teoria clássica, mas expandindo seus horizontes. Cavalcante e Custódio Filho (2010) também são utilizados, mas para embasar a concepção adotada de texto, que é considerada de forma multifacetada. Já Hodge e Kress (1988), Dionísio (2005) e Jewitt (2014) contribuem para a compreensão do que é, afinal, a multimodalidade, dissertando como as diferentes semioses interagem nos textos.

O objeto de estudo desta pesquisa, isto é, as conversas de *WhatsApp*, é particularmente atrativo, dado que essa é uma das redes sociais mais utilizadas atualmente. Como apontam as autoras, o uso expansivo dessa plataforma tem dado origem a novas formas de comunicação, como o uso de *emoticons* e figurinhas, ainda que esses recursos não tenham sido contemplados na análise, que são empregados com objetivos comunicativos específicos. Trabalhar com esse objeto permite perceber que a referenciação, embora complexa e muitas vezes aparentemente imperceptível, se realiza em diversos momentos da vida cotidiana, incluindo aqueles mais descontraídos, como nas interações digitais. Além disso, essa abordagem possibilita um redimensionamento dos gêneros tradicionalmente explorados em pesquisas na Linguística Textual (LT), sugerindo que outros, mais recorrentes, merecem a mesma atenção.

Como conclusão, entendem que o cotexto, isoladamente, é insuficiente para a análise do texto em uma perspectiva mais ampla, pois tanto sua produção quanto sua leitura envolvem recursos que ultrapassam a materialidade linguística. Nesse sentido, “a linguagem verbal passa a ser vista como mais um dos elementos constitutivos da entidade textual e não como o elemento único e constitutivo da unidade textual” (Silva; Ranieri, 2020, p. 14). Em outras palavras, a pesquisa multimodal busca compreender como diferentes modos semióticos interagem e se complementam na construção de uma comunicação eficaz. Assim, cada recurso é concebido como uma ferramenta que cria significados, molda e expressa valores socioculturais, além de potencialmente revelar dinâmicas e relações de poder subjacentes.

L) *Uma abordagem sobre a recategorização referencial: trabalhando a construção de sentidos em texto multimodal* (2021)

No artigo, Brito e Bezerra (2021) investigam como ocorre a recategorização referencial em textos multimodais, com foco específico em uma charge. Para desenvolver a análise, as autoras fundamentam-se em obras de referência na área da Linguística Textual (LT), incluindo os estudos de Cavalcante et al. (2017), Lima e Cavalcante (2015), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) e Custódio Filho (2014). Esses trabalhos são centrais para a compreensão da referenciação, especialmente por abordá-la de maneira não linear, destacando sua complexidade e dinamicidade no contexto textual e multimodal.

Além disso, verifica-se que o trabalho é dividido em 8 (oito) partes: (i) *Introdução*; (ii) *Contextualizando a referenciação*, em que esse fenômeno é discutido teoricamente, dando destaque para a recategorização; (iii) *A recategorização referencial*, em que são trabalhadas as particularidades desse processo para a construção de sentidos no/ao texto; (iv) *Referenciação e multimodalidade*, em que se estabelece um paralelo entre esses dois conceitos; (v) *A caracterização metodológica*; (vi) *A construção de sentidos: o texto em análise*; e (vii) *Considerações finais*; e (viii) *Referências*.

Desde o início, as autoras destacam que os estudos sobre referenciação têm desempenhado um papel fundamental na construção da coerência textual, uma vez que, por meio da continuidade tópica e da progressão temática, viabiliza-se o desenvolvimento de uma linha de raciocínio clara e organizada. Nesse contexto, enfatizam que restringir a análise apenas aos aspectos cotextuais é insuficiente para interpretar textos multimodais, pois estes envolvem a interação de múltiplos recursos semióticos, tanto verbais quanto visuais, que se interligam de forma complexa no processo de construção de sentido.

Tendo isso em vista, a contribuição dessa pesquisa reside na ampliação das perspectivas teóricas e analíticas da referenciação, ao abordar como os elementos multimodais participam na construção da progressão referencial e da coerência textual. Ao explorar a integração entre modos semióticos, o estudo oferece novas possibilidades para a leitura e interpretação de textos multimodais, evidenciando como os aspectos visuais complementam e redefinem os referentes estabelecidos verbalmente.

Elas também destacam a necessidade de aprofundar as pesquisas sobre o tema, já que, embora exista uma quantidade considerável de estudos que abordam a referenciação em diferentes contextos, muitos ainda tratam o conceito de forma genérica. Frequentemente, postulam o referente como uma entidade fixada no texto por uma expressão referencial, desconsiderando que “o objeto de discurso nem sempre está explicitado verbalmente no texto,

tampouco sua recategorização" (Brito; Bezerra, 2021, p. 261). A partir disso, pode-se refletir que a abordagem da referenciação sob uma perspectiva não linear e multimodal exige repensar os modelos tradicionais de análise textual, deslocando o foco exclusivo da linguagem verbal para um olhar mais abrangente que considere as interações entre diferentes modos semióticos, afinal, o mundo é cada vez mais multimodal.

Nessa perspectiva, ao trabalhar conjuntamente a multimodalidade à referenciação, ou, ainda, com foco na recategorização, evidencia-se, no trabalho, a possibilidade de criar referências sem expressões específicas, já que o objeto de discurso nem sempre é introduzido diretamente. Do mesmo modo, é mostrado que diferentes interpretações referenciais de um mesmo texto podem ocorrer, sobretudo se este for composto de semioses verbais e imagéticas. Porém, como bem se sabe, os sujeitos, ao interagirem entre si, fazem uso de estratégias linguísticas visando atingir seus objetivos comunicativos, fazendo-se sempre preciso considerar, pois, os elementos da superfície textual e do contexto de produção.

Conclui-se com o trabalho que a recategorização está intrinsecamente ligada ao teor argumentativo do texto, pois apenas se integram à rede referencial os aspectos que se deseja construir ou revelar sobre o objeto de discurso. As autoras ampliam essa ideia ao explorar a relação entre referenciação e multimodalidade, evidenciando que referências podem ser criadas sem expressões específicas, dado que o objeto de discurso nem sempre é introduzido diretamente. Além disso, o estudo demonstra que interpretações referenciais diversas podem surgir em textos multimodais, compostos por semioses verbais e imagéticas, reforçando a importância de considerar tanto os elementos linguísticos quanto o contexto de produção para compreender os processos referenciais. Sob esse prisma, essa análise convida à reflexão sobre como a interação entre diferentes semioses redefine os limites da referenciação no discurso.

M) *Referenciação no texto verbo-imagético: um estudo discursivo sobre o processo de recategorização* (2022)

No artigo acadêmico de Fontinele e Carvalho (2022), o gênero charge é tomado como objeto de estudo, com foco na análise de como a recategorização se constrói a partir da interação entre as linguagens visual e verbal. O trabalho organiza-se em 6 (seis) seções: (i) *Considerações iniciais*; (ii) *Referenciação: o que é e como funciona*, seção que aborda conceitos como recategorização, inferência e multimodalidade; (iii) *Metodologia*; (iv) *Análise do corpus*, na qual são examinadas duas charges extraídas de um jornal; (v) *Considerações finais*; e (vi) *Referências*. A fundamentação teórica baseia-se em autores amplamente reconhecidos nos estudos de referenciação, como Ramos (2012), Cavalcante (2012), Mondada

e Dubois (2003), e Koch (2012), cujas contribuições oferecem um suporte sólido para as reflexões propostas no artigo.

A escolha dos autores pelo gênero charge justifica-se, entre outros aspectos, por sua capacidade de abordar temáticas do cotidiano de forma concisa e acessível, exigindo do leitor a ativação de informações cotextuais e contextuais para a construção do sentido. Além disso, a multimodalidade inerente ao gênero, que combina elementos verbais e imagéticos, amplia o campo interpretativo, permitindo a construção de significados a partir de inferências variadas. Nesse panorama, entende-se que essa característica reforça o dinamismo da leitura e fomenta múltiplas possibilidades de interpretação, especialmente em contextos socioculturais distintos.

A respeito disso, é ainda importante destacar que, embora a charge, estática ou animada, possa sugerir uma linha argumentativa predominante, a subjetividade do leitor desempenha um papel central na atribuição de sentidos, o que torna esse gênero particularmente interessante para estudos de referenciação e (re)construção de sentidos. Logo, esse aspecto talvez possa ser modalizado no trabalho, uma vez que há complexidade interpretativa e necessidade de considerar não apenas os elementos linguísticos e semióticos, mas também o papel ativo do leitor e os contextos de produção e recepção das charges, não sendo um gênero, por isso mesmo, “fácil”, como apontam.

Ainda sobre a pesquisa, um de seus diferenciais em relação a outras produções está no resgate do percurso histórico da referenciação, que é abordado desde a Grécia Antiga até os desenvolvimentos contemporâneos, considerando, evidentemente, as limitações de extensão de um artigo acadêmico. Fontinele e Carvalho (2022) mostram que, na Grécia Antiga, filósofos já refletiam sobre como o ser humano representava o mundo ao seu redor, o que explica a concepção inicial da teoria da referenciação como uma forma de representação do mundo. Esse panorama histórico oferece uma perspectiva valiosa, situando a referenciação em um contexto mais amplo e conectando-a a questões filosóficas e epistemológicas.

Tendo isso em vista, a produção é contributiva para enriquecer os estudos na área de Linguística Textual (LT), assim como para oferecer subsídios para áreas afins, como a Semiótica Social (SS), a Filosofia da Linguagem (FL) e os Estudos Culturais (EC), ao destacar como as práticas discursivas estão enraizadas em tradições interpretativas e socioculturais. Além disso, essa abordagem favorece a compreensão da referenciação como um processo dinâmico, que evolui de acordo com as transformações nas formas de comunicação e nas demandas sociais. A incorporação desse percurso histórico também contribui para ampliar a percepção dos pesquisadores sobre as bases teóricas que sustentam os estudos contemporâneos, ressaltando a relevância de revisitar concepções clássicas para

dialogar com os desafios impostos pela multimodalidade e pela interação de diferentes sistemas semióticos nos textos atuais.

N) *Processos de referenciação no gênero multimodal meme: proposta de aplicação ao ensino de leitura* (2023)

No trabalho, Costa, Santos e Souza (2023) objetivam mostrar que o gênero meme pode ser um objeto rico para o ensino de leitura em aulas de Língua Portuguesa. Para tanto, buscam suporte na teoria da referenciação, entendendo que esta, quando bem aplicada, é capaz de ampliar as noções de texto e sentido. Assim sendo, sustentam o trabalho as ideias de Dawkins (1976), quanto ao gênero meme, Costa (2018), quanto aos conceitos de réplica e contextualizador, Mondada e Dubois (2003) e Mondada (2002, 2005, 2008), quanto à referenciação, e Van Dijk (1980, 1990, 1996), quanto ao estabelecimento de categorias esquemáticas.

Ao observar a organização, nota-se que a pesquisa está dividida em 6 (seis) seções no total: (i) *Primeiras palavras*, que serve como a introdução; (ii) *Processos de referenciação na construção de memes*, em que essa atividade é discutida teórica e aplicadamente por meio da análise de memes selecionados na internet; (iii) *Recategorização e o uso de memes no ensino de língua portuguesa*, em que é apresentada uma possibilidade de atividade de leitura desse gênero, reconfigurando o modelo da Prova Brasil[10]; (iv) *Aplicação ao ensino: questões comentadas*, em que são propostos exercícios didático-pedagógicos que privilegiam a construção de sentidos; (v) *Conclusão*; e (vi) *Referências*.

Os autores explicam que o gênero meme tem se tornado cada vez mais presente no cotidiano dos jovens em idade escolar, por isso, é fundamental estudá-lo de forma mais aprofundada, sobretudo para ampliar as habilidades de leitura inferencial. Essa proposta ganha relevância ao considerar que o meme, frequentemente associado apenas ao riso, carrega características valiosas, como sua plasticidade de adaptação a diversos contextos, sua capacidade de se apresentar em múltiplos formatos e os mecanismos que sustentam seu funcionamento, incluindo os motivos pelos quais consegue provocar humor de maneira recorrente.

A partir disso, refletir sobre o papel do meme no contexto educacional possibilita o questionamento sobre como outros gêneros multimodais podem ser explorados para desenvolver competências interpretativas nos alunos. Se o meme, um gênero muitas vezes

[10] Trata-se de uma prova aplicada a cada dois anos pelo Ministério da Educação (MEC) para medir a qualidade de ensino, sendo parte do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB).

subestimado, consegue estimular a leitura crítica e inferencial, que outros conteúdos ou práticas cotidianas poderiam ser inseridos na sala de aula para promover habilidades semelhantes? Essa perspectiva abre espaço para repensar os recursos didáticos tradicionais e aproximá-los cada vez mais da realidade cultural dos estudantes.

Por fim, vale destacar que a proposta de Costa, Santos e Souza (2023) pode contribuir significativamente para a expansão do ensino-aprendizagem da leitura, especialmente no que diz respeito aos textos multimodais. Isso está em consonância com documentos norteadores, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatizam a necessidade de incluir conteúdos digitais no contexto escolar. Nesse cenário, a teoria da referenciação mostra-se altamente relevante, pois permite compreender como os referentes são construídos e reconstruídos no discurso. Como os memes, assim como outros gêneros digitais, são produtos culturais amplamente replicados e compartilhados, é natural que neles ocorram processos referenciais de maneira abundante. Essa constatação sugere, inclusive, novos desdobramentos para a teoria da referenciação, que poderia ser reinterpretada em uma perspectiva multimodal, expandindo seu alcance para além dos limites tradicionais da linguagem verbal.

Encerrar essa discussão com uma reflexão sobre os horizontes da referenciação é essencial para reforçar sua aplicabilidade em um mundo cada vez mais multimodal. Como os memes exemplificam, textos digitais refletem práticas culturais e reconfiguram os processos de construção de sentido, logo, repensar a teoria a partir dessa perspectiva significa reconhecer o potencial criativo e pedagógico que esses gêneros possuem. Por isso, cabe ao campo acadêmico e educacional explorar como esses conteúdos podem transformar as práticas de leitura e interpretação, promovendo um diálogo mais dinâmico entre teoria, cultura digital e ensino.

O) *O gênero GIF comic: um estudo à luz da referenciação* (2023)

Nesta pesquisa, Dias e Ferreira (2023) analisam os mecanismos de referenciação em um gênero emergente das tecnologias digitais, isto é, o *GIF comic*, destacando a dinamicidade dos objetos de discurso nesse contexto. Para fundamentar a investigação, adotam uma abordagem sociocognitivo-discursiva e interacional dos fenômenos referenciais, com base nos trabalhos de Koch, Morato e Bentes (2017), Koch e Marcuschi (1998), Cavalcante (2022) e Ramos (2012).

A organização do trabalho estrutura-se em 5 (cinco) seções, o que permite abordar de maneira sistemática e aprofundada os objetivos propostos: (i) *Considerações iniciais*, que introduzem o tema e os objetivos da pesquisa; (ii) *A compreensão textual por meio da*

referenciação, seção que enfatiza a importância de considerar o contexto sociocomunicativo na análise textual; (iii) *O GIF comic Cê é um pato, Manoel*, em que uma produção textual dessa natureza é analisada, evidenciando como os processos referenciais podem ocorrer de forma imagética, demonstrando a integração entre semioses linguísticas e visuais; (iv) *Considerações finais*; e (v) Referências.

Desde o princípio, pode-se afirmar que uma das contribuições mais significativas do artigo é o esclarecimento de que os referentes não apenas nomeiam elementos no texto, mas também desempenham diversas funções argumentativas. Essa flexibilidade reflete o fato de que a linguagem está em constante reelaboração, adaptando-se para dar sentido às diferentes experiências dos sujeitos, que nunca são idênticas. Assim, cada um lança seu olhar sobre o mesmo objeto de discurso, (re)caracterizando-o de acordo com o contexto textual em que está inserido.

No caso do *GIF comic*, por exemplo, as interpretações podem variar amplamente, como bem pontuado pelas autoras; alguns podem achá-lo engraçado, enquanto outros podem considerá-lo estranho pela fusão de dois gêneros distintos. Essas reações, contudo, não se opõem em termos de certo ou errado, e sim demonstram que o sentido é uma questão de perspectiva. Esse fenômeno, aliás, não se limita ao gênero escolhido para análise, ao passo que reflete a dinâmica de qualquer texto, evidenciando o caráter multifacetado da referenciação e sua relação intrínseca com o contexto comunicativo.

Por fim, merece destaque, no estudo, a defesa das autoras sobre a importância de levar a referenciação para a sala de aula, considerando seu papel fundamental na formação cidadã dos estudantes. Essa proposta envolve responsabilidades em diferentes níveis, especialmente no âmbito docente, ao exigir uma reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas e sua implementação. Trata-se, nesse sentido, de valorizar o currículo escolar de forma que os alunos sejam tratados como protagonistas do próprio processo de ensino-aprendizagem, promovendo o desenvolvimento de seus conhecimentos socioculturais.

Uma abordagem como essa é muito rica, pois, ao romper com um modelo ultrapassado de educação, muitas vezes centrado em decorar normas gramaticais descontextualizadamente, pode integrar práticas mais significativas e conectadas ao cotidiano dos estudantes. Nesse sentido, gêneros como o *GIF comic*, que são amplamente consumidos e reproduzidos pelos alunos nas redes sociais, oferecem uma oportunidade valiosa de aproximar a teoria da prática, tornando o aprendizado mais dinâmico, acessível e relevante para a realidade discente.

P) *Referenciação no texto multimodal: um olhar sobre o encapsulamento verbo-imagético e sua colaboração na orientação argumentativa* (2023)

Nesta pesquisa, Fontinele e Carvalho (2023) investigam a construção da argumentação no gênero charge, com foco específico no encapsulamento verbo-imagético. Para alcançar o objetivo proposto, os autores fundamentam-se nos estudos de Ramos (2012), Cavalcante e Brito (2020), Lima (2017) e Santana (2019), cujas contribuições são amplamente reconhecidas na literatura contemporânea sobre multimodalidade e referenciação. Além disso, os autores recorrem a trabalhos clássicos, como os de Mondada e Dubois (2003), buscando não apenas revisitá-los, mas também expandir suas perspectivas no contexto das reflexões atuais.

No que tange à organização, o artigo compõe-se de 10 (dez) partes: (i) *Introdução*; (ii) *Referenciação: do que se trata*, em que se esclarece a teoria; (iii) *Modelos contextuais: uma abordagem em van Dijk*, em que se discorre sobre a importância do contexto em gêneros como a charge; (iv) *O processo de encapsulamento*, em que se explica o funcionamento desse processo referencial; (v) *Encapsulamento verbo-imagético*, em que se expõe a visão dos autores a partir do que foi levantado na seção anterior; (vi) *Orientação argumentativa e seus desdobramentos na construção de sentidos*, em que se comprova que o sujeito sempre fala sobre o mundo a partir de um ponto de vista; (vii) *Metodologia*; (viii) *Resultados e discussão*; (ix) *Considerações finais*; e (x) *Referências*.

Os pesquisadores destacam que os estudos no campo da Linguística Textual (LT) têm sido redimensionados para uma perspectiva que considera a linguagem multimodal dos textos, uma vez que a noção de texto transcende o verbal. No caso da referenciação, esse movimento é igualmente evidente, pois, se inicialmente essa teoria foi desenvolvida com foco no texto verbal, hoje, diante das múltiplas formas de comunicação, torna-se imprescindível ampliá-la para abarcar outros recursos semióticos.

A escolha da charge como foco justifica-se por sua natureza multimodal, integrando elementos verbais, imagéticos e, potencialmente, outros recursos semióticos. Quando se considera a charge animada, objeto de estudo da presente dissertação, considerada uma variação da charge estática, essa característica multimodal torna-se ainda mais evidente. A integração de movimento e som amplia as possibilidades de construção e (re)construção de sentidos, reforçando a complexidade do processo de referenciação nesse gênero.

Uma proposta relevante do trabalho é o olhar lançado ao encapsulamento, frequentemente interpretado como uma simples retomada sintetizadora de informações. No entanto, os autores destacam que esse processo pode contribuir significativamente para a

construção da argumentação, conferindo caráter persuasivo ao discurso. Essa perspectiva se amplia ao adotar uma abordagem multimodal da linguagem, que considera a integração de diferentes modos e semioses – como cores, gestos e sons – direcionados a um projeto de dizer. Tais elementos podem ser encapsulados e, em conjunto, promover a progressão e o sentido do texto.

No caso de textos multimodais, como as charges, essa integração entre verbal e imagético é fundamental. Além disso, o encapsulamento pode ocorrer implicitamente, revelando um processo complexo que ativa conhecimentos sociocognitivos e extrapola o cotexto imediato. Conforme Fontinele e Carvalho (2023, p. 134), "o sentido de um texto não está limitado à sua superfície, mas envolve o leitor em interação com os recursos e as estratégias apresentadas em sua composição". Isso evidencia que o encapsulamento verbo-visual, em textos multimodais, pressupõe o resgate de conhecimentos prévios, indo além da dimensão textual. Assim, teorias originalmente voltadas a textos escritos, como a referenciação, podem e devem ser ampliadas para abarcar novas dimensões.

Ao encerrar esta seção, é possível considerar que o compilado das leituras dos trabalhos selecionados representa uma oportunidade para a socialização de pesquisas realizadas, bem como para uma organização acerca da produção acadêmica sobre a temática em pauta. Embora a leitura demande muito esforço e tempo, esse procedimento de levantamento bibliográfico se constitui como uma importante estratégia formativa e como instrumento de documentação, uma vez que as leituras são sistematizadas e organizadas sob forma avaliativa para que outros pesquisadores tenham acesso ao acervo sobre o assunto pesquisado.

5 CONTEXTOS DE PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DAS CHARGES ANIMADAS

Esta seção está organizada em 2 (dois) tópicos interdependentes, que abordam aspectos complementares relacionados à produção, circulação e recepção das charges animadas, situando-as no tempo e no espaço. O primeiro tópico discute a cibercultura e a multimodalidade inerente a esse contexto, destacando como os avanços tecnológicos impactam a configuração dos textos digitais. O segundo, por sua vez, focaliza o gênero charge animada, explorando suas características, funções comunicativas e implicações no processo de construção de sentidos.

A escolha por essa divisão temática se justifica pela necessidade de compreender o gênero estudado em sua complexidade, englobando os processos de criação, que envolvem escolhas discursivas, semióticas e tecnológicas, e os contextos de interação e interpretação pelo público em plataformas como o *YouTube*. Estas que, conforme Muniz-Lima (2022, p. 92), "[...] têm adquirido papel importante em muitas interações em contexto digital, tendo em vista que elas participam de processos de elaboração de sentidos cada vez mais integrados às ações dos interlocutores".

Sendo assim, por se tratar de um gênero intrinsecamente multimodal, cuja construção envolve a articulação dinâmica entre as linguagens verbo-visual, sonora e cinética/gestual, torna-se imprescindível apresentar um aporte teórico robusto que abarque essas dimensões da charge animada. Por isso, busca-se explorar a tecnolinguagem constitutiva dela, reconhecendo-a como um campo fértil para a análise de processos de (re)significação no ambiente digital.

5.1 Cibercultura e multimodalidade

No cenário contemporâneo, altamente globalizado, a comunicação transcende os limites da linguagem verbal tradicional, dando lugar a uma complexa rede de significados mediada por múltiplos sistemas simbólicos. Assim, embora a cultura escrita tenha se desenvolvido expressivamente, principalmente em decorrência da invenção da escrita e do subsequente aprimoramento das práticas de leitura, ela "[...] vem passando por mudanças menos ou mais notáveis durante esse tempo" (Ribeiro, 2018, p. 11-12).

Nessa conjuntura, essas transformações refletem as contínuas adaptações da escrita às exigências socioculturais e tecnológicas que surgem com o passar do tempo. No decorrer da história, além de ter evoluído nos formatos e nos suportes — inicialmente, fazendo-se presente em tábuas de argila e pergaminhos, e, mais recentemente, em textos digitais —, a

cultura escrita também se ajustou às mudanças na forma como os próprios membros da sociedade se comunicam. É por isso que Oliveira e Dias (2016) afirmam que os textos se adaptam às necessidades sociocomunicativas de cada momento e refletem tanto as ferramentas usadas na sua criação quanto outros fatores, como a identidade cultural.

Essa afirmação ganha especial relevância ao examinar a evolução da comunicação desde os primórdios da oralidade até a era digital, revelando transformações substanciais na composição dos textos e nas práticas sociais associadas a eles. Assim, ao estabelecer um paralelo entre passado e presente, nota-se uma expansão quanto à construção de sentidos, sobretudo porque, "para escrever, no passado, bastava debruçar-se sobre uma máquina de escrever. Hoje, as exigências aumentaram em grande medida. Os textos requerem, além de um aparato tecnológico, cores variadas e sofisticados recursos visuais" (Vieira, 2007, p. 9).

Logo, é essencial considerar como a interação entre diversas formas de expressão, facilitada pela tecnologia, tem impactado a natureza dos textos, uma vez que "a linguagem é essencial na determinação de mudanças na vida e nas experiências que fazemos" (Barton, 2015, p. 13). Dentro desse escopo, em decorrência do avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e de sua presença constante na vida cotidiana, surge uma nova cultura: a midiática, caracterizada pela disseminação massiva de informações (Santaella, 2003). Nela, destacam-se a participação ativa em comunidades *online*, a quebra de barreiras comunicativas, a produção de conteúdo digital, a habilidade de lidar com grandes volumes de dados e a rápida adaptação a inovações tecnológicas e ideias (Lévy, 1999).

Esses aspectos se evidenciam e se fortalecem continuamente, redefinindo a maneira como as pessoas interagem, consomem informações e se adaptam às transformações digitais, visto que "[...] integram práticas online e offline" (Barton, 2015, p. 14). Quanto a isso, porém, deve-se ter em vista que a cultura digital contemporânea não pode ser compreendida isoladamente, pois sua constituição está intrinsecamente ligada aos processos comunicacionais que a precederam. Nesse sentido, Santaella (2003, p. 24) afirma que "a cultura virtual não brotou diretamente da cultura de massas, mas foi sendo semeada por processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais a que chamo de 'cultura das mídias'". Tal perspectiva evidencia que a cultura das mídias serviu como um elo fundamental na transição entre a cultura de massas e o ambiente virtual, estabelecendo bases para novas formas de interação, produção e circulação de sentidos no meio digital.

Desse modo, como destacam Rojo e Moura (2019):

> As novas tecnologias, aplicativos, ferramentas e dispositivos viabilizaram e intensificaram novas possibilidades de textos/discursos — hipertexto,

> multimídia e, depois, hipermídia — que, por seu turno, ampliaram a multissemiose ou multimodalidade dos próprios textos/discursos, passando a requisitar novos (multi)letramentos (p. 26).

Nesse panorama, nota-se que a comunicação é um fenômeno multifacetado que se manifesta por meio de diversas formas e canais, logo, "[...] os efeitos de um texto, tanto sobre quem o escreve quanto sobre quem o lê, transcendem os muros de sua estruturação física, cuja força é capaz de transformar seus interlocutores em agentes sociais numa relação sociointeracional" (Silva; Ranieri, 2020, p. 4). Além da fala e da escrita, elementos como a linguagem corporal, a música, as artes visuais e até mesmo o espaço físico podem indiciar mensagens complexas e sutis, sendo preciso "ver-ouvir-ler" o estar no mundo, o que é "mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem" (Santaella, 2012, p. 14).

Por exemplo, em uma apresentação oral, o tom de voz e a postura do apresentador podem influenciar significativamente a recepção e interpretação do conteúdo por parte do público. Da mesma forma, em um filme, a trilha sonora e a cinematografia são fundamentais para criar a atmosfera e evocar emoções específicas, juntamente ao diálogo e à narrativa visual. Por isso, pode-se dizer que as interações "[...] são compostas do uso de semioses que estão ligadas à fala e que são capazes, inclusive, de substituir expressões linguísticas" (Silva; Ranieri; Ataíde, 2021, p. 78).

Devido a isso, um redimensionamento ocorreu nos estudos linguísticos, pois pesquisadores de várias vertentes passaram a considerar, cada vez mais, a multimodalidade inerente aos textos como uma questão basilar, tendo em vista que "bem mais do que uma opção estilística da linguagem, a multimodalidade é um elemento constitutivo de nossas práticas sociais" (Silva; Ranieri, 2020, p. 5). Isso significa dizer que os elementos linguísticos supracitados deixaram de ser encarados como recursos complementares e/ou meramente ilustrativos, possuindo, também, valor discursivo, afinal, "[...] também nos comunicamos e nos orientamos por meio de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes… por meio de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar" (Santaella, 2012, p. 14).

Assim, constatou-se que todas as formas de linguagem precisam ser observadas com mais detalhamento teórico no processo de construção de sentidos, não dando prioridade apenas à linguagem verbal oral ou escrita, como tradicionalmente se fazia. Nesse contexto, Fontinele e Carvalho (2023) explicam que é por isso que, de modo especial,

> com o avanço dos estudos sobre multimodalidade, o olhar sobre a imagem ganhou maior relevo com o entendimento de que ela é também um recurso na comunicação. Integra-se, portanto, ao cotidiano das relações humanas,

> com maior visibilidade em estudos que se debruçam sobre as práticas comunicativas (p. 128).

Ainda, considerando esses aspectos, não se pode perder de vista que "as práticas sociais vinculadas à escrita (e à leitura) variam em diferentes épocas e espaços" (Ribeiro, 2018, p. 12). Devido a isso, é essencial considerar não apenas a evolução das práticas sociais relacionadas à escrita, mas também como os letramentos continuam a se adaptar, refletindo as complexidades e demandas dinâmicas de uma sociedade em constante transformação, envolvendo pontos como educação, acesso a novas fontes de informação, mudanças culturais, entre outros. Dessa maneira, entende-se que "as práticas sociais em que a linguagem está inserida têm importância particular quando se examina a linguagem online, especialmente por causa das constantes mudanças, do aprendizado contínuo e da fluidez dos textos" (Barton, 2015, p. 24).

À luz desses aspectos, é correto dizer que novos modos de comunicação surgem a partir do crescimento de linguagens e semioses, possibilitados pela expansão tecnológica. Sendo assim, "vivemos em um tempo no qual as tecnologias digitais desempenham um papel importante, principalmente por seus apelos visuais e sonoros e pela pluralidade das informações que veiculam" (Cani, Coscarelli, 2016, p. 15). Essas mudanças afetam desde formas de produção até os formatos em que os textos podem se apresentar, pois "o mundo é textualizado e, cada vez mais, dialogamos com inúmeras interfaces semióticas no processo de representação e comunicação" (Pimenta, 2017, p. 550).

Com isso, a intersecção dinâmica entre cultura e ciberespaço[11] dá origem ao conceito de cibercultura, que para Lévy (1999, p. 17) "é um conjunto de técnicas (materiais intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço (rede)". Nessa perspectiva, nota-se que a cibercultura transforma a linguagem ao introduzir outras formas de expressão e ampliar os modos de comunicação existentes. Com a integração expressiva de (novos) recursos linguageiros, consequentemente, contextos híbridos que articulam texto(s), imagem(ns), som(ns), entre tantos outros elementos semióticos, continuam a se desenvolver conjuntamente à própria linguagem.

---

[11] O ciberespaço, para Lévy (1999), é descrito como um novo meio de comunicação que surge da interconexão de computadores em um alcance global. Esse ambiente digital é marcado pela expressiva quantidade de informações disponíveis e pela facilidade de acesso e troca de dados entre usuários ao redor do mundo. Devido à sua expansão, a conectividade transforma a maneira como os sujeitos interagem entre si e consomem informação nos variados âmbitos da vida, possibilitando novos formatos de expressão e colaboração. Além disso, o ciberespaço influencia a cultura e a sociedade ao passo que promove a evolução constante das próprias tecnologias e dos modos de comunicação.

Devido a isso, ao alterar padrões tradicionais de interação, passa-se a compreender que "encarado na sua dimensão comunicativa, como a linguagem é funcional, o texto é resultado de toda e qualquer situação de interação, isto é, é ele próprio a forma linguística de interação social, uma unidade de uso linguístico" (Pimenta, 2017, p. 555). Dito de outra forma, o texto, moldado pelas práticas sociais e contextos de produção, circulação e recepção, surge como uma unidade mais dinâmica, destacando o papel indispensável da linguagem quanto à mediação das relações humanas.

Em meio a essa dinâmica, um ponto crucial a ser destacado é a proliferação de diversos tipos de textos, que se manifestam em uma ampla variedade de gêneros e tornam-se cada vez mais multimodais, ou seja, "[...] aquele[s] que recorre[m] a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição" (Rojo; Barbosa, 2015, p. 108) para atender uma função em dada situação. Adotar essa perspectiva implica, enfim, reconhecer que não existe texto construído exclusivamente a partir de um único modo linguístico, mas que a expansão de linguagens possibilitou a criação de textos de formas muito mais diversas. Também, implica considerar que "a multimodalidade tematiza a forma como o significado se organiza, como pode ser expresso por diferentes modos semióticos e quais semióticas produz" (Santos; Pimenta, 2014, p. 304).

Sendo assim, por meio de dispositivos tecnológicos, a construção textual adquiriu formatos e padrões que há alguns anos pareciam impensáveis (Silva; Souza; Cipriano, 2015), incluindo textos em movimento, com elementos de áudio, cores, entre outros. Logo, essa evolução evidencia a dinâmica e a riqueza que a cibercultura trouxe para a produção e a circulação de textos. Nesse cenário em constante evolução, mais do que conhecer, a habilidade de compreender textos multimodais é, em razão disso, crucial para uma participação efetiva na vida, fazendo-se preciso, pois, um "empoderamento semiótico", como defendido por Motta-Roth e Hendges (2010), ou seja, fortalecer a capacidade de diferentes grupos para que possam compreender, utilizar e criar sentidos a partir de diversos sistemas de signos e representações.

Isso significa que no contexto de interações sociais, cada vez mais mediadas por essas tecnologias, "se nos deparamos insistentemente com a circulação de textos multimodais na sociedade, é preciso refletir sobre a leitura desses textos pelo viés de sua composição e do discurso que se forma em sua criação e circulação" (Cani; Coscarelli, 2016, p. 18). Em outras palavras, percebe-se que os sujeitos precisam mobilizar conhecimentos diversos, assim como devem aprimorar a capacidade de discernir os efeitos de sentido provenientes da complexa interação entre as linguagens presentes nos textos.

Porém, vale ressaltar que diante de tantas transformações, o sujeito é instado a desenvolver novas formas de letramento para participar efetivamente na sociedade, letramentos que vão além da mera decodificação de letras, no papel, e da habilidade básica de ler e produzir textos. Entende-se, assim, que "as práticas multiletradas exigem sujeitos ativos, capazes de desenvolver formas de pensamento complexas e colaborativas diante de situações autênticas do cotidiano" (Cani; Coscarelli, 2016, p. 21). Para se engajar efetivamente com as demandas sociais, é necessário analisar criticamente e criar conteúdos variados, além de interagir em ambientes virtuais e colaborar com outros em contextos diversos. Essas práticas, por sua vez, permitem que os indivíduos naveguem e contribuam para um mundo caracterizado pela vastidão de informações.

Especificamente, isso ocorre porque "com o avanço tecnológico, os textos ganham novas configurações linguísticas e passam a ocupar os mais diferentes tipos de suporte, ao fazer uso de multissemioses" (Brito; Bezerra, 2021, p. 268), requerendo uma compreensão mais profunda ao transcender a superfície do conteúdo. Assim, em um cenário em que a sociedade está em constante evolução, os letramentos também não podem ser estáticos; eles devem evoluir para atender às demandas emergentes. Por conseguinte, comprova-se que ser letrado vai além da capacidade técnica de decifrar palavras; envolve também uma compreensão crítica dos sentidos e propósitos dos textos. Ser letrado torna-se uma competência essencial para uma participação plena e significativa nas esferas acadêmica, profissional e cidadã.

Por fim, é imperativo que as pessoas não apenas compreendam as condições de produção, circulação e recepção dos textos, mas também que estejam cientes de como esses elementos podem variar em diferentes contextos e plataformas digitais. A ausência dessas habilidades pode acarretar limitações significativas na organização, seleção, relação e interpretação de informações durante o processo de construção de sentidos, afinal, "a compreensão é também um exercício de convivência sociocultural" (Marcuschi, 2011, p. 90).

Desse modo, a leitura de charges animadas, por exemplo, sendo intrinsecamente multimodal, requer o entendimento individual de elementos audiovisuais e verbais aliado a uma percepção integrada desses componentes para uma apreciação mais completa e contextualizada. Por isso, tendo em vista que a presente pesquisa visa analisar como são construídos os processos referenciais em um texto multimodal, é importante observar que esses processos envolvem a inter-relação entre elementos. Essa interação permite que cada elemento complemente e amplifique a compreensão do outro, criando uma representação mais rica das informações. Por exemplo, a presença de legendas pode reforçar o que está sendo

dito, enquanto as imagens e sons adicionam um contexto adicional que ajuda o espectador a entender o conteúdo de forma mais completa. Assim, diferentes linguagens oferecem uma referência cruzada que enriquece a interpretação não só na charge animada, gênero escolhido para compor o trabalho, mas em qualquer texto multimodal.

Considerando o que foi abordado até aqui, na próxima seção apresentam-se algumas das particularidades do gênero charge animada. O intuito é estabelecer um plano para que o leitor amplie seus conhecimentos, além de fornecer um alicerce sólido para a análise do *corpus* dessa pesquisa, que será realizada posteriormente. Neste plano, são explorados aspectos fundamentais desse gênero, incluindo sua definição, história, características estilísticas e temáticas, bem como seu impacto e relevância na sociedade contemporânea. Aliado a isso, são abordadas determinadas técnicas de animação e possíveis recursos audiovisuais utilizados, destacando como esses elementos contribuem para a mensagem satírica e crítica que se estabelece.

5.2 As particularidades do gênero charge animada

Originada no século XIX e inicialmente associada à mídia impressa, a charge permanece como um significativo gênero discursivo capaz de desafiar pensamentos hegemônicos na sociedade. Por se tratar de uma produção com finalidades diversas, Brito e Bezerra (2021, p. 270) ressaltam que por meio dela pode-se “enaltecer um fato ou uma pessoa, fazer uma crítica, ironizar uma situação, promover uma reflexão, comemorar um acontecimento, entre outras”. Devido a isso, ao possibilitar a crítica de questões sociais, ambientais, econômicas e, principalmente, políticas, a charge se revela como mais do que um simples veículo para arrancar risadas sobre os temas abordados: ela se configura como um instrumento relevante na persuasão de ideias, destacando-se por sua capacidade de questionar e provocar reflexões críticas (Teixeira; Angelo, 2010).

Nesse contexto, cabe observar que anterior à expansão tecnológica digital e ao surgimento de novas formas de comunicação, a prática chargista era conduzida de maneira mais simplificada: por meio de alguns escritos e desenhos, eventualmente acompanhados de balões de fala e legendas. Nesse sentido, a crítica era viabilizada, em parte, pelo fato de a charge ser um gênero que buscava obter aceitação popular ao tratar os conteúdos de maneira humorística (não exclusivamente, mas também). Essa abordagem, por sua vez, contribuiu para a consolidação de uma posição ideológica relacionada a aspectos da realidade.

Além disso, não se pode desconsiderar que as charges têm como característica retratar acontecimentos presentes em dado momento no aspecto social, sendo, por isso, temporais.

Logo, como advertem Brito e Bezerra (2021, p. 275), "é preciso ponderar sobre o seu caráter efêmero, tendo em vista que o contexto de produção desse gênero é um acontecimento quase que simultâneo à atividade de produção de texto". Essa é uma característica que, mesmo com o passar dos anos, não se alterou, entretanto, tornando-se necessário compreender que isso não significa que as charges perdem completamente a sua capacidade de suscitar discussões após determinado período, apenas que são mais efetivas quando historicamente situadas.

Devido à temporalidade, como bem salienta Romualdo (2000):

> Se o leitor do texto chárgico é um indivíduo bem informado, integrado nas questões e acontecimentos políticos de sua época, há a possibilidade de que ele compreenda e capte o teor crítico de algumas charges, sem ler os outros textos presentes no jornal, com os quais elas se relacionam intertextualmente. Mas se ele não conhece o fato, a situação ou personagens presentes na charge, ou se ainda deseja precisar as informações acessórias, buscará o auxílio dos textos que mantêm relações com o chárgico (p. 42).

Então, o leitor de charges é, por natureza, caracterizado por sua alfabetização, seu(s) (multi)letramento(s) e sintonia estabelecida com os acontecimentos, habilidades que o capacitam a realizar inferências e identificar a(s) ideologia(s) subjacente(s) a elas. Todavia, caso esse leitor não possua essas e outras habilidades, o que pode acontecer são interpretações equivocadas, podendo resultar em uma falha no processo comunicacional entre leitor, texto e autor. Tal questão se verifica pois "as relações intertextuais da charge com outros textos podem ser convergentes ou divergentes, isto é, a charge pode retomar o outro texto para seguir a mesma orientação de sentido proposta por ele, ou se posicionar em sentido contrário à primeira orientação" (Romualdo, 2000, p. 18).

Além disso, ao longo dos anos, a estratégia de captar a atenção por meio do humor (Dias *et al*, 2023), seja ácido, seja irônico, seja, ainda, debochado, é uma forte elemento que permanece inalterado, uma vez que se fundamenta no exagero de traços físicos distintivos de determinados personagens, sendo eles representações reais ou fictícias. Outrossim, o chargista se empenha em construir o texto com base em eventos sócio-históricos contemporâneos de ampla visibilidade, o que facilita o reconhecimento do tema, enquanto os personagens retratados estão vinculados direta ou indiretamente a eles, tornando mais acessível a avaliação de valores por parte do público. Sob esse prisma, "é importante compreender que o humor articula os mais variados contextos e signos (verbais, sonoros, pictóricos, plásticos e gestuais) em uma mensagem efetuada por um enunciador, para ser compreendida pelo receptor e gerar o efeito desejado: o riso" (Pinto, 2017, p. 76).

Nesse contexto, não se pode perder de vista que com o desenvolvimento de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) e o constante uso dessas

inovações pelos sujeitos nas variadas instâncias da vida, uma gama de reconfigurações aconteceu. Entre elas, reconfigurações na linguagem, abrindo espaço para suportes, até então, inéditos, tornando possível a incorporação em textos de outros modos semióticos (Kress, 2010) para além do escrito, para a formação dos projetos de dizer dos sujeitos. Considerando isso, na contemporaneidade, em que as charges se diversificam em plataformas digitais e incorporam novas formas de linguagem, a habilidade do leitor em interpretar nuances e contextos culturais torna-se ainda mais crucial para uma apreciação mais rica e completa desse tipo de expressão artística.

Nesse ínterim, Souza e Machado (2005) atentam:

> Este tipo de gênero apresenta uma certa quantidade de recursos linguísticos; no entanto, é bastante comum em algumas charges o desenho de um balão com apenas um sinal de pontuação (ou a pontuação apenas). Sendo assim, a pontuação deve ser entendida não só como elemento necessário à produção textual, mas também com elemento gráfico que compõe e estrutura a imagem. Enfim, deve-se considerar os elementos da sintaxe visual a partir dos elementos constituintes da imagem: cor, ritmo, volume, composição direção e, a partir desses aspectos, adotar um método de leitura das imagens de sentido (p. 59).

Assim, ao migrar para o ambiente digital, a charge não perdeu suas características originais, e sim incorporou novos recursos, dando origem a uma extensão do gênero: a charge animada. Semelhante à charge estática, esse formato digital mantém a capacidade de inferir ditos e não-ditos, porém, destaca-se pela dinamicidade ao sair do papel e apresentar-se em movimento nas telas de dispositivos eletrônicos. Dessa maneira, pode-se entender que ela, mais do que nunca, engloba o verbal e o imagético "[...] como reforçadores na produção dos efeitos de sentido" (Teixeira; Angelo, 2010, p. 96).

Complementando o exposto, Oliveira (2015) considera que

> estamos admitindo que na charge operaram-se mudanças composicionais consideravelmente significativas. E, por essa razão, deixou de ser apenas ancorada em suportes estáticos como o jornal impresso – que se utiliza essencialmente da linguagem visual estática, bem como, da linguagem verbal escrita. Contudo, a charge passa a ganhar, também, as características da linguagem dinâmica de movimentos e de som (audiovisual). Tudo isso, reconhecidamente, só foi possível com o advento das novas configurações permitidas pelos recursos de tecnologia que dão origem a novos suportes, sobretudo, no ambiente digital mais fluido e dinâmico (p. 42).

Desse modo, a charge animada representa uma forma de expressão visual que transcende as limitações da charge estática ao incorporar movimento, som e interação, o que enriquece significativamente a experiência do espectador, permitindo uma narrativa visual mais complexa e envolvente. No contexto digital, a interação, de acordo com Muniz-Lima (2022), ocupa um lugar de muita relevância, devendo, por isso, ser entendida como um

processo encenado de construção conjunta de sentidos, o qual é mediado pelas ações dos interlocutores. Considerar isso significa que ocorre um (re)dimensionamento não apenas no gênero em si, mas também em outros aspectos linguísticos imbricados, tais como na mídia e nos próprios sistemas semióticos que o constitui.

Especificamente, no caso da charge animada, a interação se dá, por exemplo, ao ser disponibilizada na plataforma de compartilhamento de vídeos online *YouTube*. Nela, é possibilitado que os sujeitos os quais tenham contato com o conteúdo interfira neste, seja curtindo, seja comentando, seja criando uma *playlist* que o contenha para ser assistido quantas outras vezes desejar, de forma mais automatizada, junto a demais produções audiovisuais, seja, ainda, qualquer outro ato que além de auxiliar na ampliação deste, fazendo-o, provavelmente, chegar a outros usuários do *website*[12], influencie a produção de sentidos. Afinal, como se percebe, "as mídias mais atuais se organizam com um conjunto de ferramentas que, cada vez mais intensamente, apelam para que o interlocutor participe da interação de maneira efetiva, engajada, ativa" (Muniz-Lima, 2022, p. 28), propondo uma dinâmica mais colaborativa quanto à comunicação.

Também, a dinamicidade proporcionada pelos elementos em movimento possibilita ao chargista explorar uma ampla gama de recursos estilísticos, conferindo ao texto que se constroi mais versatilidade, sobretudo quando se pensa na comunicação de mensagens. Pode-se, por exemplo, fortalecer o humor que se pretende atingir por meio do uso da linguagem sonora e/ou gestual que um personagem e/ou elemento presente no vídeo realize. Não menos importante, a carga informativa é potencializada, já que a animação permite abordar múltiplos aspectos de uma situação ou tema de forma sequencial, em cenários mais desenvolvidos, aumentando a profundidade da crítica.

Nesse sentido, a charge animada destaca-se como uma evolução natural da charge estática, proporcionando uma experiência mais rica e envolvente ao espectador de hoje, imerso em um cenário midiático cada vez mais dinâmico. Contudo, mudanças como essas impõem a necessidade de novas habilidades para a compreensão de sentidos, especialmente considerando o entrelaçamento simultâneo de signos no ambiente virtual, que faz uso, mais do

[12] Isso pode acontecer de forma direta ou indireta, pois, mesmo que o usuário não pesquise um conteúdo específico na plataforma, com base nos dados coletados deste, uma busca interna é feita e, por meio do mecanismo de vídeos recomendados, são sugeridos outros materiais que estejam alinhados aos seus interesses, incentivando-o a consumi-los e, consequentemente, passar mais tempo nesse ambiente virtual. A respeito disso, Muniz-Lima (2022) explica que "os locutores podem manipular os algoritmos através de mídias de gerenciamento de dados, por meio das quais selecionam aspectos, como faixa etária, localização, além de palavras-chave que funcionem como um atrativo para direcionar de modo mais preciso determinado conteúdo a um grupo específico de interlocutores" (p. 96).

que nunca, da noção de multiplicidade. É por isso que, de acordo com Muniz-Lima (2022), “esse conjunto de características próprias das produções nativas digitais nos coloca diante da necessidade de observar a interação em contexto digital, tendo em vista não só aspectos linguageiros, mas também aspectos tecnológicos na construção de sentidos dos textos” (p. 68).

Essa demanda destaca a importância da ativação de (multi)letramentos, visando capacitar o sujeito a relacionar as (multi)semioses presentes de maneira complementar, em vez de considerá-las dispensáveis ou aleatórias. Em outros termos, ao abordar a construção de sentidos em textos digitais (ou não digitais) multimodais, como as charges animadas, é crucial compreender que extrair as ideias fundamentais dessa análise requer atenção cuidadosa e uma leitura compartilhada.

Aliado a isso, Silva, Sales e Alves (2010) consideram que

> a charge animada utiliza efeitos visuais de animação e efeitos sonoros em sua apresentação. O foco da charge animada também é a mesma que a charge normal: a política, os fatos sociais, acontecimentos esportivos etc. Porém, como todo gênero que ganha uma versão eletrônica, a charge animada é mais interativa e divertida, pois quando as personagens reais são retratadas nela, as vozes, os gestos são igualmente representados. Músicas e efeitos sonoros são incorporados à animação, recursos que ajudam o espectador a fazer uma melhor interpretação dos acontecimentos. Mas ainda assim, é preciso que se faça a leitura entre o dito e o não dito na charge animada, porque da mesma forma, essa outra roupagem do gênero requer que o espectador saiba o fato político-social a que a charge faz analogia (p. 4).

Os autores sinalizam para os modos de organização das charges animadas e abordam a questão das potencialidades de interação e as demandas de leitura, considerando como a convergência de elementos verbais, visuais e sonoros influencia a recepção do público. Assim, quando ao modo de retratar, nota-se que isso contribui para que ocorra um efeito de verossimilhança e aproximação com a realidade. Esse aspecto interfere diretamente no processo de construção dos referentes, já que os traços multimodais reforçam a identidade das personagens e ampliam as possibilidades de retomada e recontextualização ao longo da narrativa. Dessa forma, a análise dessas estratégias permite compreender, entre outros aspectos, como a referenciação, no contexto das charges animadas, extrapola o nível puramente linguístico e se insere em um jogo discursivo mais amplo, no qual a multimodalidade se torna essencial para a construção do humor e da crítica social.

Além disso, cabe pontuar uma diferença relevante entre a charge estática e a sua versão em movimento: a progressão temática e organizacional do texto. Enquanto a estática exige do leitor a (re)criação da situação enunciativa, a animada costuma trazer uma espécie de

contextualização, recorrentemente constituída por meio de uma narrativa, que explora um conflito semelhante aos problemas sociais do cotidiano. Dessa maneira, ao evidenciar fatos, envolvendo pessoas comuns, figuras públicas, eventos políticos e outros acontecimentos diversos, a charge, sobretudo a animada, se apresenta como um registro sarcástico, na qual o seu criador, por meio de sua análise diária, busca satirizar, declarar, causar revolta, provocar reflexão, conscientizar, distrair e/ou entreter.

Nesse processo, merecem destaque as imagens, que corriqueiramente são utilizadas para a construção das personagens nesse gênero. De acordo com Mendes (2019), quando se pensa nelas, não podem ser tomadas unicamente como representações, uma vez que

> elas conferem visibilidade e legibilidade a fenômenos e sujeitos com os quais convivemos. De modo constante, é por meio das imagens (majoritariamente midiáticas) que tomamos contato com outros distantes e estrangeiros a nossos mundos vividos. Elas tornam possível, ao mesmo tempo, o encontro e o confronto de subjetividades, de experiências, pontos de vista. Uma imagem, dependendo do enquadramento que a conforma, pode tanto aprofundar estigmas, quanto instaurar espaços de avizinhamento com alteridades radicais. [...] As imagens não atuam sozinhas na produção de sentidos, [...] é importante construir e reconstruir representações que nunca são neutras, que remetem a objetos, acontecimentos, produtos e sujeitos em interseção com ideologias, assimetrias e desigualdades. Afinal, imagens são produzidas e circulam atravessadas por forças de poder que definem e dão forma a saberes sociais. (p. 8-9).

Assim, percebe-se que é a interação que determina o processo de produção de sentidos, pois “a experiência vivida constitui o referente da linguagem, ao mesmo tempo em que a linguagem constitui a própria comunicabilidade da experiência” (Mendes, 2019, p. 11). A partir disso, afirma-se que as imagens não atuam, de modo isolado, na produção de sentidos, e como “não vivemos em um único mundo, mas em vários mundos que existem concomitantemente e são produzidos por nós: criamos, fabulamos e reproduzimos mundos e os entendimentos e sentidos a eles conectados” (Mendes, 2019, p. 11).

Considerando essas dimensões constitutivas das charges animadas, a próxima seção ocupa-se da análise de uma produção que versa sobre a educação brasileira, exigindo saberes prévios para a construção dos processos referenciais.

6 ANÁLISE DO *CORPUS*

Embora muitos estudos da referenciação ainda se concentrem nos textos verbais escritos como objeto principal de estudo, a análise que se propõe fazer neste capítulo busca oferecer reflexões que ajudem a ressignificar esse mecanismo, expandindo tal perspectiva ao incorporar nela a dimensão da multimodalidade, abarcando, também, aspectos digitais. Assim sendo, tem-se como princípio basilar o que considera Muniz-Lima (2022) sobre o estudo de conteúdos advindos do meio cibernético:

> [...] estamos diante de uma multiplicidade de sistemas semióticos, e, por isso, observar não só aspectos da oralidade, mas também da escrita, da imagem, do gesto e do som são fundamentais para a compreensão do que está sendo construído nessas interações. Portanto, uma investigação que busca dar conta desse processo em contexto digital precisa considerar esses aspectos, tanto do âmbito dito verbal quanto do não verbal (p. 76).

Nessa perspectiva, ao investigar diferentes formas de expressão que encontram-se presentes no gênero charge animada, tem-se como intuito, com a análise, possibilitar reflexões significativas e mais abrangentes sobre o fenômeno da referenciação, especialmente em contextos midiáticos contemporâneos, os quais trazem à tona novas práticas comunicativas digitais. Percebe-se, por exemplo, que a charge animada frequentemente exige interações dinâmicas entre texto escrito e/ou falado, base essencial para que se construa o discurso pretendido; imagem, que captura elementos icônicos e amplificam o discurso; e som, que auxilia quanto às nuances do querer-dizer, o que é responsável para a composição da narrativa.

Em razão disso, retoma-se o que Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 64) afirmam a respeito de que a comunicação não se restringe ao uso da linguagem verbal, ao passo que inclui também "outros recursos semióticos". Os autores destacam que, frequentemente, esses recursos verbais e não verbais se complementam de forma tão eficaz que uma linguagem acaba preenchendo as lacunas deixadas pela outra. Em outras palavras, a comunicação eficaz não depende exclusivamente das palavras faladas ou escritas; gestos, expressões faciais, entonação, imagens e outros elementos visuais ou auditivos desempenham papéis igualmente importantes. E isso se evidencia no gênero selecionado para estudo.

Tendo isso em vista, apresenta-se a seguir uma proposta de análise da produção audiovisual *Questão Pedagógica* (2017), de Maurício Ricardo, disponível na plataforma de vídeos *YouTube*. Em pouco mais de um minuto, a charge animada acompanha Nair, uma professora de Matemática que é advertida pela diretora da escola onde trabalha. A diretora solicita que a docente melhore o desempenho dos alunos, que, segundo os indicadores da

Secretaria de Educação, está abaixo do esperado. Nair tenta justificar os resultados negativos, argumentando que fatores como o mau comportamento dos estudantes e a violência no ambiente escolar, incluindo a presença de armas de fogo e o uso de drogas, comprometem o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Contudo, a diretora a repreende, afirmando ser necessário que a professora se insira na realidade dos alunos, considerando que esse comportamento violento reflete o contexto em que vivem. Em resposta, Nair adapta sua abordagem pedagógica, contextualizando um problema matemático que alude a uma possível situação de prisão, buscando tornar a disciplina que ministra mais próxima do que entende ser o cotidiano dos estudantes. Ao final da animação, em tom irônico, Nair encara o espectador e afirma que "a educação ainda tem jeito", dando margem para múltiplas interpretações.

Tendo estabelecido esse cenário, o intuito, com a análise, é evidenciar como ocorrem os processos referenciais nesse texto, multimodal por excelência, e como a recategorização referencial possibilita o processo de construção de sentidos, tendo em vista que "as representações sobre um objeto de discurso podem ser [...] engatilhadas por recursos diversos" (Cavalcante; Brito, 2020, p. 57). Para tanto, foram selecionados dois processos como categorias analíticas, já aprofundados em seções anteriores: a introdução referencial e as anáforas.

Cabe pontuar, porém, que assim como explica Muniz Lima (2022), infelizmente o gênero dissertação, por exigir o uso da linguagem verbal escrita em sua grande parte, impossibilita que a linguagem sonora, por exemplo, seja trazida em sua materialidade, diminuindo a análise da dinamicidade do texto digital. O mesmo acontece quanto à apresentação das imagens em movimento, o que faz com que o trabalho fique limitado àquelas estáticas. Todavia, buscam-se recursos alternativos para a representação dessas modalidades, como a transcrição e/ou descrição de sons e capturas de tela[13], tentando diminuir essa perda e situar o leitor quanto ao que é analisado.

Ao orientar a argumentação durante o processo de leitura e fortalecer a construção do projeto comunicativo do produtor, a introdução referencial — ou seja, o aparecimento de referentes pela primeira vez no texto — desempenha um papel fundamental. Nesse contexto, nenhum elemento é aleatório; cores, sons, gestos e outros detalhes contribuem para a construção de sentidos específicos. Tendo isso em mente, a seguir, é analisado o processo de introdução dos referentes *escola*, *diretora*, *professora* e *alunos*. Nesse processo, vê-se que a escola, a diretora e a professora são apresentados por meio de recurso imagético, seguido da

[13] O uso das imagens neste material tem finalidade exclusivamente educativa, conforme as diretrizes do Caderno Pedagógico do MEC (2009), que autoriza sua aplicação em contextos didáticos.

fala das mulheres. Já os alunos são apresentados por meio da fala da diretora em "*nossos alunos*", com a menção às dificuldades apresentadas por eles nos conteúdos da disciplina de Matemática.

A Figura 2, localizada abaixo, apresenta a cena inicial da charge selecionada.

Figura 2 — Os referentes da cena inicial

Fonte: *Questão Pedagógica* (0:00)

Observa-se que, na Figura 2, o referente *escola* é homologado, ainda que não haja uma expressão verbal explícita que o nomeie. Essa inferência se torna possível devido à presença de uma âncora na superfície textual: o título da charge animada, *Questão Pedagógica*, que orienta o leitor na recuperação de elementos associados ao meio escolar. Porém, o referente *escola*, ao passo que é introduzido, é também recategorizado (o que será aprofundado posteriormente em outra etapa desta pesquisa). Isso pode ser confirmado, entre outras pistas textuais, por elementos atípicos da escola como uma instituição de ensino que preza pelo desenvolvimento humano e cidadão: uma ofensa escrita na parede, em letras grandes: "VAI MORÊ VADIA" (no caso, caracterizando-se como uma anáfora indireta, como será explicado mais tarde, pois o referente *diretora* é retomado a partir da expressão referencial *vadia*) e um buraco que aparenta ter sido criado pelo disparo de uma arma de fogo.

Por não serem elementos comuns a esse tipo de espaço, é possível que, em primeira instância, ocorra um estranhamento quanto a sua presença. Porém, ao levar em conta que o gênero em questão trata-se de uma charge animada, subentende-se que críticas estarão presentes ao desenrolar da história. Devido a isso, as pistas textuais não são aleatórias; elas encaminham, desde o princípio, a recategorização do referente *escola* como *espaço violento*, característica indispensável a ser apreendida por quem assiste o vídeo, pois apenas assim é possível processar as críticas ali presentes.

Além disso, diversas pistas textuais, materializadas imageticamente, auxiliam na construção do cenário em que a narrativa se desenrola, ativando discursiva e

sociocognitivamente a referência *escola*. Assim sendo, comprova-se a perspectiva de Fontinele e Carvalho (2023), segundo a qual "no processamento textual, o leitor identifica o contexto a partir das pistas textuais apresentadas, que, em linhas gerais, indicam informações que são recuperadas por meio das estratégias [...] durante a leitura do texto" (p. 131-132).

Entre esses elementos, destaca-se a presença de dois outros referentes, os quais ocupam a posição de personagens centrais ao desenrolar a história, cujas identidades serão posteriormente reveladas. Um deles trata-se de uma mulher, de frente, enquanto o outro, em pé e no canto esquerdo, dialoga com ela, o que permite nomeá-los, a título de estudo, como *mulher sentada* e *pessoa de costas*. Soma-se a isso a configuração do espaço representado, que inclui uma mesa de estudos característica desse ambiente, geralmente utilizada em salas de aula, para o professor, e em salas de direção/supervisão, para o diretor e/ou supervisor, além de folhas sobre a mesa e uma caneca, objetos/espaços que podem ser comumente associados ao universo escolar. A apreensão desses elementos é fundamental para que, como é mostrado a seguir, se recategorizem os dois referentes discutidos no início deste parágrafo.

Tendo isso em vista, ainda com base na Figura 2, percebe-se que a introdução de um daqueles dois referentes sem identidade supramencionados é realizada, especificamente, por meio da linguagem visual: confirma isso a imagem da mulher, sentada em frente à mesa escolar, vestindo uma blusa amarela básica, sem muitos detalhes. Trata-se do referente *diretora*, o que pode ser inferido devido a pistas textuais diversas, como sua posição de poder na cena enunciativa pedagógica, assim como o lugar que ocupa. Como se percebe, esse referente é categorizado como alguém que se desvia de um padrão de beleza socialmente estabelecido, pois, mesmo maquiada, possui olheiras muito aparentes — possivelmente indicando cansaço — e, comparada à outra pessoa que está à sua frente, a qual ainda será atribuída uma identidade, não é magra. Essas escolhas categorizadoras revelar-se-ão indispensáveis para que se possa compreender o que é ampliado a seguir.

Nessa perspectiva, tais escolhas linguísticas quanto ao referente *diretora* pode suscitar pontos sobre um "grupo social": o de mulheres de meia-idade que ocupam cargos de diretoras, supervisoras, inspetoras ou funções semelhantes, cuja tarefa é, grosso modo, fiscalizar o que se passa na escola. Seus traços físicos, como as sobrancelhas arqueadas e o gesto de apontar para quem fala, com um olhar de desinteresse e uma voz monótona, mecânica e pouco natural, sugerem um temperamento indiferente, seja pela função que exerce, seja pelo local em que exerce a sua função, seja, ainda, por sua própria personalidade. Frisa-se que esses traços devem ser considerados na análise, haja vista que "em contexto

digital, é também por meio de gestos e expressões faciais, além de outros recursos semióticos, que os participantes negociam sentidos" (Muniz-Lima, 2022, p. 77).

Ainda, outro referente é homologado imageticamente, como citado: uma pessoa vista de costas, com cabelos castanhos claros e vestindo uma blusa cinza. Essa representação, inicialmente, abre margem para múltiplas interpretações, uma vez que, de modo isolado, não há elementos suficientes para atribuir-lhe um sentido preciso, por isso a proposta de tomá-lo como o referente *pessoa de costas*. Pensando no universo pedagógico, a partir do título, poderia tratar-se de um homem, uma mulher, um funcionário da escola, um aluno, entre outras possibilidades. Todavia, para significá-lo de modo coeso e coerente, dando progressão ao texto e manutenção discursiva, torna-se necessário estabelecer um paralelo com a fala inicial do referente *diretora*: "Os indicadores estão mostrando que menos de 20% dos *nossos alunos* saem do Ensino Médio com noções mínimas de matemática, *Nair*".

A inserção das expressões referenciais em destaque permite uma recategorização multimodal, fornecendo informações cruciais ao espectador: o referente em questão, isto é, a *pessoa de costas* é *Nair*. Essa identificação é sustentada pela relação que *Nair* estabelece com outro referente introduzido neste mesmo momento — *alunos* —, principalmente por meio do emprego do pronome possessivo que o antecede — "nossos", 1ª pessoa do plural. Nesse panorama, nota-se a criação de uma cadeia referencial entre os três referentes: *Nair*, *diretora* e *alunos*. Isso ainda se sustenta pois, na charge animada, considerando que Nair possui uma ligação profissional com a diretora e que a menção aos alunos sugere um vínculo hierárquico e pedagógico, infere-se que ela exerce a função docente, sendo, por isso, recategorizada como *professora*. Porém, cabe ressaltar que assim como ocorre com outros referentes, essa expressão não é explicitamente marcada na superfície textual, devendo ser deduzida a partir de pistas discursivas e co(n)textuais.

No que se refere a esses dois referentes, é válido classificá-los como personagens centrais da narrativa, pois auxiliam para que ocorra o desenrolar do enredo. Percebe-se que são compostos de representações caricaturais, cujas características corporais, ainda que estilizadas, permitem identificá-los como mulheres. Essa escolha estilística decorre do gênero textual em questão, pois, como se sabe, a charge animada se vale de expressões exageradas e traços distintivos que rompem com os padrões de normalidade, reforçando sua a natureza crítica e humorística.

Esse estilo caricato, por sua vez, destaca características específicas e serve para amplificar a mensagem e o humor, facilitando a identificação e a interpretação dos referentes pelo público. Sob esse prisma, todas essas representações visuais ajudam a construir um

ambiente narrativo rico, no qual cada elemento contribui para o desenvolvimento da trama e para a compreensão das dinâmicas sociais e educacionais retratadas. Não menos importante, esse processo estimula a ativação de conhecimentos prévios por parte do espectador, que reconhece os estereótipos e os associa a situações do cotidiano, promovendo uma leitura dinâmica e interativa.

Dando continuidade à análise, a Figura 3 ilustra a progressão do referente *professora* por meio de novas recategorizações e retomadas.

Figura 3 — O referente *professora*

Fonte: *Questão Pedagógica* (0:15)

Inicialmente introduzida sem identidade definida, sua caracterização é agora expandida à medida que a personagem é apresentada de frente, permitindo uma visualização mais detalhada de seus traços. Observa-se que o referente *professora* é representado segundo estereótipos de beleza amplamente difundidos na sociedade contemporânea, marcados por atributos físicos desejados por muitos sujeitos: seios proeminentes, corpo magro e cintura fina. Além disso, nota-se que seus mamilos se destacam sob uma blusa justa e decotada, atraindo o olhar do espectador, pontos esses que merecem destaque.

Todos esses elementos visuais, por um lado, podem contribuir para reforçar concepções de figuras femininas que são amplamente reconhecidas e compreendidas pelo público, intensificando a crítica social pretendida e efeito humorístico desejado. Mas, por outro lado, demarcam forte apelo sexual, não apenas hipersexualizando o referente *professora*, mas também as classes em que este se insere socialmente: a de mulheres e a de docentes. Práticas como essa são, ainda que em um cenário ficcional, grandes reforçadores quanto a concepções de gênero que objetificam o corpo feminino e desvalorizam a seriedade da profissão mencionada, perpetuando desigualdades e naturalizando discursos opressivos, os quais são encobertos pelo riso.

Nesse ponto, merece destaque o conteúdo temático do enredo proposto, que possibilita a recategorização de *Nair* como *professora*. Esse processo ocorre na medida em que, ao longo

da cadeia discursiva, o referente *professora* se articula diretamente à fala inicial da diretora, que menciona os indicadores educacionais apontando baixos índices de desempenho no componente curricular de Matemática. Essa vinculação se fortalece posteriormente com a apresentação de uma atividade de cálculo proposta aos alunos, consolidando a construção referencial da personagem dentro desse contexto disciplinar específico. Além disso, a escolha por essa recategorização não é aleatória, pois reflete uma crítica subjacente à cobrança por resultados numéricos na educação, frequentemente atribuída ao trabalho docente. Assim, a progressão temática do enredo confirma o papel da docente na narrativa e evidencia um posicionamento argumentativo que tensiona as relações de responsabilidade na esfera educacional.

Ainda nessa linha de raciocínio, percebe-se que, de modo especial, o que é elaborado sobre os referentes *professora* e *diretora* faz bastante uso da linguagem imagética. Isso implica que, exatamente como alerta Custódio Filho (2011, p. 225), "a linguagem visual também é uma materialidade que contribui para as etapas de elaboração da referência", devendo ser incluída devido à forte oposição estabelecida. Embora ambas sejam mulheres e usem roupas básicas, apenas as curvas do corpo de uma delas são realçadas com peças justas. Essas escolhas podem suscitar questionamentos, posto que a seleção de recursos, ao final, constituem uma imagem que se pretende representar/construir, logo, não pode ser vista com inocência. Tendo isso em vista, torna-se válido questionar uma questão cultural, que pode estar ligada ao etarismo e ao preconceito em uma esfera mais ampla: por que o referente *professora* é fortemente sexualizado, mas o referente *diretora* não?

Porém, quanto a reflexões dessa natureza, como bem explicam Fontinele e Carvalho (2022, p. 7), "a atividade de linguagem é um processo em constante elaboração de sentidos em que sujeitos com conhecimentos distintos produzem significados diferentes em um mesmo evento comunicativo". Dessa forma, deve-se ter em mente que não há como dizer tudo em um discurso e/ou realizar afirmações com plena certeza, e mesmo o que se compreenda algo conforme uma perspectiva, para ser resgatado esse sentido, sempre são requeridos conhecimentos linguísticos, culturais, sociais, históricos, entre outros.

De modo geral, uma afirmação possível é que essas representações se apoiam amplamente em estereótipos, o que se alinha à própria natureza do gênero charge animada, cujo propósito é provocar o riso por meio da exacerbação de traços audiovisuais e verbais escritos. Essa estratégia se revela, em partes, com a combinação da categorização verbal, expressões gestuais e faciais do referente *diretora*, como já discutido, mas, também, até aqui, do referente *professora*.

Quanto a isso, é interessante perceber que Nair recebe uma voz aguda e anasalada, recurso que, de certo modo, contrapõe sua hipersexualização. Para alguns alunos e até mesmo outras figuras da instituição escolar, como os diretores, essa categoria profissional pode ser percebida de forma negativa, e o uso da voz com essas características contribui para essa construção de sentido. Não menos importante, esse elemento sonoro também impacta o espectador da charge animada, ajudando a evitar que toda a cena enunciativa seja interpretada exclusivamente sob uma perspectiva sexual, já que esse não é o foco central da animação.

Além disso, a gestualidade do referente *professora* reforça a construção pretendida conforme o projeto de dizer: suas mãos se movem repetidamente para cima e para baixo enquanto fala, de modo acelerado, o que é acompanhado de apontamentos com o dedo indicador, como uma espécie de ênfase quanto a palavras do que é dito. Seu olhar voltado para cima e as sobrancelhas franzidas, sugerindo desespero, intensificam ainda mais essa caracterização, contribuindo, também, para a construção de uma figura estereotipada que se encaixa no efeito cômico pretendido. Sendo assim, constata-se o que Menegaldo (2014), p. 1345) afirma: "os recursos verbais e não verbais constroem o objeto de maneira tão complementar que uma linguagem preenche um espaço deixado pela outra", o que dá profundidade à narrativa.

Levando isso em consideração, de acordo com Pinto (2017):

> É, pois, nessa construção discursiva, dinâmica e dinamizadora, que uma escolha linguística põe em foco determinada característica do referente, entre as tantas possíveis. Há, aqui, portanto, uma negociação tanto social quanto cognitiva para que se adapte o objeto de discurso ao projeto de dizer do produtor. Ou seja, a partir de sua bagagem discursiva e mediante os conhecimentos compartilhados (ou que imagina serem) com seu(s) interlocutor(es), o produtor examina os limites e as possibilidades linguísticas que possam representar seu projeto de dizer e elege uma possibilidade que se aproxime de sua intenção, ou a represente. Por isso mesmo, ainda segundo Mondada e Dubois (2003), a escolha de um referente, em oposição ou apagamento de outros, representa um movimento de ponto de vista (p. 7).

Assim sendo, admite-se que as interações sociais influenciam a produção textual de maneira complexa, sendo moldadas por negociações contínuas e fatores socioideológicos. A partir das seleções linguísticas, ocorre que a sua instabilidade permite a flexibilidade na adaptação dos referentes, mas também pode dificultar a interpretação se o texto for mal estruturado, o que ressalta a importância da clareza e coesão na construção textual.

Aliado a isso, a fala advinda do referente *professora* amplia a rede discursiva ao relatar: "Mas é impossível dar aula aqui, *os alunos vendem maconha na sala, puxam revólver, me ameaçam com a faca, fumam crack, quebram carteiras, brigam, fazem sexo, tudo! Menos*

tentar aprender". Nesse instante, é retomado o referente *alunos*, previamente introduzido pela diretora através da expressão referencial *nossos alunos*, e, agora, recategorizado pelas expressões referenciais para *alunos violentos*. Ainda que haja, também, um caso de anáfora direta, essa será abordada posteriormente, pois, neste instante, direciona-se o foco para a dimensão introdutória desse referente, importante para a progressão discursiva.

Não menos importante, a categorização do ambiente, ampliada pela Figura 3, também é um aspecto que merece destaque. Composta por outras pistas linguísticas que se referem a elementos típicos do espaço público escolar, dá-se manutenção ao referente *escola*. Isso ocorre, por exemplo, pela presença de um armário utilizado para armazenar pastas e documentos, um quadro de avisos e uma porta com a informação verbal escrita "PROFESSORES". Cada um desses elementos ligam-se àqueles já apresentados, situando os três referentes centrais — *professora*, *diretora* e *alunos* — no espaço. Contudo, outras pistas, tais como mais buracos de bala na parede, uma faca fincada no quadro de avisos, um buraco grande no teto e uma pichação na porta recategorizam esse referente para *espaço extremamente violento*.

No que tange aos casos de anáfora direta, como explicado na seção teórica desta dissertação, é relevante reiterar que elas ocorrem quando um referente inserido na superfície textual retoma diretamente outro previamente introduzido, mas com alguma característica nova, estabelecendo, assim, uma relação semântica clara entre os referentes. Já a anáfora indireta, por sua vez, ativa novos referentes em vez de simplesmente retomá-los. Nesse caso, o objeto de discurso introduzido, embora possa parecer novo, ancora-se no contexto e, por isso, exige um processamento sociocognitivo mais complexo (Cavalcante, 2011), que envolve o conhecimento sociocultural e enciclopédico para ser plenamente compreendido. Além disso, podem ocorrer anáforas encapsuladoras, nas quais um referente é introduzido ao resumir informações apresentadas anteriormente.

Em linhas gerais, como explica Silva (2012), esses três processos são profundamente significativos:

> Este processo dinâmico [a anáfora], tipicamente referencial, ocorre muito rapidamente e depende do contato com o texto completo. O enunciador incita o interlocutor a promover uma transformação sobre a expressão introdutória, como uma operação cognitiva complexa, porém fundamental para a progressão textual que se pretende estabelecer com os acréscimos percebidos sobre o referente (p. 7).

Dado o exposto, vê-se que as estratégias de retomada de referentes desempenham, de fato, um papel crucial na manutenção discursiva e na progressão textual. Tendo isso em mente, vale ressaltar que, como bem explicam Fontinele e Carvalho (2022), o referente passa

por alterações em seu estado ao desenvolver do texto não apenas por meio de elementos linguísticos, mas também por meio de elementos imagéticos — e como já foi discutido, outros mais, como os sonoros. Ao serem instituídos no discurso, os referentes se transformam, se ampliam, "daí, no curso de uma interação, as categorias discursivas e cognitivas evoluem, e os referentes são reelaborados (recategorizados), contribuindo para a construção do(s) sentido(s)" (Souza Jr.; Lima, 2016, p. 203).

Entre as várias anáforas que ocorrem ao desenrolar da charge animada, a Figura 4 destaca uma em particular. Nela, o referente *diretora* passa por um processo de retomada, mais especificamente, uma anáfora indireta, ao ser recuperado como *vadia* no vandalismo escrito em letras maiusculas na parede: "VAI MORÊ VADIA". Essa leitura se torna plausível, pois a ameaça se destina a uma mulher, dado que a expressão "vadia" pode ser utilizada, conforme as normas da língua culta do português brasileiro, tanto como adjetivo para indivíduos do sexo feminino quanto como substantivo feminino.

Como se percebe, nos primeiros momentos da trama, a única personagem confirmada como mulher é, de fato, o referente *diretora*, não podendo, então, essa intimidação se referir ao referente *professora*, porque só se pode resgatar sentidos para este em momento posterior, em que a sua identidade é revelada. Além disso, a localização da ameaça – atrás do local onde ela se senta para trabalhar, com a palavra "vadia" posicionada precisamente ao lado de sua cabeça – estabelece uma conexão visual e verbal, reforçando o vínculo entre os elementos gráficos e a trama.

Figura 4 — Anáfora indireta do referente *diretora*

Fonte: *Questão Pedagógica* (0:03)

Tendo estabelecido esse panorama, a presença do verbo "morrer" (grafado sem a duplicidade da letra R e sugerindo uma deficiência no processo de ensino-aprendizagem) e do sintagma nominal "vadia", sem a devida vírgula de separação, merecem uma análise mais aprofundada, pois essas escolhas carregam uma forte carga discursiva. Isso posto, entende-se

que a ameaça implícita de morte à diretora, figura essencial para o funcionamento escolar, se torna ainda mais grave quando se considera o impacto simbólico dessas palavras.

Vale pontuar que, de maneira isolada, pode ser difícil identificar o autor do escrito, mas, ao se levar em conta o contexto, é plausível supor que os alunos sejam os responsáveis, alinhando-se à construção prévia desse referente, caracterizado pela hostilidade e violência. Esse movimento de olhar além é sempre necessário, posto que "o estudo dos sentidos a partir do uso interativo da linguagem tem de ultrapassar os limites materiais da superfície textual. O cotexto, embora fundamental como ponto de partida, não garante a completude dos sentidos" (Cavalcante; Custódio Filho, 2010, p. 60).

Adicionalmente, o fato de a ameaça ser grafada em um local tão próximo ao espaço de trabalho da diretora reforça a sensação de intimidação, tornando a agressão não apenas verbal, mas também espacial, amplificando o poder da ameaça. Esse detalhe, somado à forma como a palavra "vadia" é posicionada na cena ao lado da cabeça dela, sugere uma tentativa de subordinação e controle sobre sua autoridade, intensificando o caráter desafiador da mensagem.

Em seguida, a Figura 5 trata de outro caso de anáfora. Como se vê, ao fundo da professora Nair aparece uma sombra de alguém que corre de um lado para o outro, o que pode ser lido como uma anáfora imagética direta do referente *alunos*, servindo não apenas para retomá-los discursivamente, mas também fortalecer a ideia de que se tratam de jovens com comportamento indisciplinado, articulando-se a outras pistas textuais presentes na cena. Entre elas, destacam-se as marcas de tiro nas paredes, que, como já mencionado, podem causar estranhamento ao leitor, mas fortalecem a atmosfera de violência.

Figura 5 — Anáfora direta do referente *alunos*

Fonte: *Questão Pedagógica* (0:17)

A partir disso, infere-se que os estudantes são os causadores de tamanha desordem, tanto a respeito das coações quanto das depredações (tiros, buracos e facadas). Essa hipótese

se sustenta pois, anteriormente, o referente *alunos* já havia sido caracterizado pela sua violência graças a elementos que estabelecem uma conexão sequencial, advindos da fala de Nair: “vendem maconha na sala”, “puxam revólver”, “me ameaçam com a faca”, “fumam crack”, “quebram carteiras”, “brigam” e “fazem sexo”.

Mudando um pouco a direção da discussão aqui apresentada, com vistas a analisar outros processos referenciais dessa natureza, vê-se que, mais adiante, como ilustrado na Figura 6, o referente *professora* é recategorizado visualmente, tendo em vista novos aspectos linguísticos. Entre eles, destacam-se os gestos — criando uma barreira espacial enquanto explica a matéria —, a posição corporal adotada, — rígida —, e as expressões faciais — sobretudo pelas sobrancelhas contractadas. Para essa reconstrução, os gestos e demais recursos empregados ocorrem simultaneamente ao sistema semiótico oral, havendo, também, uma mudança neste, haja vista que a personagem altera a tonalidade e cadência de sua fala.

Figura 6 — Anáfora direta recategorizadora do referente *professora*

Fonte: *Questão Pedagógica* (0:46)

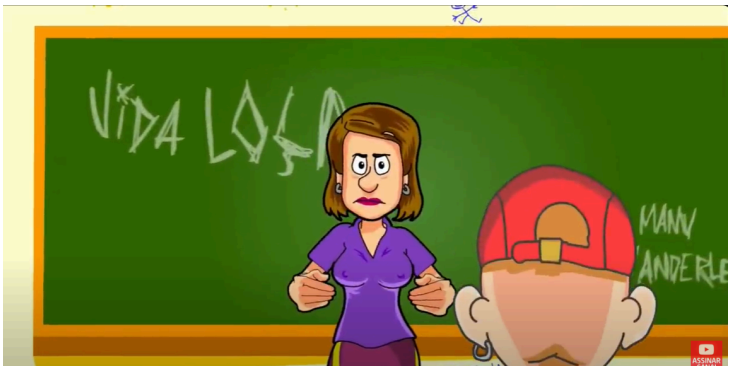
Apropriando-se de um registro linguístico que o referente *professora* considera próximo ao modo de expressão como pessoas inseridas em contextos marcados por violências socioculturais diversas adotam, como a foi solicitado, uma nova identidade entra em cena: não se trata mais de uma *professora desesperada*, e sim de uma *professora segura*. Isso se dá, por exemplo, por meio do uso de gírias e expressões características, como “malandragem” (anáfora indireta para *alunos*), “gambé cana dura dos infernos” (introdução referencial recategorizada de *policial*) e “casa do cão” (introdução referencial recategorizada de *cadeia*). Tal reconstrução, ao provocar uma quebra de expectativa em relação à imagem anteriormente estabelecida do referente *professora*, tende a gerar uma resposta de riso no telespectador, pois a subversão de um estereótipo funciona como um mecanismo humorístico ao desafiar o que é normalmente esperado, dando contraste à cena.

Dito de outra maneira, quando o referente *professora* é recategorizado nesse momento, deslocando-o de seu papel tradicional, o produtor do discurso desconcerta o público e ativa

uma reação de surpresa e, consequentemente, de humor. Por isso, de acordo com Lima (2018), o ridículo de uma pessoa, objeto ou comportamento é destacado com o intuito de provocar o riso, o qual só se concretiza quando os conhecimentos de mundo dos interlocutores são ativados durante a interação. Ou seja, o humor surge da aparente incongruência e da interação entre a informação prévia e a nova configuração proposta. Assim, a ativação desses conhecimentos permite que o telespectador reconheça a ironia ou o absurdo da situação e, por consequência, experimente o riso.

No momento seguinte, mostrado pela Figura 7, ocorrem novos casos de anáfora. O referente *professora*, ao proferir a pergunta "*Benga*, tu tem quantos anos?", aparenta introduzir discursivamente um novo referente: *Benga*. Todavia, ao observar a homologação imagética no canto inferior direito de um rapaz, careca e de boné vermelho, que utiliza um brinco na orelha, percebe-se a representação de um dos alunos, previamente introduzidos. Ao analisar a rede referencial estabelecida e inferir que *Benga* faz parte do grupo *alunos*, ao surgir verbal e visualmente, ele não constitui um referente novo, mas sim uma retomada do referente *alunos*, agora de forma mais específica. Trata-se, portanto, de um caso de anáfora indireta, uma vez que o reconhecimento de *Benga* como um aluno depende do conhecimento de mundo e da inferência do interlocutor a partir do contexto da animação. Também, outras anáforas diretas ocorrem a partir disso, pois o referente *Benga* é retomado na fala da docente como *moleque* e *de menor*, o que ajuda na manutenção temática.

Figura 7 — Anáfora indireta do referente *alunos*



Fonte: *Questão Pedagógica* (0:48)

A partir desse cenário, verifica-se que se inserir na dimensão do referente *alunos*, como a diretora sugere, é tido para a professora como adotar, também, uma postura violenta na interação com eles, o que inclui a alteração vocabular, fonológica e semântica: até mesmo o referente introduzido por meio da fala, *problema matemático*, o qual é utilizado para tentar ensinar matemática a Benga e aos demais alunos, é recategorizado para *problema judicial*

devido ao tráfico de drogas. Ocorre, então, uma estereotipação, como se os sujeitos inseridos nesse contexto apenas conseguissem aprender através dessa forma comunicativa; como se os alunos fossem traficantes e/ou tivessem contato com o mundo do crime, por isso deveriam aprender a fazer contas dessa maneira.

Tendo isso em vista,

> reconhecer como legítimas todas as dimensões do aparato comunicativo contribui para que se reconheçam as necessidades, as intenções e os desejos dos seres comunicantes. E esse pode ser um passo na direção da construção de um mundo de bem-estar social. Não é demais lembrar que certas mensagens hostis que circulam na sociedade nem sempre estão explicitadas na linguagem verbal. Muitas vezes, um dizer aparentemente benevolente adquire um sentido implícito ultrajante a depender da configuração corporal do falante. Em diversos casos, é difícil detectar estas pistas claramente e, assim, denunciar os agentes que fazem uso desses recursos para espalhar ideias de intolerância. Nesse sentido, incluir o corpo e suas configurações no campo de interesses da Linguística é de extrema importância no sentido de se fazer reconhecer os significados velados que as mensagens corporificadas podem veicular (Silva, 2020, p. 3).

Dado o exposto, percebe-se que a compreensão da comunicação não se limita às palavras, incluindo também as expressões corporais e os contextos que influenciam as interações. Ao se perceber essas dimensões ocultas, pode-se identificar intenções que, de outra forma, passariam despercebidas. Incluir o corpo, a fala, os subentendidos, enfim, no estudo da linguagem se torna, assim, um passo importante para entender as nuances das relações sociais e promover um ambiente mais empático e consciente.

Entretanto, é preciso enfatizar que um leitor sem os conhecimentos prévios necessários pode não ser capaz de evocar esses sentidos propostos, já que as recategorizações não se encontram sempre e claramente explicitadas na configuração do (co)texto. É com base nisso que Carvalho, Silva e Zavam (2014, p. 183) defendem que “o interlocutor, dotado de diferentes tipos de conhecimento, negocia os sentidos do texto e, somente a partir dessa troca, o humor consegue ser ativado, a fim de atingir aos objetivos do texto”.

Tal compreensão depende, em grande medida, de saberes socioculturais e cognitivos que moldam a interpretação e possibilitam o reconhecimento das camadas de um querer-dizer. Logo, o humor não surge como uma simples reação instantânea, trata-se de uma resposta que resulta da ativação desses saberes, permitindo ao interlocutor perceber as sutilezas e as ironias presentes no discurso, o que, por sua vez, contribui para a eficácia comunicativa do texto.

Sob esse enfoque, ainda no campo dos processos anafóricos, a Figura 8 apresenta outro caso, dessa vez envolvendo duas anáforas do referente *escola*, sendo uma direta, construída pela expressão referencial *iscola*, e outra indireta, por *uma bosta*. De modo mais

completo, isso pode ser observado porque, abaixo do quadro, em letras pequenas, há outra ofensa grafada na parede: “ESA ISCOLA E UMA BOSTA”. Semelhantemente ao verbo “morrer”, que fora escrito de forma gramaticalmente incorreta, essa inscrição contém três desvios da norma culta.

Figura 8 — Anáforas direta e indireta do referente *escola*

Fonte: *Questão Pedagógica* (0:50)

Embora possam causar estranheza, tais erros são novamente significativos dentro do contexto, pois reforçam a ideia já discutida de deficiências no ensino-aprendizagem por parte do referente *alunos*, que, ao mesmo tempo em que atacam a instituição/o referente *escola* ao recategorizá-la(o) como *uma bosta*, evidenciam dificuldades na própria escrita. Tudo isso fortalece a ideia de que a referenciação é um processo multimodal, haja vista que, para construir sentidos ao discurso, são recuperados elementos para além da materialidade cotextual.

Como se vê, os desvios são: (i) “esa”, um erro comum devido à falta de conhecimento das regras ortográficas que determinam o uso do *s* e do *ss*, agravado pelo fato de que, na oralidade, a diferença não é facilmente perceptível; (ii) “iscola”, resultado da interferência da fala na escrita, pois muitos falantes pronunciam a palavra dessa forma, demonstrando uma dificuldade em estabelecer a distinção entre sons e grafemas; e (iii) “e”, que, sem o devido acento, pode ser interpretado como uma conjunção em vez de um verbo, o que revela um desconhecimento das regras de acentuação e da função sintática das palavras. Esses desvios não ocorrem de forma aleatória, sendo reflexo de lacunas no domínio da norma culta, frequentemente observadas entre alunos em processo de alfabetização[14] ou com dificuldades no aprendizado formal da língua.

Embora esses aspectos possam suscitar diversas análises, o foco aqui recai sobre o processo anafórico. Nesse sentido, ao ser retomado indiretamente por *uma bosta*, o referente

[14] Isso pode ser comprovado através de pesquisas na internet, como pelohttps://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/download/11/2, e https://esabere.com/index.php/ehumanitas/article/view/102

escola sofre um processo de recategorização negativa, sugerindo uma visão de menosprezo ou desvalorização da instituição por parte dos estudantes. Isso posto, esse tipo de construção reforça a crítica embutida no discurso à medida que estabelece uma conexão entre o conteúdo verbal e o contexto sociocultural dos enunciadores. Contudo, esse resgate de sentidos só é válido quando se entende que "[...] observar um texto é considerar não só o conteúdo textualmente expresso, mas olhar também para as inter-relações e o entorno que o envolve; daí, todo fenômeno linguístico ser observado em seu movimento textual-discursivo" (Fontinele; Carvalho, 2023, p. 134).

Ainda, há de se considerar que nessa charge animada ocorrem algumas anáforas encapsuladoras, o que é também relevante na presente análise, uma vez que possuem propósitos enunciativos específicos. Assim, além do processo de retomada, esse mecanismo permite a condensação das ideias, a ênfase a determinados referentes e a progressão do texto. Na animação, vê-se que as ocorrências de encapsulamento são realizadas a partir da combinação de modos semióticos, ou seja, o termo encapsulador é acompanhado de imagem, gesto, entonação, expressão facial etc.

Assim, graças a elas, facilita-se o agrupamento de ideias, bem como se promove a progressão textual. Diante disso, 5 (cinco) recortes são analisados: (i) a advertência da diretora: "[...] *essa* é uma comunidade violenta em consequência de suas carências básicas e da ineficiência do Estado, cabendo a nós, *educadores*, construirmos vínculos autênticos entre aprendizado e aprendiz [...]"; (ii) o desabafo da professora: "[...] brigam, fazem sexo, *tudo*, menos tentar aprender"; (iii) a parabenização da professora aos alunos: "Muito bem! *Isso*!"; (iv) o questionamento feito pela professora: "Tomaram fé na *palavra*?!"; e (v) a síntese feita pela docente: "A *educação* no Brasil ainda tem jeito".

No primeiro caso (i), percebe-se o processo anafórico a partir do emprego das expressões *essa*, que recupera as informações verbais e visuais que constituem o referente *alunos*, e *educadores*, que recupera, na mesma perspectiva, os referentes *diretora* e *professora*, pois tratam-se de profissionais responsáveis pela aprendizagem dos alunos. No segundo caso (ii), isso ocorre por meio da palavra *tudo*, responsável por retomar todas as reclamações verbais feitas em relação aos alunos e que os caracterizam como violentos, entre elas, usar drogas e ameaçar a posição docente, bem como as atitudes indevidas demonstradas nas imagens em movimento, principalmente as que são apresentadas ao fundo da imagem da professora (jogar aviõezinhos de papel no ar, fazer depredações da escola e correr indevidamente pelos corredores da escola).

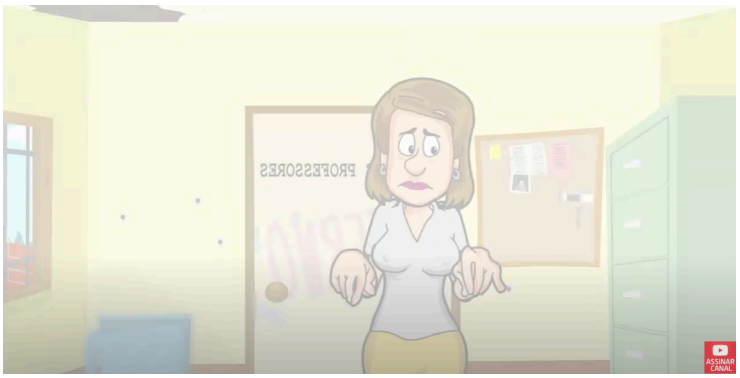
No terceiro caso, (iii) a anáfora encapsuladora ocorre com o emprego de *isso*, que condensa o processo de ensino-aprendizagem, antes catastrófico, mas, agora, produtivo, o que é conferido por um acerto matemático. Já no quarto caso (iv), nota-se que o uso de *palavra* sintetiza a ameaça verbal e gestual feita pelo referente *professora*. Isso pois o termo em questão vem acompanhado de entonação e de gestos mais agressivos, o que contribui para a construção do sentido proposto.

Por fim, no quinto caso (v), o termo "educação" sugere um tom irônico, pois, embora esteja contextualizado no cotidiano social dos alunos, carrega simultaneamente uma conotação de ameaça e intimidação. Nesse sentido, pode-se interpretá-lo como um fenômeno de encapsulamento, já que se refere a uma concepção específica de educação, ou seja, à visão imposta pela personagem, influenciada pela advertência da diretora.

Além disso, saindo um pouco dessa dimensão verbal e visual, não se pode perder de vista que, "em contexto digital, o sistema semiótico sonoro comporta um papel importante, muitas vezes marcando os limites do texto" (Muniz-Lima, 2022, p. 162). Dito isso, percebe-se que, nesta charge animada, esse recurso linguístico é empregado em múltiplos instantes e com funções variadas, devendo, por isso, ser abarcado na análise quando esta se pretende tratar da referenciação sob um viés multimodal. Para tanto, destacam-se 3 (três) momentos: (i) a transição de cenas, a qual conta com uma escala cromática (Figura 9); (ii) a inserção de uma percussão característica do funk carioca no momento da aula (Figura 10); e (iii) o fim da animação, que conta com a presença de um *riff* (Figura 11).

A Figura 8, apresentada a seguir, ilustra o primeiro desses momentos.

Figura 9 — Transição de cenas



Fonte: *Questão Pedagógica* (0:45)

Nesse instante, mostrado pela Figura 9, em que o cenário da trama muda do cômodo onde estão a diretora e a professora para a sala de aula, a tela se torna esbranquiçada, marcando visualmente o deslocamento. Simultaneamente, insere-se um som que remete a uma

escala cromática tocada em harpa ou piano, reforçando essa passagem. Em produções digitais, esse efeito sonoro funciona não apenas como um recurso de transição entre cenas, mas também como um indicativo de passagem temporal ou até mesmo como um gatilho para a introdução de uma lembrança.

No contexto da animação, essa escolha contribui para a fluidez narrativa, logo, imbricando-se aos processos referenciais, ao passo que guia o espectador e torna tal mudança de cena mais perceptível e natural, pois, caso não houvesse, talvez poderia ser mais difícil conectar os momentos, atrapalhando a progressão discursiva. Embora essa questão não esteja diretamente relacionada à referenciação, as escolhas realizadas pelo produtor culminam na construção de processos referenciais que constroem representações sobre a escola, os alunos e as profissionais.

Posteriormente, outro som se destaca e merece ser evidenciado: uma percussão característica das músicas de funk, especialmente do estilo originado no Rio de Janeiro, marcada por uma batida ritmada e envolvente. A Figura 10, a seguir, retrata essa situação.

Figura 10 — Percussão característica do funk carioca

Fonte: *Questão Pedagógica* (0:52)

Nesse trecho da charge animada, além da introdução referencial já analisada, observa-se a presença de um som sutil de batida de funk no momento em que Nair inicia sua aula de Matemática. Em um primeiro olhar, essa escolha sonora pode parecer desconexa do cenário escolar, uma vez que não há, de imediato, uma relação aparente entre o ambiente da sala de aula e o universo musical do funk. No entanto, ao considerar os processos referenciais em uma perspectiva discursiva e multimodal, é necessário ir além dos elementos linguísticos e cotextuais.

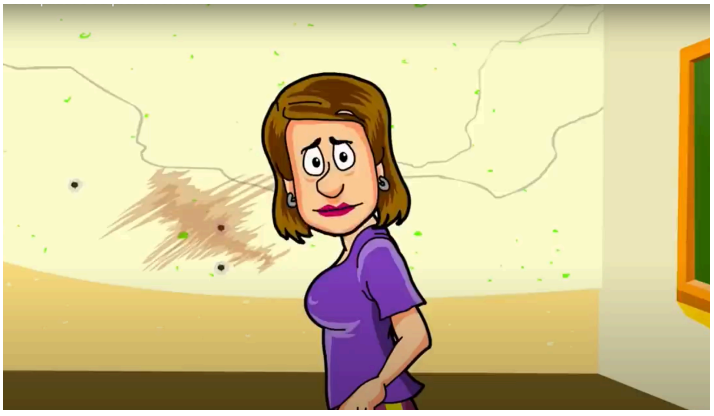
Partindo dessa perspectiva, nota-se que o som é inserido exatamente no instante em que o referente *alunos*, já recategorizado como *alunos violentos*, é homologado visualmente. Dessa forma, estabelece-se uma cadeia referencial a partir de recursos verbais, visuais e

sonoros, reforçando uma construção estereotipada: os alunos são violentos e ouvem funk. Mais especificamente, é sugerida uma associação entre eles e esse gênero musical, reforçando o estigma que historicamente vincula o funk à violência e às periferias.

Cabe pontuar, ainda, que esse tipo de construção não ocorre de forma neutra; pelo contrário, insere-se em um discurso mais amplo que relaciona determinados grupos sociais a práticas culturais frequentemente marginalizadas. Por isso, verifica-se que esse som atua como um recurso que contribui para a construção simbólica dos personagens e do ambiente, consolidando a visão estereotipada de que os estudantes ouvintes de funk pertencem a um universo de desordem. Consequentemente, essa representação não se dá de maneira isolada, pois dialoga com discursos preexistentes circulantes na mídia e na sociedade, frequentemente responsáveis por reforçar preconceitos sobre os espaços periféricos e seus habitantes.

Por fim, no momento retratado pela Figura 11, inserida a seguir, há uma sonoridade característica que delimita o término da produção audiovisual, escolha particularmente interessante. Esse som, frequentemente utilizado por Maurício Ricardo para demarcar o fim de seus vídeos, fortalece o projeto de dizer inerente a cada uma de suas obras, dando-lhes mais dinamicidade e identidade estilística. Percebe-se que essa marca sonora funciona como um elemento de coesão dentro do universo das charges do autor, criando uma espécie de assinatura auditiva que possibilita ao espectador reconhecer sua autoria mesmo sem a necessidade de outros indícios explícitos. Além disso, o uso recorrente desse recurso contribui para a construção de uma previsibilidade estruturante, que orienta a recepção do público, sinalizando de maneira eficaz o encerramento da narrativa e evitando um desfecho abrupto.

Figura 11 — Reprodução de *riff*



Fonte: *Questão Pedagógica* (1:19)

Neste caso, percebido como um som rápido, de intensidade média, feito em instrumentos como teclado e guitarra, denominado no campo musical como *riff*[15], ele auxilia a criar uma sensação de instabilidade quanto ao contexto abordado na história e/ou cena. Também, devido a sua distorção, que deixa a nota mais "ondulada", — chamado *vibratto* —, cria-se um "rastro" sonoro com mais profundidade, enriquecendo o tom ao torná-lo mais expressivo. Dessa forma, relacionando o som à crítica realizada pela animação, comprova-se que ela é intensificada, pois, como se percebe, em um *riff* de fim de piada, o grau de comédia é elevado.

Com isso, pode-se dizer que o som confere deboche e crítica não apenas ao comentário advindo da professora de que "a educação no Brasil ainda tem jeito", mas também a toda situação anteriormente apresentada, desde o modo como a diretora encara as problemáticas presentes em espaço escolar e o seu discurso vazio até o comportamento problemático dos alunos e as mudanças feitas pela professora. Por esses aspectos, pode-se dizer que o referente *escola* é recategorizado novamente, indo de *um lugar propício para o ensino* para *um espaço violento* e, por fim, para *um espaço tão violento que se aprende, nele, com e pela própria violência*: os alunos são violentos, assim como a diretora, a professora e instituição em si. Comprova-se, então, que "a natureza do texto é multifacetada e sua materialidade se organiza sob diferentes combinações inter-semióticas" (Lima, 2018, p. 3).

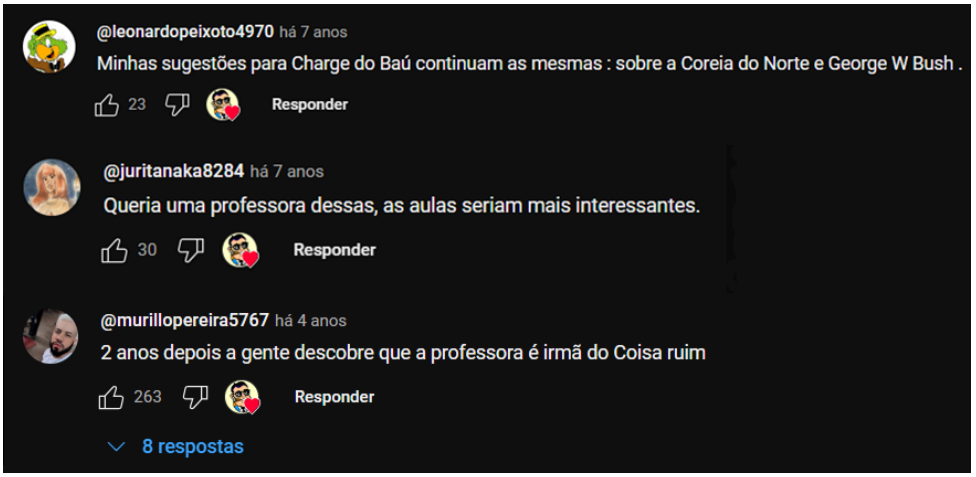
Realizadas essas análises, é relevante destacar, enfim, que elas representam apenas algumas possibilidades interpretativas, não devendo, portanto, ser tomadas como únicas e definitivas. Conforme elucidado ao longo desta dissertação, a (re)construção de referentes envolve, principalmente, a perspectiva adotada pelos sujeitos envolvidos na interação discursiva, assim, configurando-se como um fenômeno dinâmico e multifacetado. Tendo isso em vista, a pluralidade de perspectivas quanto aos processos referenciais envolvidos na produção, circulação e recepção de um texto reforça a necessidade de estabelecer abordagens cada vez mais flexíveis, porém capazes de considerar as múltiplas dimensões semióticas, modais e contextuais envolvidas.

---

[15] O *riff* é um som que se repete continuamente, formando o acompanhamento e/ou base musical. Com ele, cria-se uma espécie de tema quanto à música, pois, possuindo o mesmo efeito que o som de bateria popularmente descrito como "ba dum tss", típico em shows de comédia e *stand up*, ele costuma ser reproduzido quando o *punch line* da piada é entregue. Não se restringindo a esse contexto, em episódios popularmente conhecidos de seriados, como *Chaves* (1973) e *Chapolin* (1973), esse recurso também é empregado, sobretudo em momentos em que algum personagem fala algo que deve ser tomado como engraçado. Exemplos mais específicos são efeitos sonoros de martelada ou de assobio. Alguns dos efeitos mais clássicos da comédia podem ser ouvidos através do seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=txz1zE2i1oc&ab_channel=BGMsCh.

Sobre tamanha dinamicidade dos processos referenciais, isso pode ser pensado a partir das interações digitais que ocorrem via comentários, possibilitadas pela plataforma em que a charge animada investigada foi disponibilizada, o *YouTube*. A seção de comentários, nesse sentido, se torna um espaço de construção ativa de sentidos, no qual os internautas interpretam a animação ao mesmo tempo em que podem contribuir para a ampliação dos referentes a partir de suas próprias leituras e experiências. Assim, torna-se correto dizer que, na interação via internet, a referenciação adquire novas características discursivas, pois os usuários podem retomar elementos da animação, expandi-los, ressignificá-los ou até mesmo criar novos sentidos a partir de associações com outros contextos. A Figura 12, alocada abaixo, ilustra algumas dessas ocorrências.

Figura 12 — Comentários dos internautas



Fonte: Seção de comentários do vídeo *Questão Pedagógica* (2017)

A inserção de comentários permite que o espectador traga novos referentes com base em seus conhecimentos de mundo, muitas vezes indo além do universo original da animação. Nos comentários analisados, surgem referências como *Charge do Baú*, *Coreia do Norte*, *George W. Bush* e *irmã do Coisa ruim*, ampliando a rede discursiva. Isso mostra que a referenciação não se limita ao conteúdo inicial, mas se expande na interação digital, tal como sugere Muniz-Lima (2022), conectando diferentes experiências socioculturais.

Assim, nota-se que a comunicação se torna mais colaborativa, permitindo a construção coletiva de sentidos, e sem essa interação, muitos desses referentes talvez nem fossem evocados. Dessa forma, a relação entre texto, leitor e autor se fortalece, tornando a referenciação um processo ainda mais dinâmico e participativo. Em suma, o espectador, ao reinterpretar e ressignificar a charge animada, evidencia a natureza interativa da referenciação em ambientes multimodais.

Diante dessas questões, ressalta-se que a construção argumentativa como um todo se dá por meio da seleção estratégica de referentes verbais, imagéticos, sonoros e gestuais, que evidenciam um projeto de dizer alinhado ao propósito crítico. Por isso, na charge animada em foco, a composição semiótica do texto reforça um posicionamento crítico diante da "questão pedagógica" abordada, enfatizando como determinados discursos presentes no cotidiano escolar tendem a minimizar os problemas estruturais enfrentados pelos alunos e, simultaneamente, atribuir a responsabilidade exclusiva aos professores, além de estabelecer uma ponte com outros mais, a partir da leitura de cada cibernauta, como evidenciado pelos comentários mostrados acima. Esse enquadramento discursivo, recorrente em debates sobre educação, é reiterado na animação por meio da interação entre os personagens, da entonação adotada nas falas e da construção visual das cenas, que auxiliam para que ocorra a materialização de uma crítica social contundente com a realidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo analisar os processos de referenciação em um texto multimodal, de modo mais específico, as introduções referenciais e as anáforas. A escolha desse objeto de estudo foi motivada pela constatação do crescente uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) pelos sujeitos, o que tem provocado mudanças significativas no conceito de texto. Percebe-se que, cada vez mais, o texto passa a abranger outras modalidades de linguagem além da verbal, como a imagética e a sonora, o que impacta diretamente os estudos em Linguística Textual (LT). Nesse contexto, a abordagem sociocognitivo-discursiva foi adotada com o intuito de compreender os processos de produção de sentidos na era digital, ao mesmo tempo em que se mostrou contributiva para o entendimento do processo de textualização e da construção de referentes.

Tendo isso em mente, a análise do gênero charge animada permitiu articular teoria e prática, levando em consideração sua natureza ideológica, linguística, semiótica e discursiva. Durante o desenvolvimento do trabalho, destacaram-se vários aspectos, incluindo a importância da metodologia para alcançar os objetivos propostos. Com uma pesquisa qualitativa e analítica, de viés interpretativo, foi realizado um levantamento webliográfico que ampliou os estudos sobre referenciação em textos multimodais, estabelecendo uma base a seu respeito. Para além disso, pôde-se constatar que esse procedimento oferece sugestões para futuras investigações, possibilitando abordagens mais explícitas e sistematizadas sobre a teoria da referenciação.

Considerou-se, assim, que sistematizar um processo de levantamento de referências webliográficas e bibliográficas sobre a referenciação em textos multimodais permitiu compreender desdobramentos de dois tipos de pesquisas: por um lado, aquelas realizadas por teóricos mais renomados, tais como Cavalcante (2011; 2022), Cavalcante e Custódio Filho (2010), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Koch (2002; 2010; 2012; 2023) e Ramos (2012). Por outro lado, aquelas menos difundidas, mas que oferecem perspectivas inovadoras sobre o tema, como as de Menegaldo (2014), Ramos e Alfonso Junior (2019) e Dias e Ferreira (2023).

Observa-se, ainda, que os pesquisadores mencionados, entre outros presentes ao longo da dissertação, constituem, de forma recorrente, referenciais teóricos fundamentais para a ampliação dos estudos sobre os processos referenciais, ultrapassando a perspectiva estritamente verbal. Essa ampliação permite compreender a referenciação como um mecanismo dinâmico e situado, que se concretiza na interação entre enunciados,

estabelecendo relações tanto com outros textos quanto com os contextos em que são produzidos e interpretados. Dessa forma, fortalece-se o entendimento de que a referenciação não se restringe a um fenômeno linguístico isolado, mas se manifesta em um contínuo processo de construção de sentido, no qual diferentes recursos semióticos interagem para a construção do projeto de dizer e para a orientação do percurso interpretativo.

Além disso, devido ao percurso adotado, foi possível explorar os fenômenos referenciais, esclarecendo os processos de introdução referencial e anáfora (direta, indireta e encapsuladora). Não menos importante, essa escolha metodológica permitiu expandir a teoria ao considerá-la sob a ótica multimodal, demonstrando que os referentes — ou seja, os objetos de discurso — podem ser introduzidos e retomados não apenas por meio da linguagem verbal escrita, mas também por outros recursos semióticos, como os visuais e os sonoros.

Em um segundo momento, a análise aprofundada dos contextos de produção, circulação e recepção da charge animada se mostrou essencial para situar o gênero em uma perspectiva mais ampla, considerando suas especificidades e as dinâmicas que o envolvem. Esse estudo revelou que os processos referenciais nas charges animadas de fato não se limitam à dimensão cotextual, pois exigem uma abordagem que leve em conta o contexto mais amplo, incluindo fatores sociais, culturais e históricos que influenciam tanto a produção quanto a interpretação dos textos.

Logo, verificou-se que a compreensão dos processos referenciais em charges animadas está intrinsecamente ligada às formas como elas circulam e são recebidas por diferentes públicos. Isso configura um fenômeno comunicacional multifacetado, que transcende as fronteiras do texto isolado e envolve as práticas de leitura e interpretação socialmente mediadas. Por sua vez, esse processo permite a criação de uma representação abrangente para os objetos de discurso, capturando a complexidade da situação em foco e promovendo uma comunicação mais eficaz. Nesse ponto, destaca-se a relevância dos dizeres de Muniz-Lima (2022), que oferecem uma contribuição essencial ao compreender a interação digital como um processo dinâmico e multimodal, em que os participantes constroem sentidos por meio da integração de diferentes semioses. Sua abordagem, trazida para esse trabalho, evidencia como os recursos digitais expandem as possibilidades de referenciação, tornando a comunicação mais complexa e interativa.

Isso posto, a análise multimodal da charge *Questão Pedagógica* (2017) também revelou que as escolhas linguísticas e semióticas constroem os referentes — como *escola*, *professora*, *diretora* e *alunos* — orientando a maneira como esses são (re)categorizados, ao mesmo tempo em que indicam posicionamentos e intencionalidades subjacentes. Em outras

palavras, foi possível compreender que os diversos recursos semióticos empregados se articulam para estruturar projetos de dizer dentro da obra, influenciando diretamente a produção de sentidos na interação com o público, que se dá em múltiplas vertentes. Assim, confirmou-se que a multimodalidade desempenha um papel essencial na organização discursiva e na construção crítica da proposta de conteúdo temático no processo de leitura.

A partir da análise empreendida, observou-se que as introduções referenciais não se limitam apenas às dimensões verbais, o que converge com o posicionamento de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) de que elementos como imagens, sons, gestos, *links* e qualquer outra pista contextual contribui para a introdução referencial. Nesse viés, é relevante destacar que essa estratégia não se restringe à inserção de novos referentes no texto, uma vez que também desempenha um papel fundamental na sinalização de um posicionamento argumentativo, contribuindo para organização discursiva da charge animada.

As escolhas realizadas pelo produtor influenciam a maneira como um referente é apresentado e interpretado em um discurso. Ao selecionar um termo, uma imagem ou uma combinação de semioses para introduzir um referente, o enunciador pode atribuir-lhe determinadas características que influenciam o percurso interpretativo. Por isso, é importante reconhecer que as introduções de referentes exercem um papel estratégico na argumentação, pois influenciam a maneira como os referentes são interpretados, criam pressuposições, orientam a recepção do discurso e estabelecem relações intertextuais que reforçam determinada posição. No caso das charges, em que a proposta enunciativa é promover uma crítica social, por meio de recursos de caricatura, discursos hiperbólicos e estratégias de humor, a introdução dos referentes/participantes (personagens da narrativa) já provoca o leitor para uma interação em que a problematização e a reflexão se instauram.

No que tange à análise dos processos anafóricos, também foi possível constatar a complexidade do fenômeno da referenciação, principalmente quando se trata de textos multimodais, como é o caso da charge animada. Os processos de anáforas diretas, indiretas, recategorizadoras e de encapsulamento abarcam uma combinação de recursos semióticos, seja para contribuir para a caracterização dos referentes, seja para promover a progressão do texto. Nessa perspectiva, na charge analisada, as anáforas permitiram a construção da textualização, estabelecendo relações entre as diferentes partes do texto. Como exemplo, tem-se a professora Nair, apresentada no início da charge e sendo retomada, ao longo da narrativa, sem necessidade de repetição de seu nome verbalmente.

Além disso, merecem destaque as ocorrências de anáforas, que possibilitaram a recategorização dos referentes, o que proporciona aos leitores uma orientação para a

construção da coerência. Sendo assim, ao caracterizar o referente *alunos*, envolvido na teia discursiva, o produtor constrói uma argumentação para demonstrar os problemas cotidianos vivenciados em determinados contextos escolares, como as limitações das avaliações externas, os discursos sobre os processos de aprendizagem, o papel dos professores, a falta de políticas públicas educacionais adequadas etc.

Além de garantir a continuidade, as anáforas contribuem para a progressão textual ao condensar informações e evitar repetições desnecessárias. Esse mecanismo é especialmente relevante nas charges animadas, que possuem espaço e tempo limitados para a socialização de temáticas sociais de forma rápida e eficiente. Assim, as anáforas assumem relevância no processo de textualização, seja para garantir a progressão temática, seja para promover a coesão e a coerência textual, seja para construir um posicionamento argumentativo. Dessa forma, as anáforas, ao operarem em diferentes modalidades e recursos semióticos, são fundamentais para a construção da textualidade nas charges animadas; elas estabelecem vínculos entre partes do enunciado, promovem a coesão e a progressão textual e contribuem para a eficácia argumentativa e humorística do gênero.

Por fim, a pesquisa é contributiva no sentido de que, na contemporaneidade, os sujeitos são constantemente instados a desenvolver novas práticas de interação para se posicionarem no mundo. Logo, ao analisar textos multimodais, é interessante considerar que a referenciação, no espaço digital, deixa de ser um mero mecanismo linguístico e se transforma em um fenômeno discursivo, pela articulação entre semioses e com outros conhecimentos envolvidos no processo, como os dos interlocutores. E esse foi um dos pontos centrais da dissertação.

Por isso, espera-se que essa dissertação abra novos caminhos para investigações futuras, visto que a teoria da referenciação é vasta e não se encerra com o que se propôs aqui. Existem inúmeras outras possibilidades de relacioná-la a outras questões, como já foi feito com a multimodalidade, por exemplo, ao ampliar a perspectiva dos multiletramentos. Quem sabe, assim, pode-se estimular novas abordagens e práticas acadêmicas que envolvam as complexas interações entre linguagem, cultura e tecnologia.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

BARTON, David. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BENTES, Anna Christina; RAMOS, Paulo; ALVES FILHO, Francisco. Enfrentando desafios no campo de estudos do texto. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros. (Org.). **Linguística de texto e Análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010. p. 389-428.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada. **Caderno comunicação e uso de mídias**. Brasília: MEC, 2009. (Série Mais Educação). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12328-comunicacaoeusodemidias-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 14 jun. 2020.

BRITO, Ivaneide Gonçalves de; BEZERRA, Lidiane de Morais Diógenes. Uma abordagem sobre a recategorização referencial: trabalhando a construção de sentidos em texto multimodal. **Verbum**, [s.l.], v. 10, n. 3, p. 260-277, dez. 2021. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/55735/38570. Acesso em: 16 jul. 2024.

CANI, Josiane Brunetti; COSCARELLI, Carla Viana. Textos multimodais como objetos de ensino: reflexões em propostas didáticas. In: KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti (Org.). **Multiletramentos e multimodalidade**: ações pedagógicas aplicadas à linguagem. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 15-47.

CAREGNATO, Sonia Elisa. **Google Acadêmico como Ferramenta para os Estudos de Citações**: Avaliação da Precisão das Buscas por Autor. Ponto de Acesso, Salvador, v. 5, p. 72-86, dez. 2011. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/5682/4106. Acesso em: 10 mai. 2024.

CARVALHO, Jorge Luis Queiroz; SILVA, Francisco Vieira da; ZAVAM, Aurea Suely. Processos referenciais na construção do humor: um estudo do Diário da Dilma. **Nonada**: Letras em Revista, Porto Alegre, v. 2, n. 23, p. 174-184, jul./dez. 2014. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/18142. Acesso em: 05 jan. 2025.

CASTRO, Lorena Gomes Freitas de. **O meme digital**: construção de objetos de discurso em textos multimodais. 2017. 79 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017. Disponível em: https://ri.ufs.br/handle/riufs/8197. Acesso em: 15 jan. 2025.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 44, p. 105–118, 2011. DOI: 10.20396/cel.v44i0.8637068. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637068. Acesso em: 9 fev. 2025.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2022. 5ª reimpressão.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Estratégias de referenciação em textos multissemióticos. **Seda**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 12, p. 55-71, ago. 2020. Disponível em: https://revistaseda.org/index.php/seda/article/download/103/96/307. Acesso em: 31 ago. 2024.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Revisitando o estatuto do texto**. Revista do GELNE, Piauí, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010. Cotação. Agrolink. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/26452. Acesso em: 10 mai. 2024.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al*. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884. Acesso em: 18 jul. 2024.

CORTEZ, Suzana Leite; KOCH, Ingedore G. Villaça. A construção do ponto de vista por meio de formas referenciais. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto de. **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Cortez Editora, 2013. Cap. 1. p. 8-32. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Referencia%C3%A7%C3%A3o_Teoria_e_pr%C3%A1tica/wFaaBQAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=livro+referencia%C3%A7%C3%A3o+teoria+e+pr%C3%A1tica+pdf&printsec=frontcover. Acesso em: 05 fev. 2024.

COSCARELLI, Carla Viana. Reflexões sobre as inferências. **Anais do VI CBLA - Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**, 2002. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=http%3A%2F%2Fwww.letras.ufmg.br%2Fcarlacoscarelli%2Fpublicacoes%2FCBLAinfer.pdf&tabId=1269199050&clen=153677&chunk=true. Acesso em: 01 fev. 2025.

COSTA, Wagner Alexandre dos Santos; SANTOS, Angela Marina Bravin dos; SOUZA, Juliana Behrends de. Processos de referenciação no gênero multimodal meme: proposta de aplicação ao ensino de leitura. **Confluência**: Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, n. 65, p. 125-147, 2023. Disponível em: https://confluencia.emnuvens.com.br/rc/article/view/1326. Acesso em: 10 fev. 2025.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 2011. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2011. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8896. Acesso em: 31 jul. 2024.

DIAS, Jaciluz *et al*. A referenciação em textos multissemióticos: uma análise de uma charge animada. In: BRAMBILA, Guilherme; REZENDE, Patrick (Org.). **A linguística na escola básica**. Tutóia: Diálogos, 2023. p. 53-94. Disponível em: https://www.editoradialogos.com/livros/a-linguistica-na-escola-basica/. Acesso em: 06 dez. 2023.

DIAS, Jaciluz; FERREIRA, Helena Maria. O gênero GIF comic: um estudo à luz da referenciação. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, *[S. l.]*, v. 52, n. 2, p. 369–386, 2024. DOI: 10.21165/el.v52i2.3654. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3654. Acesso em: 9 fev. 2025.

FERREIRA, Elaine Cristina Forte Ferreira; LIMA-NETO, Vicente de. Recategorização e construção do sentido em textos multimodais. **Signo**, v. 38, n. 64, p. 228-243, 2 jan. 2013. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/3421. Acesso em: 31 jul. 2024.

FIORIN, José Luiz. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (Org.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012. Cap. 8. p. 145-165.

FONTINELE, Francisco Francisco Pereira da Silva; CARVALHO, Maria Angélica Freire de. Referenciação no texto verbo-imagético: um estudo discursivo sobre o processo de recategorização. **Rascunhos Culturais**, [s.l.], v. 13, n. 25, p. 1-16, 17 ago. 2022. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/rascunhosculturais/article/view/17522. Acesso em: 25 abr. 2024.

FONTINELE, Francisco Francisco Pereira da Silva; CARVALHO, Maria Angélica Freire de. Referenciação no texto multimodal: um olhar sobre o encapsulamento verbo-imagético e sua colaboração na orientação argumentativa. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 17, n. 36, p. 127-142, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/40269/27989. Acesso em: 28 jul. 2024.

KOCH, Ingedore Villaça. **A Inter-Ação pela Linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2023.

KOCH, Ingedore Villaça. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (Org.). **Referenciação e discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (Org.). **Referenciação e discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KRESS, Gunther. **Multimodality**: a social semiotic approach to contemporary communication. New York: Routledge, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Dean. Referenciação, argumentação e humor em esquetes. **Organon**, Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 1-16, 4 jul. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/81585. Acesso em: 01 jan. 2025.

LIMA, Silvana Maria Calixto. Linguística Textual e Linguística Cognitiva: explorando processos de recategorização. In: CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Linguística Textual**: diálogos interdisciplinares. Vitória-São Paulo: Labrador Universitário, 2017. Cap. 19. p. 572-597. E-book. Disponível em: https://pt.everand.com/read/405708893/Linguistica-Textual-Dialogos-Interdisciplinares. Acesso em: 8 jan. 2025.

LIMA, Silvana Maria Calixto de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto de. **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Editora Cortez, 2013. Cap. 2. p. 30-85.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1975.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Compreensão textual como trabalho criativo. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. **Caderno de formação**: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 89-103, v. 11. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40358?mode=full. Acesso em: 24 jun. 2024.

MENDES, André Melo. **Metodologia para análise de imagens fixas**. Belo Horizonte: Ppgcom Ufmg, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/38143/2/andreMendesMetodImagens.pdf. Acesso em: 31 ago. 2024.

MENEGALDO, Karina. Miss simpatia: a edificação do objeto discursivo Marina Silva em textos multimodais. **Estudos Linguísticos**, [s.l.], v. 43, n. 3, p. 1342-1355, 14 jun. 2014. Disponível em: https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/528. Acesso em: 16 jul. 2024.

MENEZES, Vanda Maria Cardozo de. Referenciação: implicações conceituais. In: TEDESCO, Maria Teresa; MENEZES, Vanda Cardozo de (Org.). **Aspectos da referenciação em diferentes textos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2021. p. 21-53. Disponível em: https://pt.everand.com/read/589410592/Aspectos-da-referenciacao-em-diferentes-textos. Acesso em: 01 jan. 2025.

MONDADA, Lorenza. Gestion du topic et organisation de la conversation. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 41, p. 7-35, jul./dez. 2001. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327197511_Gestion_du_topic_et_organisation_de_la_conversation. Acesso em: 24 mai. 2024.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biassi; CIULLA, Alena (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Gabriela Rabuske. Explorando modalidades retóricas sob a perspectiva da multimodalidade. **Letras,** [s. l.], n. 40, p. 43–66, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12025. Acesso em: 11 dez. 2023.

MUNIZ-LIMA, Isabel. **Modos de interação em contexto digital**. 2022. 178 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/64516. Acesso em: 02 jan. 2025.

NASCIMENTO, Suelene Silva Oliveira. **A construção multimodal dos referentes em textos verbo-audiovisuais**. 2014. 150 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/9504. Acesso em: 05 fev. 2025.

OLIVEIRA, Jailton Ferreira de Oliveira. **A Multimodalidade da charge animada e seu uso em sala de aula**. 2015. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/16927/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Jailton%20Ferreira%20de%20Oliveira.pdf. Acesso em: 31 jul. 2024.

OLIVEIRA, Tâmara Lyz Milhomem de; DIAS, Reinildes. Multimodalidade ontem e hoje nas *homepages* do Yahoo: trilhando uma análise diacrônica de textos multimodais. In: KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti (Org.). **Multiletramentos e multimodalidade**: ações pedagógicas aplicadas à linguagem. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 79-107.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PIMENTA, Sônia. Linguística Textual e a perspectiva sociossemiótica da linguagem: orquestrações multimodais de significados. In: CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Linguística Textual**: diálogos interdisciplinares. Vitória-São Paulo: Labrador Universitário, 2017. Cap. 18. p. 542-571. E-book. Disponível em: https://pt.everand.com/read/405708893/Linguistica-Textual-Dialogos-Interdisciplinares. Acesso em: 8 jan. 2025.

PINTO, Priscila Guimarães. **Referenciação e humor em tiras da personagem Marly**. 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Linguísticos, Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_11025_impress%E3o%20disserta%E7%E3o%20priscila.pdf. Acesso em: 01 jan. 2025.

PROFESSORA APRENDE A DAR AULA NAS QUEBRADAS! (Do Baú). Canal do Youtube Charges.com.br: Maurício Ricardo, 2017. (1min. e 36s.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tGuRIEUHiAk. Acesso em: 06 jun. 2024.

RAMOS, Paulo. Estratégias de referenciação em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas. **Linguagem em (Dis)Curso**, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 743-763, dez. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ld/a/6TYqftSSCStg6vZRFvrTGCG/. Acesso em: 01 ago. 2024.

RAMOS, Paulo; ALFONSO JUNIOR, Flávio. Mesma imagem, leituras plurais: recategorizações multimodais de "castanha do pará". **Diálogos Pertinentes**, [s.l.], v. 15, n. 2, p. 88-111, jul./dez. 2019. Cruzeiro do Sul Educacional. http://dx.doi.org/10.26843/dp.v15i2.3613. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343754755_Mesma_imagem_leituras_plurais_recategorizacoes_multimodais_de_Castanha_do_Para. Acesso em: 05 fev. 2025.

RANIERI, Thaís Ludmila da Silva. Referenciando semioses não verbais: breves reflexões. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 1276-1286, set./dez. 2016. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1055/636. Acesso em: 8 jun. 2024.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever, hoje**: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. São Paulo: Parábola, 2018.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo. Maringá: EDUEM, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista Famecos**, [s.l.], v. 10, n. 22, p. 23-32, 12 abr. 2003. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3229. Acesso em: 05 fev. 2025.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

SANTANA, Vanda Maria Alves. **O encapsulamento imagético na construção da argumentação em textos verbo-imagéticos**. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2019. Disponível em: https://sistemas2.uespi.br/handle/tede/177. Acesso em: 24 maio 2024.

SANTOS, Záira Bomfante; PIMENTA, Sônia Maria Oliveira. Da Semiótica Social à multimodalidade: a orquestração de significados. **CASA**: Cadernos de Semiótica Aplicada, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 295, 26 fev. 2014. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/7243. Acesso em: 23 mar. 2022.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Cultrix: São Paulo, 1975.

SILVA, Anderson Menezes da; SALES, Willame Santos de; ALVES, Maria da Penha Casado. Gênero charge: do papel aos bytes. In: XVIII Semana de Humanidades da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010, Natal. **Anais da XVIII Semana de Humanidades da UFRN 2010**, 2010. Disponível em: https://www.cchla.ufrn.br/shXVIII/artigos/GT22/GENERO%20CHARGE%20DO%20PAPEL%20AOS%20BYTES.pdf. Acesso em 31 jul. 2024.

SILVA, Aparecida Juliana da; RANIERI, Thaís Ludmila da Silva. Um olhar para os processos referenciais em conversas no WhatsApp. **Revista Prolíngua**, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 3-15, ago./set. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/48663. Acesso em: 24 maio 2024.

SILVA, Franklin Oliveira. Introdução referencial: novos olhares. **Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**, 2012. Natal: EDUFRN, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/31826. Acesso em: 24 mai. 2024.

SILVA, Ivanilson José da; RANIERI, Thaís Ludmila da Silva; ATAÍDE, Cleber Alves de. O processo de referenciação na relação verbo-gestual: um recorte do videoblog “Salto agulha”, de tveja. **Revista Encontros de Vista**, Recife, v. 17, n. 1, p. 74-85, jan./jun. 2021. Disponível em: https://www.journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4645/482484354. Acesso em: 06 jan. 2025.

SILVA, Silvio Profirio da; SOUZA, Francisco Ernandes Braga de; CIPRIANO, Luis Carlos. Textos multimodais: um novo formato de leitura. **Linguagem em (Re)Vista**, Niterói, v. 10, n.

19, p. 133-159, jan. 2015. Disponível em: http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/19/08.pdf. Acesso em: 07 mar. 2022.

SILVA, Taís Bopp da. Corpo e gramática: abordagens para o estudo de recursos expressivos corporificados. **Revista da ABRALIN**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 1–5, 2020. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1479. Acesso em: 9 fev. 2025.

SILVA, Walleska Bernardino. **A referenciação em textos verbo-imagéticos**. 2014. 306 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15312. Acesso em: 02 jan. 2025.

SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira; MACHADO, Rosemeri Passos Baltazar. O verbal e não-verbal na produção dos efeitos de sentido no gênero charge. In: CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes (Orgs). **Gêneros textuais**: teoria e prática II. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

SOUZA JUNIOR, Rivaldo Capistrano de; LIMA, Dean Guilherme Gonçalves. Esquetes do coletivo criativo "Porta dos Fundos": uma proposta de análise do fenômeno referencial. **Reviista (Con)Textos Linguísticos**, [s.l.], v. 10, n. 17, p. 201-216, 21 dez. 2016. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/14800/10817. Acesso em: 01 jan. 2025.

TEIXEIRA, Maria Cláudia; ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro. O gênero jornalístico charge no letramento escolar. **Revista Língua & Literatura**, Frederico Westphalen, v. 12, n. 19, p. 89-107, dez. 2010. Disponível em: http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/147. Acesso em: 10 dez. 2023.

VIEIRA, Josenia Antunes. Novas perspectivas para o texto: uma visão multissemiótica. In: VIEIRA, Josenia Antunes et al. **Reflexões sobre a língua portuguesa**: uma abordagem multimodal. Petrópolis: Vozes, 2007.